



Douglas Firmino dos Santos

**Identidades em (trans)formação: análise de narrativas
testemunhais do programa Vício Tem Cura**

Dissertação de Mestrado

Dissertação apresentada como requisito parcial para
obtenção do grau de Mestre em Letras/Estudos da
Linguagem pelo Programa de Pós-Graduação em
Estudos da Linguagem do Departamento de Letras da
PUC-Rio.

Orientadora: Liana de Andrade Biar

Rio de Janeiro
Abril 2022



Douglas Firmino dos Santos

**Identities in (trans)formation: análise de narrativas
testemunhais do programa Vício Tem Cura**

Dissertação apresentada como requisito parcial para
obtenção do grau de Mestre pelo Programa de Pós-
graduação em Estudos da Linguagem da PUC-Rio.
Aprovada pela Comissão Examinadora abaixo:

Liana de Andrade Biar

Orientadora

Departamento de Letras – PUC-Rio

Liliana Cabral Bastos

PUC-Rio

Talita de Oliveira

CEFET/RJ

Rio de Janeiro, 20 de abril de 2022.

Todos os direitos reservados. A reprodução, total ou parcial do trabalho, é proibida sem a autorização da universidade, do autor e da orientadora.

Douglas Firmino dos Santos

Graduado em Letras (Licenciatura) — Língua Portuguesa e Respektivas Literaturas pela PUC-Rio em 2019. Tem enquanto áreas de interesse Análise de Discurso e Análise de Narrativa em interface com Linguística Aplicada Contemporânea.

Ficha Catalográfica

Santos, Douglas Firmino dos

Identidades em (trans)formação : análise de narrativas testemunhais do programa Vício Tem Cura / Douglas Firmino dos Santos ; orientadora: Liana de Andrade Biar. – 2022.

140 f. : il. color. ; 30 cm

Dissertação (mestrado) – Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, Departamento de Letras, 2022.

Inclui bibliografia

1. Letras – Teses. 2. Discurso. 3. Narrativa. 4. Desvio. 5. Identidade. 6. Neopentecostalismo. I. Biar, Liana de Andrade. II. Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro. Departamento de Letras. III. Título.

CDD: 400

A todos que resistem
e existem
por resistir.

Agradecimentos

Primeiramente, à minha orientadora, Liana Biar, por desde a graduação me mentorar. Você é a maior inspiração acadêmica que tenho;

Em segundo lugar, ao NAVIS, por ser um grupo de pesquisa tão acolhedor e colaborativo;

Aos meus familiares, por me apoiarem em minhas escolhas;

Ao meu namorado, Gabriel, por sempre me fazer lembrar da minha capacidade nos momentos em que duvidei do meu potencial.

Obrigado.

O presente trabalho foi realizado com apoio da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior — Brasil (CAPES) — Código de Financiamento 001.

Resumo

Santos, Douglas Firmino dos; Biar, Liana de Andrade (Orientadora). **Identities em (trans)formação: análise de narrativas testemunhais do programa Vício Tem Cura**. Rio de Janeiro, 2022. 140p. Dissertação de Mestrado — Departamento de Letras, Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro.

A dissertação busca compreender como sujeitos (auto)denominados "ex-viciados" criam inteligibilidade sobre eles próprios e o mundo ao relatarem suas histórias de vida (re)significando experiências passadas, (re)desenhando o presente e o futuro e abandonando, fabricando e reivindicando identidades e pertencimento a grupos sociais. Com o propósito de atingir estes objetivos, lanço mão da Análise de Narrativa enquanto ferramenta teórico-metodológica de estudo, visto que o interesse da pesquisa é focado na compreensão do que fazemos ao narrar, ou seja, o caráter performativo da linguagem. Os dados selecionados para análise são narrativas testemunhais vinculadas a um programa televisionado da Igreja Universal do Reino de Deus chamado Vício Tem Cura, que apresenta sujeitos que atingiram a cura para o "vício" através da fé, por intermédio das igrejas iurdianas. Frente a esse recorte, são observados os alinhamentos discursivos que entram em jogo ao longo das interações, pautando consensos que se atrelam às substâncias e ao seu consumo, que difundem normas e desvios ao passo que promovem cisões identitárias em e entre sujeitos e grupos sociais. Além disso, o trabalho visa verificar se há algum padrão estrutural nas narrativas analisadas, uma vez que não são prototípicas. Por fim, conclui-se que o discurso que permeia as igrejas iurdianas gera narrativas de superação do uso de substâncias que limitam a compreensão do uso de substâncias a uma mesma história, o que cria uma identidade homogênea e marginalizada — como se fosse possível, nos tempos atuais, performarmos todos um mesmo self —, ratificando e propagando preconceitos e estereótipos.

Palavras-chave

Discurso; narrativa; desvio; identidade; Neopentecostalismo.

Abstract

Santos, Douglas Firmino dos; Biar, Liana de Andrade (Advisor). **Identities in (trans)formation: analysis of testimonial narratives from the program "Vício Tem Cura"**. Rio de Janeiro, 2022. 140p. Dissertação de Mestrado — Departamento de Letras, Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro.

This dissertation pursues the understanding of how self-appointed "former addicts" create intelligibility about themselves and the world by telling their life stories (re)signifying past experiences, (re)designing present and future and abandoning, manufacturing and claiming identities and belonging to social groups. Seeking to reach these objectives, the chosen theoretical-methodological tool is Narrative Analysis, since this research's interest is focused on the comprehension of what we do as we narrate, that is, the performative character of language. The selected data to be analyzed are testimonial narratives articulated to a television program from Igreja Universal do Reino de Deus (Universal Church of the Kingdom of God), called "Vício Tem Cura" (There's a cure for addiction, in a free translation). This program portrays people who have reached a recovery from "addiction" through faith, by the mediation of UCKG churches. Based in this sample, I observe the discursive alignments that come into play throughout the interactions, underscoring the consensus linked to substances and their consumption, that disseminates their norms and deviations while promoting split identities in and among subjects and social groups. Furthermore, this investigation aims to verify whether there are any structural patterns in the analyzed narratives, since they are not prototypical. Finally, I conclude that the discourse which permeates UCKG churches promotes narratives of overcoming substances use that limits the understanding of substances consumption to the same story, which creates a homogeneous and marginalized identity — as if it were possible, in current times, for us all to perform the same self — ratifying and propagating prejudices and stereotypes.

Key-words

Discourse; narrative; deviation; identity; Neo-Pentecostalism.

Sumário

1. Introdução.....	15
2. Drogas (ou substâncias?).....	20
2.1 Estudos sobre drogas.....	22
2.2 Discurso.....	24
2.2.1 Discursos sobre drogas.....	25
2.2.2 Discurso legislador.....	26
2.2.3 Discurso médico.....	30
2.2.4 Discurso neopentecostal.....	34
2.2.5 Conjecturas léxico-semânticas	35
2.3 Desvio.....	36
3. Pressupostos teórico-metodológicos	42
3.1 Postura epistemológica.....	43
3.2 Um olhar qualitativo.....	44
3.3 Ferramentas analíticas.....	46
3.3.1 Análise de Narrativa.....	46
3.3.2 <i>Small stories</i>	49
3.4 Identidade	51
3.5 Narrativa e identidade.....	54
3.6 Lâminas de investigação.....	55
3.7 Discurso e discurso.....	57
3.8 Sistemas de coerência e princípios de coerência	58
3.9 Critérios de análise e seleção de dados	60
4. Shows da fé.....	63
4.1 Os programas iurdianos.....	64
4.2 Vício Tem Cura.....	65
5. De-para: abandono e admissão de identidades	75
5.1 A queda	76
5.2 Narrativas vicárias e (re)afirmação de estigmas	89
6. Pontos de virada: o firmamento de uma nova identidade	95
6.1 O calvário.....	95
6.2 O levantar	102
6.3 A tentação.....	107
6.4 Os ciclos da metamorfose — laminação e estruturação das narrativas	109
7. Considerações finais — conectando os pontos	123

8. Coda — justificativa de pesquisa e reflexões sobre o processo de escrita e variáveis da pesquisa acadêmica	128
9. Referências	131
10. Anexo: convenções de transcrição	140

Lista de figuras

Figura 1: Relação retroativa entre discurso e Discurso	57
Figura 2: Valdemiro Santiago apresentando seu programa	63
Figura 3: Momento da água.....	64
Figura 4: O que se precisa saber sobre o tratamento iurdiano	66
Figura 5: As "correntes do vício"	67
Figura 6: O lugar de Deus no coração.....	71
Figura 7: Colagem de posts de Instagram	72-73
Figura 8: Elemento de profanação I	78
Figura 9: Elemento de profanação II	79
Figura 10: Profanação/deterioração do corpo	82
Figura 11: Efeitos de ação e consequência a longo prazo	101
Figura 12: Leandro e a vitrine de sua nova identidade	106
Figura 13: Estruturação das narrativas testemunhais do programa Vício 119 Tem Cura	
Figura 14: Relação entre narrativas-filhas e narrativa-mãe	119
Figura 15: Choques interacionais.....	121

Lista de tabelas

Tabela 1: Discursos e suas respectivas conjecturas léxico-semânticas	36
Tabela 2: Desvio	39
Tabela 3: Testemunhos analisados.....	62
Tabela 4: Esquematização do testemunho de Luiz.....	100
Tabela 5: Esquematização do testemunho de Sebastião	100
Tabela 6: Organização das narrativas I.....	111
Tabela 7: Organização das narrativas II.....	112
Tabela 8: Organização das narrativas III.....	113
Tabela 9: Organização das narrativas IV.....	114

*[A]queles que lhe obedecerem se unirão
voluntariamente com ele.*

(Michel Foucault, 2018)

1

Introdução

As drogas são uma questão patente em todo o planeta. Segundo o Relatório Mundial Sobre Drogas de 2019, "uma visão de longo prazo revela que o número de pessoas que usam drogas aumentou 30% na comparação com 2009" (UNODC, 2019). A pandemia de COVID-19, ocasionada pela proliferação do vírus SARS-CoV-2 — que, até o momento em que escrevo este texto, foi a *causa mortis* de mais de seiscentos mil óbitos registrados no Brasil —, parece ter ampliado ainda mais a escala de uso de drogas no mundo. Em nosso país, pesquisas realizadas ao longo da pandemia apontam não só um aumento na procura por apoio psicológico¹, como, também, por medicamentos ansiolíticos e antidepressivos², fármacos comumente utilizados no tratamento de insônia, ansiedade e depressão. Não obstante, o alcoolismo cresceu no período da pandemia³ e os fumantes passaram a fumar mais⁴. No entanto, além do fator epidemiológico, outras condições também influenciam o consumo de drogas, como as de ordem social, genética, cultural e de identidade de grupo, por exemplo. Independentemente das razões que nos levam a consumir drogas, a prática é costumeiramente percebida como um problema.

Há uma vasta literatura no campo das ciências humanas e sociais — mais especificamente, os estudos socioculturais — que busca compreender a relação sujeito-sociedade-droga no Ocidente para entender as dinâmicas que entram em jogo quando se fala sobre drogas no mundo ocidental, como o de Johann Hari (2018), que está imerso em práticas sociais da contemporaneidade. Aqui, enveredo por um caminho similar, com a proposta de focar nos eventos discursivos que carac-

¹ Cf.: Cresce a procura por apoio psicológico na pandemia. Disponível em: <<https://www.ulbra.br/canoas/imprensa/noticia/29499/cresce-a-procura-por-apoio-psicologico-na-pandemia>>. Acesso em 01 dez. 2021 às 16h20.

² Cf.: Busca por ansiolíticos e antidepressivos cresce mais de 100%. Disponível em: <<https://www.terra.com.br/vida-e-estilo/saude/bem-estar/busca-por-ansioliticos-e-antidepressivos-cresce-mais-de-100,87359c54e65b3dc52fc165d88e9eff96xjhnhig.html>>. Acesso em 15 jul. 2021 às 18h13.

³ C.f.: Alcoolismo cresce na pandemia; qual o limite entre o lazer e o vício? Disponível em: <<https://www.uol.com.br/vivabem/noticias/redacao/2021/07/01/alcoolismo-cresce-na-pandemia-qual-o-limite-entre-o-lazer-e-o-vicio.htm>>. Acesso em 29 jul. 2021 às 15h13.

⁴ Cf.: Consumo de cigarro aumentou para 34% dos fumantes brasileiros durante a pandemia, diz pesquisa da Fiocruz. Disponível em: <<https://oglobo.globo.com/sociedade/consumo-de-cigarro-aumentou-para-34-dos-fumantes-brasileiros-durante-pandemia-diz-pesquisa-da-fiocruz-1-24583015>>. Acesso em 29 jul. 2021 às 15h25.

terizam o uso de drogas enquanto crime, doença e possessão demoníaca, com ênfase na última, que tem como um de seus pontos de partida igrejas neopentecostais, grandes formadoras de opinião e de agenciamento político (não obstante, o Congresso Nacional é composto por uma bancada evangélica que representa 20% de seu quantitativo⁵).

Ao longo da pesquisa, notei que a maioria dos discursos sobre o uso de drogas em circulação em nossa sociedade, ou seja, as grandes narrativas que formam opiniões sobre o uso de drogas, costumam significá-lo enquanto um desvio: uma ação, um modo de agir ou se colocar no mundo considerado "errado", ou inadequado. Então, passei a indagar, de modo mais geral: que grandes narrativas são essas? E, por conseguinte, que parâmetros elas estabelecem para separar normalidades de desvios? Que estigmas esses desvios geram? De que forma tais estigmas interferem na (trans)formação de identidades? A partir daí, delineei os propósitos mais específicos deste trabalho, que pretendo responder a partir das seguintes perguntas:

- a) Que sentidos são colocados em circulação quando se fala de drogas na contemporaneidade, em nossa sociedade?
- b) Ao se contar histórias sobre o uso de drogas em um contexto religioso neopentecostal, o que é feito?
- c) Que representações identitárias, ideológicas e culturais são legitimadas e interditadas por essas histórias?
- d) Como essas histórias se estruturam?

Para tentar sanar tais questionamentos, lanço mão da Análise de Narrativa, uma ferramenta teórico-metodológica, de orientação discursiva, que se interessa pelas histórias que contamos, e que hoje se abre para formular interpretações sobre a vida social.

A Análise de Narrativa por muito tempo considerou como dados ideais de pesquisa narrativas prototípicas⁶ geradas em entrevistas, que se baseiam em uma dinâmica interacional de perguntas e respostas entre entrevistador e entrevistado

⁵ Cf.: Veja quais deputados e senadores fazem parte da bancada evangélica. Disponível em: <<https://congressoemfoco.uol.com.br/area/congresso-nacional/veja-quais-deputados-e-senadores-fazem-parte-da-bancada-evangelica/>>. Acesso em 11 mar. 2022 às 13h27.

⁶ Narrativas prototípicas é o modo como Georgakopoulou (2006) nomeia narrativas não canônicas, ou seja, que não apresentam os pressupostos estruturais básicos descritos por Labov (1972). O termo *narrativa prototípica* será melhor apresentado e desenvolvido ao longo do capítulo 3.

mediada por um gravador. Isso porque, entre o final da década de 70 e o início dos anos 2000, os estudos em narrativa se interessavam pela estrutura canônica das histórias de vida, presentes em narrativas que, de acordo com o pensamento da época, só emergiam durante entrevistas, o que levou a uma série de interações serem consideradas inapropriadas para trabalhar em pesquisa.

As viradas narrativas (GEORGAKOPOULOU, 2006; ORTON, 2021), importantes movimentos que ressignificaram a Análise de Narrativa, somente na terceira guinada apontaram a necessidade de estudar interações antes rejeitadas em virtude de seus contextos de surgimento — desse momento em diante, as análises passaram a abordar não só as características estruturais da narrativa, como, também, as interacionais e as discursivas, ampliando seu escopo metodológico. Assim, além dos dados gerados em entrevista, toda e qualquer interação que envolve práticas de linguagem e suscitam o surgimento de narrativas, sejam elas prototípicas ou não, passaram a ser laminadas e observadas cientificamente, fazendo da Análise de Narrativa uma disciplina estreitamente preocupada com a língua e as múltiplas situações sociais em que ela é usada e como é usada, a fim de criar uma maior compreensão sobre o modo como nos relacionamos com o mundo, uns com os outros e com nós mesmos.

Atualmente, a Análise de Narrativa atua em diferentes enquadres interacionais que focam em contextos de fala situados, e, aparentemente, muito específicos, mas, que, na verdade, nos permitem ter uma visão panorâmica de nossa sociedade, auxiliando na compreensão de como certos consensos são criados, compartilhados e reproduzidos. Para isso, nesta pesquisa, me atento a um cenário religioso — um programa neopentecostal televisionado chamado Vício Tem Cura, que promove uma cura para o uso de drogas.

A partir de um recorte de cinco testemunhos e alguns recursos semióticos que compõem o programa Vício Tem Cura, publicamente disponíveis em redes sociais como o Youtube e o Instagram, busco entender que sentidos o discurso que permeia as igrejas iurdianas disseminam sobre drogas e o uso de drogas. Acredito que voltando o olhar para esse contexto e as narrativas que dele emergem é possível

- 1) instigar o movimento de estudos de narrativas em gêneros discursivos diversos,
- 2) pontuar algumas das grandes narrativas que estão em circulação em nossa sociedade atualmente quando se fala sobre drogas e uso de drogas e 3) compreender quais sentidos e identidades essas grandes narrativas fabricam e disseminam,

focando no contexto do programa Vício Tem Cura e das igrejas iurdianas como um todo.

Três conceitos são importantes para delinear os contornos desta pesquisa: identidade (HALL, 2006), desvio (BECKER, 1977) e discurso (FOUCAULT, 2014 [1970]). Aqui, compreendo identidade enquanto um produto social, um conjunto de conhecimentos que construímos em torno de quem somos (JAMES, 2007); desvio, uma marca que aponta para uma série de regras sociais que afetam diretamente nossa identidade, sendo um dos grandes responsáveis por categorizar conceitos de certo e errado e atribuir estigmas; discurso, um tipo de poder que difunde e legitima desvios e os estigmas que ele perpetua, poder esse de que, segundo Foucault, queremos nos apropriar (FOUCAULT, 2014 [1970]).

O texto se divide em oito seções, contando esta introdução. Na próxima seção, o capítulo 2, traço um panorama geral do que considero os principais discursos sobre drogas em circulação em nossa sociedade, pensando sobre como eles se formaram e se propagam em diferentes contextos interacionais, tomando o Ocidente como plano de fundo.

O capítulo 3 é dedicado às ferramentas teórico-metodológicas que embasam o trabalho e minha formação enquanto pesquisador. Argumento sobre a importância da pesquisa qualitativa para este trabalho, bem como da Análise de Narrativa, discorrendo sobre a origem do campo com os estudos de Labov e Waletzky (1967) e Labov (1972), suas viradas e as concepções de narrativa possíveis de serem adotadas na contemporaneidade (BAMBERG; GEORGAKOPOULOU, 2008).

No capítulo 4, apresento o principal lócus de observação desta pesquisa: o programa iurdiano Vício Tem Cura. Aproveito para localizá-lo em um campo mais abrangente, que se encontra em um conjunto formado por uma vasta linha de programas religiosos que prometem os mais variados tipos de cura.

Os capítulos 5 e 6 são seções mais específicas de análise, em que observo como as narrativas de "ex-viciados" que se apresentam no programa Vício Tem Cura mergulham nos sistemas de coerência do programa (LINDE, 1993), e assim, (re)significam experiências de vida passadas, presentes e futuras. Ao final do capítulo 6, esquematizo a estruturação das narrativas analisadas, que me parecem ter uma estrutura em comum, o que suponho atender a uma ordem de causalidade e coesão frente ao que está sendo relatado. Além disso, organizo de forma mais

delimitada o uso das laminações propostas por Biar (2012) e Biar, Orton e Bastos (2021).

No capítulo 7, apresento minhas considerações finais sobre a pesquisa, conectando os pontos levantados nos capítulos anteriores e falando sobre a importância de postularmos entendimentos sobre identidade e as proibições acerca do uso de drogas.

O capítulo 8 é uma seção em que justifico o porquê desta pesquisa ter sido feita, e falo um pouco sobre o processo de escrita, que foi diretamente afetado pelo cenário pandêmico em que nos encontrávamos ao longo dos anos de 2020 e 2021.

2

Drogas (ou substâncias?)

Há milhares de anos, nós, seres humanos, fazemos uso de "diversas substâncias para provocar alterações nas funções psíquicas e comportamentais" (MACRAE, 2001, p. 26) de nossos próprios corpos. Há registros disso em todos os continentes do mundo: na China de 4.000 a.C., na Assíria do século IX a.C., na Europa Ocidental do século VII a.C., na América pré-colombiana e em tantos outros momentos sócio-históricos⁷ (*Idem.*).

Além do uso para finalidades lisérgicas, as substâncias também eram muito utilizadas para tratar dores, problemas de saúde e até mesmo evitar envenenamentos (MACRAE, 2001, p. 27). Tomando como base o Ocidente, por muitos séculos, o uso de substâncias foi visto enquanto uma atividade neutra, que marcava presença em múltiplos encontros sociais. Com a cristianização do Império Romano, o consumo de substâncias passa a ser considerado um problema, pois

[o]s sacerdotes da nova religião do estado passaram a perseguir os praticantes de cultos vistos como rivais, tentando obliterar qualquer traço de suas antigas crenças e práticas, incluindo a sua vasta farmacopeia. As drogas passaram a ser estigmatizadas não só por sua associação a cultos mágicos e religiosos, mas também por seus usos terapêuticos para aliviar o sofrimento, já que a dor e a mortificação da carne eram concebidas pelos cristãos no poder como formas de aproximação a Deus. Tal foi a perseguição ao conhecimento farmacológico que, no século X, o emprego de drogas para fins terapêuticos tornara-se sinônimo de heresia e a busca de cura tinha que se limitar ao uso de recursos de eficácia puramente simbólica, tais como estranhas substâncias conhecidas como "pó de múmia" e "pó de chifre de unicórnio", além das indulgências eclesiásticas, óleos santos, velas e água benta (MACRAE, 2001, p. 27).

Somente no século XVIII, com o surgimento de movimentos intelectuais como o Iluminismo, "houve um arrefecimento da perseguição aos heterodoxos religiosos e uma volta das drogas do paganismo à luz do dia" (MACRAE, 2001, p. 28). Com isso, a farmacologia passou a investir fortemente nas propriedades medicinais do ópio. No século XIX, no auge dos conflitos bélicos, cientistas passa-

⁷ Para MacRae (2001), apesar de haver dados que indiquem o uso religioso da iboga na África, os poucos estudos sobre substâncias no continente não dão conta de traçar um panorama mais objetivo da região.

ram a "isolar os princípios ativos de várias plantas, produzindo fármacos como a morfina" (MACRAE, 2001, p. 28) para tratar de dores tanto físicas quanto mentais. Aos poucos, as substâncias foram transportadas das enfermarias para os grandes salões aristocratas:

[a]rtistas, afinados com o novo cultivo do subjetivismo e do individualismo, empregavam [substâncias] para embarcar em aventuras interiores, centrando seus interesses sobre os desvios da consciência, as transformações mais íntimas dos sentidos e dos pensamentos, usando-as como tema ou inspiração para suas criações (MACRAE, 2001, p. 29).

De acordo com MacRae (2001), a classe espoliada também fazia uso de substâncias, porém, com um outro propósito: o de se aliviar das mazelas provocadas pela exploração da mão de obra com o início da Revolução Industrial. Assim, grupos minoritários passam a se tornar vítimas de políticas de repressão, representando perigo para o Estado. Os EUA foram um dos primeiros países a difundirem em seu território a ideia de que substâncias geram riscos não só para a saúde, como, também, para a economia, mas ignorando questões de classe e raça (MACRAE, 2001, p. 29). No início do século XX, o governo americano

passa a encampar ideais proibicionistas, como maneira de marcar seu recém-adquirido status de potência mundial, dando início a uma série de reuniões internacionais para discutir e impor medidas de contenção da produção e comercialização de opiáceos e da cocaína (MACRAE, 2001, p. 29).

Não tardou para tais políticas proibitivas chegarem a outros lugares do planeta, tomando ideais norte-americanos como parâmetro para um mundo cada vez mais heterogêneo. Atualmente,

a legislação sobre substâncias psicoativas da maioria dos países segue de perto os acordos da Convenção Única de Viena de 1961 e o Convênio sobre Substâncias Psicotrópicas de 1971. Estes acordos internacionais, promulgados sob forte pressão americana, abordam a questão da droga a partir de uma perspectiva limitada, introduzindo classificações de natureza estritamente farmacológica e dando quase nenhuma atenção a fatores de ordem social ou cultural (MACRAE, 2001, p. 30).

Assim, impôs-se uma série de medidas restritivas às substâncias em nossa sociedade que desconsideram princípios culturais e que ignoram a "profunda heterogeneidade dos modos de consumo, das razões, crenças, valores, ritos, estilos de vida e visões de mundo que o sustentam" (MACRAE, 2001, p. 30). No Brasil,

do ponto de vista jurídico, as substâncias se distinguem entre lícitas e ilícitas, o que delimita os contornos do que é e do que não é considerado droga — quando se fala sobre droga em nosso país, se fala muito do ilícito omitindo o que é lícito (BUCHER; OLIVEIRA, 1994, p. 142). De modo mais geral, usamos o termo *droga* para nos referirmos a algo ruim e que deve ser contido e extinto de nossa sociedade, e tal termo fica à espreita de outros termos como *crime*, *tráfico* e *vício*, por exemplo, o que nos alinha a discursos que marginalizam a droga e quem dela faz uso.

Diferentes sentidos em torno do termo *droga* circulam em nossa sociedade, o que afeta diretamente o modo de nos relacionarmos e nos posicionarmos frente a práticas que envolvem o uso de drogas, o que gerou e gera em muitos pesquisadores a necessidade de compreender a composição da tríade sujeito-sociedade-droga.

2.1

Estudos sobre drogas

Inúmeros estudos se debruçaram — e se debruçam — sobre a relação sujeito-sociedade-droga para buscar compreender as questões que envolvem a marginalização da droga e os gatilhos de consumo danoso no Ocidente, mais especificamente, em zonas urbanas. Bucher (1992; 1996) alega que *droga* é uma construção social. A partir das sanções impostas por uma sociedade entre a licitude e a ilicitude, caracteriza-se a *droga*, bem como seu consumo, que está diretamente atrelado às condições de vida dos sujeitos. Para Grund (1993) e Zinberg (1980), os padrões de uso de drogas nem sempre são determinados pelo sujeito, mas sim por uma série de fatores externos a ele, como uma pandemia, por exemplo. Velho (1981) defende que há um grande trabalho a ser feito contra os reducionismos que limitam a nomenclatura *droga* a traços semânticos problemáticos. A marginalização da droga atua a favor de um estereótipo que condena um grupo social específico, geralmente pobre e negro, criando a ideia de que há um inimigo a ser combatido, e não que a sociedade apresenta falhas estruturais que precisam ser corrigidas. Hari (2018), que possui uma pesquisa mais recente, diz que o conhecimento que temos sobre *droga* e *vício* é deturpado e totalmente enviesado por critérios moralistas, impostos pelo governo e pela cultura como uma forma de

reprimir sujeitos desviantes e incentivar necropolíticas⁸. Os estudos de Nogueira Júnior (2019) focam especificamente nas ações policiais de combate às drogas, que insistem em atacar o mercado varejista ao invés do atacadista, criando um paradoxo que, na tentativa de cessar a violência e o consumo de drogas, só corrobora para que uma sociedade seja ainda mais violenta e consuma ainda mais drogas.

No âmbito dos Estudos da Linguagem, mais especificamente no grupo de pesquisa Narrativa e Vida Social (NAVIS), da PUC-Rio, de que faço parte, temos o trabalho de Biar (2012), que foca em narrativas de adesão ao tráfico com interesse nos entendimentos que sujeitos encarcerados por estarem envolvidos com o tráfico criam sobre suas condições de vida e os caminhos percorridos que os levaram até o presídio; o de Pinheiro (2021), que acompanha um movimento de mães engajadas contra a violência policial e a fatídica "guerra às drogas", que assassina impunemente milhares de jovens negros/as moradores/as de zonas de periferia, estudando as construções narrativas de resistência mobilizadas em manifestações públicas; e o de Lobo (2021), que analisa um discurso proferido por um residente da Cracolândia em São Paulo, chamado Carlos Eduardo, que viralizou nas redes sociais, acompanhando algumas de suas entextualizações e as disputas de significado que entram em conflito nesse processo.

Todos os trabalhos a que fiz menção nesta seção são apenas alguns exemplos da literatura em andamento na área dos estudos socioculturais, que, apesar de vasta, ainda possui muitas lacunas.

A lacuna que tento preencher aqui é a de entender a relação estabelecida através da linguagem, via narrativa, entre droga e (des)construção de identidade a partir de um cenário religioso, o que traz à tona discussões sobre estruturas de violência e opressão iminentes à nossa sociedade veladas por um discurso dogmático. Com base nisso, busco realizar contribuições para o campo da Análise de Narrativa e as ciências humanas e sociais como um todo, conversando com diferentes campos do saber para tecer minhas interpretações e considerações frente

⁸ De acordo com Mbembe (2014), necropolítica é uma política de morte, o poder "de ditar quem pode viver e quem deve morrer" (MBEMBE, 2018, p. 5). A necropolítica, mais especificamente, atinge sujeitos que formam o extrato de nossa pirâmide social, ceifando vidas vistas como fracas influentes na economia e na política do Estado como jovens moradores de periferia (RIBEIRO, 2021) e que representam ameaças a privilégios de classes abastadas, como a vereadora Marielle Franco, assassinada em março de 2018.

ao arcabouço teórico-metodológico e os dados que opto por mobilizar, que se materializam discursivamente.

2.2 Discurso

Nossos corpos estão em constante disputa. Frequentemente, lutamos para exigir e garantir direitos que zelem pela posse e integridade de nossos corpos, principalmente quando se faz parte de grupos minoritários, que têm demandas ofuscadas por ideais hegemônicos baseados em princípios puristas. Para isso, ou seja, para participar da destruição e da cristalização de significados de uma sociedade, é preciso estarmos alinhados à ordem do discurso. Mas, antes, temos que reconhecer e nos apropriarmos do discurso, uma rede de conhecimento que nos permite modificar leis, subverter consensos e reescrever a história. Entretanto, o discurso, apesar de nos atravessar, não está acessível a todos nós, pois nem todos somos ensinados a pensar sobre ele, apenas a aceitar suas demandas como meros acasos (FOUCAULT, 2014 [1970]). Então, como identificamos o que é discurso alienados de sua existência e ordem de funcionamento?

O discurso cria, molda e, vez ou outra, nos insere em realidades de compreensão de mundo extremamente limitadas. Não obstante, há inúmeros procedimentos de controle e exclusão do discurso que visam nos manter assujeitados a ele (FOUCAULT, 2014 [1970]). A interdição da palavra define o que pode ser dito, por quem e em que circunstância. Logo, não falamos sobre qualquer coisa de qualquer jeito com qualquer pessoa em qualquer lugar e a qualquer momento, isolando muitos de nossos pensamentos na solidão da mente. A segregação da loucura torna aqueles que ousam falar sobre o que não se deve falar nulos, inviabilizando a projeção de confiança em seus enunciados. A vontade de verdade limita a legitimação de verdades — ela não se preocupa com o verídico ou o falso, mas sim em estabelecer consensos; com isso, dizer a verdade e estar no campo da verdade são coisas distintas, pois uma verdade só é considerada verdade se validada pelo discurso.

Quando o discurso falha em nos esvaziar por completo, quando seus procedimentos de rarefação não nos fazem aceitar suas verdades, criamos as nossas, difundindo discursos que rivalizam com discursos hegemônicos, o que só é possível

através do reconhecimento da existência de regras que guiam os parâmetros de normalidade de um grupo social, firmados por contratos, não aleatoriedades. Nada é como é por acaso — estamos costurados a um tecido de significados duros (mas não indestrutíveis), construídos a partir de interesses individuais que se tornam coletivos quando toda uma comunidade os aceita e os naturaliza. Quando somos atingidos negativamente por esses significados dados e os rejeitamos, criamos outros significados para entender as dinâmicas do mundo, o que só é possível através de mecanismos inerentes à ordem do discurso. Discurso é poder e poder é discurso.

A ordem do discurso funciona como uma espécie de manual que regulamenta o alcance de uma voz. Como dito, não se fala o que se quer como se quer com qualquer um em qualquer lugar a qualquer momento; é preciso saber o que dizer, como dizer, para quem dizer, onde e quando dizer para uma voz ser ouvida. Há palanques virtuais que legitimam vozes e as fazem circular. Mas, para isso, é preciso adentrar a ordem do discurso. Ainda que seja um discurso que contraria consensos hegemônicos, uma vez alinhado à ordem do discurso, ele passa a ganhar visibilidade, a quebrar barreiras — esse movimento, que não é simples de ser reproduzido, gera embate, mas também gera empatia, pois ao mesmo tempo em que são colocados em movimento discursos para serem ditos, discursos que se dizem são desestabilizados, reorganizando a vida social. Para fins de ilustração, um dos meus interesses com essa pesquisa é desconstruir ideias preconceituosas, no caso, em torno do uso de drogas, por ser frequentemente definido como um desvio no mundo ocidental em virtude de movimentos discursivos que o recrimina, muitas vezes, sem tentar entender os contextos sociais, históricos e culturais que lhe dão vida.

Inúmeras instituições fabricam e distribuem verdades sobre drogas e sobre o uso de drogas. Essas verdades partem de diferentes pontos, que têm seus significados próprios.

2.2.1 **Discursos sobre drogas**

A partir de agora, irei traçar um panorama de alguns discursos sobre drogas, ancorando-os em seus respectivos campos semânticos e vitrines de circulação para

melhor delinear o panorama social do tema das drogas em nosso país, com ênfase nas regiões do Rio de Janeiro e São Paulo. Primeiramente, me ocuparei do discurso legislador, que se caracteriza pela associação entre uso de drogas e crime. Em seguida, o discurso médico, um discurso que se caracteriza pela associação entre uso de drogas e doença. E, enfim, o discurso neopentecostal, um discurso que se caracteriza pela associação entre uso de drogas e possessão espiritual. Todos esses discursos, apesar de apresentarem suas próprias características, têm um cerne em comum: o desvio.

A escolha desses três discursos, especificamente, se deu por serem grandes discursos circulantes formadores de opinião, que, quando bem articulados, servem de base para originar outros discursos, como é o caso do discurso neopentecostal, que, ao meu ver, se apropria de recursos do discurso legislador e do discurso médico para se colocar no mundo e criar seus próprios significados, e entra como principal fonte de dados para análise nesta pesquisa.

2.2.2

Discurso legislador

O contratualismo é um ramo da Ciência Política que tenta compreender a constituição e a organização de um Estado a partir da firma de um contrato, ou seja, de forma social. Para Jean-Jacques Rousseau (1996), um dos principais nomes do contratualismo ao lado de John Locke e Thomas Hobbes, na tentativa de sobrepujarmos um estado primitivo de subsistência, deixamos de nos relacionar com a natureza de modo individual para agirmos de modo coletivo, formando comunidades e grupos. Entretanto, a vida em comunidade nos tornaria corruptíveis; com isso, haveria a necessidade de se estabelecer regras para que a convivência não se tornasse caótica. Desse momento em diante, abandonamos um estado natural para assumirmos um estado civil. Com isso, originou-se o pacto social.

Um pacto social visa fornecer condições igualitárias para todos os membros de uma sociedade, sem que nenhum interesse se sobreponha a outros ou se torne de alguma forma oneroso (ROUSSEAU, 1996, p. 21). No entanto, na tentativa de unificar, o contrato social aliena, nos fazendo acreditar que as normas estabelecidas em prol do coletivo atendem a todos igualmente. Esse

ato de associação produz um corpo moral e coletivo composto de tantos membros quantos são os votos da assembleia, o qual recebe, por esse mesmo ato, sua unidade, seu eu comum, sua vida e sua vontade. Essa pessoa pública, assim formada pela união de todas as demais, tomava outrora o nome de *cidade*, e hoje o de *República* ou de *corpo político*, o qual é chamado por seus membros de *Estado* quando passivo, *soberano* quando ativo e *Potência* quando comparado aos seus semelhantes. Quanto aos associados, eles recebem coletivamente o nome de *povo* e se chamam, em particular, *cidadãos*, enquanto participantes da autoridade soberana (ROUSSEAU, 1996, p. 22).

Podemos compreender a Constituição enquanto um contrato social, que se compõe de uma série de leis que estabelecem parâmetros de organização social. As leis definem os direitos e os deveres de toda uma sociedade em um nível político macro, na tentativa de coibir barbáries e incentivar isonomia entre sujeitos. Algumas delas se aplicam a todo um país, outras se restringem a estados e municípios, mas todas se valem do mesmo poder coercitivo. Quando as leis não são respeitadas, pune-se, a fim de reprimir transgressões. Leis são regras sociais, sancionadas por instituições legislativas, que as criam, as modificam e, em alguns casos, as extinguem.

A lei nº 6.368, de 21 de outubro de 1976, fortemente influenciada pela legislação estadunidense, por quase três décadas, regulamentou o uso de drogas no Brasil "tendo como destaques os artigos 12 e 16, os quais davam tratamento penal semelhante ao/[à] usuário/[a] de drogas e ao/[à] traficante, os/[as] definindo, portanto, como criminosos/[as]" (SCHWANCK, 2018, p. 146). Ou seja, desde o período em que leis antidrogas começaram a tomar forma no Brasil, o uso de drogas costuma ser observado a partir de uma ótica que ignora toda uma rede de relações simbólicas que envolvem o consumo de drogas e gatilhos de consumo danosos. Para simplificar a questão, em primeiro lugar, optou-se por definir o que era de ordem lícita e ilícita, em seguida, a proibir o uso de drogas consideradas ilícitas, estabelecendo um conceito pejorativo em torno do termo *droga* e iniciando uma guerra que perdura até os dias de hoje e que parece que ainda irá se estender por muito tempo.

A chamada "guerra às drogas" é uma metodologia adotada por setores de segurança pública para conter a venda e o consumo de drogas no Brasil tendo como principal alvo as favelas, por serem zonas dominadas por facções, que administram o eixo final do circuito do tráfico. A região Sudeste, especificamente, concentra as

duas principais facções do Brasil: O Comando Vermelho (CV) e o Primeiro Comando da Capital (PCC).

O Comando Vermelho é uma das primeiras facções que se originaram no Brasil. Surgiu em 1979 sob as paredes do Instituto Penal Cândido Mendes, na Ilha Grande, Rio de Janeiro, que abrigava tanto presos comuns quanto presos políticos, criando um ambiente favorável para o nascimento de uma poderosa organização (BATISTA; COSTA, 2021). Na popularmente conhecida como Ilha do Diabo, o Instituto Penal Cândido Mendes, na década de 1970, se mostrou um ambiente inóspito para os presos, que, em um manifesto que se tornou público, alegavam sofrer com rotinas diárias de maus tratos e torturas e condições de alimentação e higiene extremamente precárias (GASPARI, 2003). Em virtude do péssimo estado de vida que levavam, os presos criaram um movimento unificado para exigir melhorias no presídio e estabelecer um relacionamento de harmonia entre os próprios presos. Assim, surgiu a Falange Vermelha, que, mais tarde, se tornaria o Comando Vermelho.

Já o Primeiro Comando da Capital, em 1993, no Centro de Reabilitação Provisória da Casa de Custódia de Taubaté, em São Paulo, ganhou seus primeiros contornos a partir de um grupo de oito presos, reunidos a fim de combater as opressões sofridas no interior dos presídios e mobilizar seus pares a favor de bens comuns. O Primeiro Comando da Capital "se inspirou [na] disciplina e [na] organização [do Comando Vermelho], buscando dentro das celas garantir o respeito entre os presos e atuação do Estado com seus deveres básicos" (BATISTA; COSTA, p. 322). Em pouco tempo, vários presídios de São Paulo se aliaram ao Primeiro Comando da Capital, tornando a facção cada vez mais forte (*Idem.*). Com isso, em 2001, o Primeiro Comando da Capital mobiliza a maior rebelião da história de nosso país em prol de melhorias de nosso sistema penitenciário, se apresentando ao Brasil e ao mundo como uma forte potência.

Essas duas grandes facções, o Comando Vermelho e o Primeiro Comando da Capital, inspiraram o surgimento de outras, que passaram a se tornar rivais e a disputar por território e policiais corruptos (NOGUEIRA JÚNIOR, 2019), chamando atenção de autoridades públicas, que tentam intervir com o pretexto de resguardar a segurança pública.

No Rio de Janeiro, mais especificamente, as Unidades de Polícia Pacificadora (UPP), um projeto da Secretaria Estadual de Segurança, começaram a

ser instaladas em favelas em 2008, a fim de dismantelar a ação das facções e, consequentemente, coibir o tráfico de drogas e reduzir as taxas de criminalidade. No entanto, a atuação das Unidades de Polícia Pacificadora se atém a um dos destinos finais das drogas, as favelas, promovendo ações que atingem diretamente a venda e o consumo de drogas do mercado varejista, enquanto o mercado atacadista, que é o grande fornecedor, continua a manter o comércio de drogas vivo por outros corredores. Esse trabalho de combate às drogas, inclusive, é alvo de críticas, por, na tentativa de reduzir as taxas de violência, criminalidade e consumo de drogas, colabora para o aumento de tais práticas, criando um paradoxo no que tange a dita "guerra às drogas", como aponta Nogueira Júnior (2019). Uma vez que o mercado atacadista é frequentemente alvo, "[t]al efeito [eleva] os custos dos traficantes, [surtindo] efeito positivo no nível de preços, ocasionando uma elevação da violência (CAULKINS; MACCOUN, 2003 apud NOGUEIRA JÚNIOR, 2019, p. 14)"; visto que o preço da droga aumenta, a ocorrência de crimes também aumenta, pois o crime se torna um meio alternativo de adquirir dinheiro para a compra de drogas. Logo, o problema não é as drogas, mas o modo como cada sociedade lida com elas.

De modo similar às Unidades de Polícia Pacificadora, que se mostraram um fracasso em seu propósito de tornar a cidade do Rio de Janeiro livre da criminalidade (BETIM, 2018), o recém lançado projeto Cidade Integrada parece ser mais um incentivo à criminalidade e à morte de favelados/as. Assim, com o falso pretexto de proteger a cidade, o movimento de combate e "guerra às drogas" legitima violências de ordem sistêmica e fortalece uma série de estigmas contra sujeitos periféricos, sem, ao que parece, se preocupar com suas vidas, integridade e integração desses sujeitos em outras esferas da sociedade fora das zonas marginais em que vivem.

O que denomino discurso legislador opera com uma distinção marcada entre drogas ilícitas e lícitas que coloca as drogas ilícitas como inapropriadas e as lícitas como apropriadas para consumo. Isso porque é a partir da criminalização que ele constrói os consensos de legalidade e define o que é *droga*, aquilo que deve ser combatido, bem como os sujeitos que ela manipula. Os *drogados*, os *viciados* e os *traficantes*, logo, devem ser aprisionados e retirados do convívio em sociedade, pois representam perigo e ameaça constante. Assim, o discurso legislador, além de selecionar o que considera droga, também seleciona quem é o drogado — em sua

maioria, sujeitos negros, moradores de zonas de periferia como as favelas e os subúrbios, onde, entende-se, é o grande centro comercial das drogas. Esta compreensão justifica as violentas ações policiais de "combate às drogas" que prendem e matam impunemente centenas de negros/as e pobres todos os anos em prol da utopia de vivermos em um mundo sem drogas. Atribuindo o rótulo de *drogado/a*, *viciado/a* ou *traficante* pode-se prender e matar sem a necessidade de supor alguma inocência.

O discurso legislador, além de se ancorar em princípios regidos por leis e aparecer em livros de direito penal, é comumente vinculado a jornais e telejornais, a grande mídia em geral, fortes meios de massificação de informação.

Como visto, o uso dos termos *droga* e *vício* é comumente acompanhado de uma série de estigmas que focam mais em questões de criminalidade do que saúde. Isso porque para o discurso legislador não importa as condições que levam sujeitos a consumirem drogas e os efeitos colaterais causados por um consumo danoso, mas, sim, o perigo que sujeitos que fazem uso de drogas representam, tal qual a prática do uso de drogas, independentemente das circunstâncias que alimentam sua existência. O discurso que parece se orientar para o que nos leva a consumir drogas e seus efeitos em nosso corpo é o discurso médico.

2.2.3 Discurso médico

O discurso médico trata as drogas a partir de uma perspectiva patológica, buscando entender sua relação com o corpo humano de modo biológico, mas sem deixar de lado abordagens sociais do tema. Assim, questões de saúde, em certos momentos, vêm à frente da criminalidade. Não obstante, o discurso médico opta por se referir ao que o discurso legislador chamada de *droga* por *substância*.

Substância é descrita pelo discurso médico como todo e qualquer estimulante que "provoca alterações físicas e psicológicas nas pessoas que as consomem" (RONZANI; NOTO; SILVEIRA, 2014, p. 7) e que ativa o sistema de recompensa do cérebro, produzindo sensações de prazer, euforia e/ou relaxamento. Assim, o termo *substância*, aparentemente, pretende focar nos efeitos que as drogas causam em nosso corpo, não no que é ou deixa de ser ilegal. Nesse sentido, o termo *substância* abarca todo tipo de droga, como os opioides, as bebidas alcoólicas, o

cigarro e a maconha, a cocaína e o crack, subentendendo que toda droga representa um perigo à vida, que varia de acordo com a rotina de consumo de cada usuário/a. Há perspectivas que classificam qualquer uso de substâncias como doença, enquanto outras abordagens patologizam apenas rotinas de consumo danosas.

O consumo de drogas costuma ser enquadrado pelo discurso médico enquanto transtorno por uso de substâncias, "fenômenos complexos, influenciados por uma combinação de fatores de risco e de proteção que afetam os próprios efeitos da droga, a sensibilidade do/[a] usuário/[a] e as características ambientais e sociais em que o/[a] usuário/[a] se insere" (CAMARINI *et al.*, p. 319). O transtorno por uso de substâncias é considerado uma doença neuronal crônica, que está diretamente ligada a consumos de drogas potencialmente problemáticos, ou seja, quando podem ou passam a representar um perigo para o/a usuário/a e seus pares. Esse consumo surge tanto por contingências inerentes ao sujeito, quanto externas a ele. Perante tais conclusões, se faz necessário o desenvolvimento de tratamentos que busquem sanar os problemas gerados pelo transtorno por uso de substâncias e que sinalizem a melhoria de questões sociais para evitar seu surgimento.

Há duas políticas de cuidado postas em prática em nosso país atualmente para lidar com o uso de drogas quando percebido enquanto doença: a abstinência e a Redução de Danos. A abstinência é uma forma de tratamento que apela para o enclausuramento, restringindo sujeitos do mundo a fim de mantê-los distantes da possibilidade de consumir drogas e assim erradicar de vez o desejo por elas. No entanto, não basta apenas dizer "não" às drogas, pois, além de fatores genéticos que estimulam seu uso, há também fatores sociais que o instigam (CAMARINI *et al.*, 2021). Em oposto, há a Redução de Danos, que foca em um tratamento aberto, que não se restringe a espaços físicos na tentativa de não desmembrar o sujeito de sua realidade social. O trabalho foca em uma conscientização do uso de drogas, não buscando formas de extinguir o seu consumo, mas pensando em formas de consumo que evitem efeitos colaterais danosos. Porém, a Redução de Danos, com a Nova Política Sobre Drogas, se encontra em defasagem.

A Nova Política Nacional Sobre Drogas prevê um tratamento para o denominado transtorno por uso de substâncias baseado em isolamento social e total abstinência, descartando o método da Redução de Danos, que vem sendo aplicado nos Centros de Atenção Psicossocial Álcool e Drogas desde que a lei 10.216 (BRASIL, 2001) substituiu as internações compulsórias por atendimentos

psicossociais integrados. O governo federal, inclusive, já se posicionou abertamente em coletivas de imprensa sobre a reforma da Política Nacional de Saúde Mental. Quirino Cordeiro, ex coordenador-geral de Saúde Mental, Álcool e Outras Drogas do Ministério da Saúde (2017-2019), e agora secretário de Cuidados e Prevenção às Drogas do Ministério da Cidadania (2019-), afirmou, em 2019, que a Redução de Danos partiria de um "erro conceitual"⁹. Segundo Quirino, o transtorno por uso de substâncias é uma patologia desenvolvida pelo próprio sujeito, desconsiderando fatores de ordem social — logo, uma vez que o uso de drogas não é abruptamente cortado, o tratamento não teria eficácia. Ainda em 2019, o Decreto 9.761 de abril de 2019 (BRASIL, 2019) é assinado pelo presidente da República Jair Bolsonaro, desvinculando a Política Nacional Sobre Drogas da Política Nacional de Saúde Mental. Do Ministério da Saúde, a Política Nacional Sobre Drogas passou a ser responsabilidade do Ministério da Cidadania. "Esta separação entre as duas políticas tem (...) a clara intenção de impedir que os princípios que regem a atenção psicossocial, especialmente o cuidado realizado em liberdade (...) sejam igualmente aplicados aos usuários de álcool e outras drogas" (GULJOR *et al.*, 2019 *apud* CRUZ; GONÇALVES; DELGADO, 2020, p. 11), uma vez que o decreto também visa um forte investimento em Comunidades Terapêuticas, instituições que se baseiam em "exigências relativas à abstinência, ao isolamento social, à espiritualidade e à laborterapia" (SANTOS, 2017, p. 6). De tal modo, em parte, para o discurso médico, o sujeito que faz uso recorrente de drogas, mas de modo cautelar, não representa ameaça à sociedade, e o sujeito que faz uso recorrente de drogas de modo abusivo não é visto como criminoso, mas um doente, que requer cuidados para tratar de sua patologia; porém, pensando as políticas de abstinência fortemente defendidas pelo governo de Jair Bolsonaro, além de representar uma doença, o uso de drogas também é marcado como perigoso, investindo no enclausuramento como uma forma de mitigá-lo, bem como os crimes que eventualmente sustentam o consumo de drogas. Assim, o discurso médico acaba por colocar questões de estigma à frente de questões de cuidado.

Cabe ressaltar que, apesar do discurso médico, por certas vias, se descolar da criminalização, ele caracteriza o uso de drogas enquanto uma doença mental e

⁹ Cf.: Nova política de drogas exclui redução de danos. Disponível em: <<https://www1.folha.uol.com.br/cotidiano/2019/04/nova-politica-de-drogas-exclui-reducao-de-danos.shtml>>. Acesso em 10 out. 2021 às 15h56.

uma atividade potencialmente perigosa devido aos eventuais efeitos colaterais provocados tanto pelo uso de drogas, quanto pelos meios adotados para adquirir drogas; por isso, não é meu propósito colocar o discurso médico como superior a qualquer outro — inclusive, quando se trata de doenças neuronais, o discurso médico é o maior fabricante de significados. Muitos estigmas que circulam em nossa sociedade sobre sujeitos com problemas de saúde mental são formados e colocados para circular pelo discurso médico, que cunhou o termo *loucura* para separar os sãos dos anormais¹⁰. O discurso médico ainda amarra muitas camisas de força e endossa milhares de internações compulsórias; seria muito incoerente da minha parte passar por cima disso e citar apenas o que atribui credibilidade a meus argumentos. Porém, como o propósito desta dissertação não é o de destrinchar o discurso médico em todas as suas instâncias, tomo este espaço para dizer que sou plenamente consciente de seu caráter tirânico e que há muito a ser feito para combater as desigualdades que ele cria — uma vez que também é um tipo de discurso, não está alheio a causar sofrimento e a ser observado através de um olhar crítico que problematize com mais cautela suas arbitrariedades. Então, é notório afirmar que o discurso médico é tão controverso quanto o discurso incriminador, apesar de ter vieses benevolentes e, aparentemente, bem intencionados.

O discurso médico funda sentidos sobre o uso de drogas que caracteriza seus usuários como doentes. Em certos casos, a patologização é bem-vinda, pois busca formas de resguardar vidas; no entanto, também repercute uma série de estereótipos capacitistas. O discurso médico ganha espaço em cenários acadêmicos, circulando em pesquisas, livros e revistas científicas, além de se alastrar por instituições como hospitais, clínicas, e vários outros órgãos ou entidades que se dedicam a prestar serviços de saúde.

Além desses dois grandes discursos citados, o discurso incriminador e o discurso médico, há um outro discurso que também emerge como um legítimo criador de consensos sobre drogas: o discurso neopentecostal.

¹⁰ Para Foucault (2001), os anormais são um grupo de sujeitos usados como referência pelo discurso médico para definir quem é são a partir de eventuais desvios. De tal modo, "[u]ma vez definido como anormal, o sujeito se torna portador de um perigo e, não importa o que faça, é inacessível à pena, e, finalmente, é incurável" (ROSA, 2018, p. 320).

2.2.4

Discurso neopentecostal

Para definir o que é droga, o discurso legislador leva em consideração fatores como ilegalidade e criminalidade, fazendo uma referência direta a estereótipos que caracterizam o/a usuário/a de drogas como traficante e bandido/a, sem se preocupar com questões simbólicas de ordem cultural e causas sociais que estimulam o consumo de drogas. O discurso médico, apesar de focar em questões de ordem biológica e social, voltando atenção para possíveis causas que justificam o uso de drogas, acaba por criar um grupo de risco ao se escorar em políticas de abstinência e reclusão que configuram qualquer uso de droga enquanto doença. O discurso neopentecostal trata a questão das drogas considerando apenas o que chama de "causas espirituais", apresentando problemas sociais e econômicos como suas consequências. Em outras palavras, o uso de drogas geraria uma série de mazelas, não o contrário.

O discurso neopentecostal é fruto de uma doutrina religiosa chamada Neopentecostalismo, que exerce grande influência na economia e na política de nosso país. O Neopentecostalismo é extremamente popular no Brasil, muito por conta da mídia e da eleição de seus representantes via voto público para ocupar cadeiras nas esferas executiva e legislativa da política brasileira (ROCHA, 2020).

O Neopentecostalismo é "produto de uma terceira fase do desenvolvimento histórico do fenômeno pentecostal" (GUSMÃO, 2005, p. 8). Conforme entendido hoje no Brasil, essa vertente religiosa surgiu em meados da década de 70 (*Ibid.*, p. 16), tendo a Igreja Universal do Reino de Deus como um de seus principais alicerces e a cura, o exorcismo e a prosperidade como crenças constituintes de sua estrutura (*Ibid.*, p. 26).

O discurso neopentecostal compreende certas doenças como entidades malignas que se apossam de nossos corpos (GUSMÃO, 2005, p. 94). Nas palavras do Bispo Macedo, um dos principais representantes da Igreja Universal do Reino de Deus, "nem todo doente é endemoninhado, mas todo endemoninhado é doente" (MACEDO: 1993, p. 57 apud GUSMÃO, 2005, p. 94). Portanto, há uma relação direta entre doença e possessão; logo, a cura para certos sujeitos só pode ser alcançada através da fé. Assim, nas igrejas iurdianas "a cura é encenada como uma batalha na qual o pastor, suas obreiras e os demais fiéis oram juntos para expulsar

as entidades do mal que estão alojadas no corpo do doente" (GUSMÃO, 2005, p. 94). Para manter a alma purificada, a conversão se faz necessária como medida cautelar.

Tomando enquanto referência o que foi dito, para o discurso neopentecostal, o/a usuário/a de drogas é concebido/a como um/a possuído/a, alguém que tem a alma controlada por espíritos malignos e que precisa ser agraciado/a com uma cura para prosperar. De tal modo, as drogas são caracterizadas como grandes causadoras de sofrimento, que levam sujeitos a cometerem atos violentos e condenáveis — não obstante, tal discurso opera diretamente com os termos *droga* e *vício* para fazer alusão aos estigmas de criminalidade evocados pelo discurso legislador. O discurso neopentecostal se apropria do discurso legislador para criar seus próprios significados, bem como se apropria do discurso médico para extrair conceitos que remetem a doença, tratamento e cura.

Então, para o discurso neopentecostal, o uso de drogas é uma doença que pode ser curada por intermédio da fé, posicionando fatores biológicos, como hereditariedade, sociais, como vulnerabilidade econômica e políticos, como falta de assistencialismo, enquanto consequências do uso de drogas, não causas.

Sendo a fé — a crença em Deus — uma cura em potencial, o diabo é automaticamente desenhado como o responsável pelos flagelos humanos. Assim, as igrejas se tornam grandes ambulatórios e unidades de tratamento intensivo, onde são realizados procedimentos de cura simples e complexos.

O discurso neopentecostal está alojado em igrejas, e encontra espaço para se alastrar por nossa sociedade através de programas televisionados, que ampliam seu alcance em virtude de plataformas digitais e pelas redes sociais, espaços usados como catapulta de audiência.

2.2.5

Conjecturas léxico-semânticas

Os três discursos que tentei organizar neste capítulo trabalham com termos próprios, organizando um sistema lexical que se conecta semanticamente. Assim, quando se fala de uma palavra, uma rede de outras palavras são automaticamente invocadas, delimitando os conhecimentos sobre o que se diz. No quadro abaixo, tento esquematizar isso de forma um pouco mais organizada:

Discurso	Termos comumente associados	Contorno semântico
Legislador	Droga, drogado, vício, viciado, tráfico, traficante, bandido, ladrão, vontade	crime
Médico	Substância, transtorno por uso de substâncias, doença, vontade, fissura	patologia
Neopentecostal	Droga, drogado, possuído, vício, espírito, diabo, doença, viciado, bandido, ladrão, manipulação demoníaca	crime, patologia e religiosidade

Tabela 1: discursos e suas respectivas conjecturas léxico-semânticas.

O discurso neopentecostal é um discurso curioso, pois, apesar de tecer sua própria construção em torno do uso de drogas, ele se apropria de outros discursos e seus significados para construir os seus. Tais significados, ora ou outra, se entrecruzam, conceptualizando desvios.

Aqui, me vejo frente a um labirinto: como lançar mão do termo *droga* sem evocar nenhum dos sentidos acima listados? Como não me inscrever em uma ordem discursiva perigosa? Como me apropriar de um termo tão problemático, que carrega em si uma série de controvérsias que eu gostaria de evitar e não ser também um fio condutor delas? Essas tarefas se colocam para mim de forma muito mais complexa do que eu imaginava. Para fugir do labirinto em que me encontro, opto, por daqui em diante, usar o termo *substância* ao invés do termo *droga*, por considerá-lo mais politicamente correto, ainda que não me pareça o mais adequado no momento. Ao me referir aos termos *vício*, *viciado*, e *drogado*, por exemplo, o farei em aspas, remetendo ao uso que os sujeitos dão a eles nos dados que analiso.

2.3 Desvio

De acordo com Judith Butler (2018), desde muito novos, somos submetidos a modos de comportamento que cerceiam as possibilidades de explorarmos as dinâmicas de nossos próprios corpos. Formas idealizadas de se vestir, alimentar,

cuidar da saúde e da beleza e interagir socialmente guiam nossa vida e nos alinham a consensos sobre como devemos lidar com o corpo e agir no mundo. Vários discursos entram em jogo para formar tais consensos, que educam, mas não ensinam a transgredi-los (FOUCAULT, 2014 [1970]); somos forçados a apenas aceitá-los, não a questioná-los, como pontuado anteriormente. Quando nos damos conta da existência do discurso e de sua influência em nossos corpos, passamos a identificar parâmetros de normalidade e a tomar consciência de que há limites que cerceiam nossa liberdade. Butler pensa a relação corpo-sociedade a partir das regras de gênero, uma pequena fração de um conjunto de regras muito maior — o conjunto das regras sociais.

Para Becker (1977), todo grupo social carrega um conjunto de regras que define os limites entre o permitido e o proibido, difundindo conceitos que organizam ideias sobre certo e errado. Nesse processo, são estabelecidos desvios, que marcam e caracterizam ações que representam movimentos contraventores, ou seja, que podem desestabilizar o *status quo*. Portanto, desvio, a partir de uma perspectiva relativista, é "a infração de alguma regra em relação à qual [um grupo] concorda" (BECKER, 1977, p. 59). A manutenção de tais regras e a naturalização delas é de responsabilidade de todos.

Desvio caracteriza posturas desobedientes frente a arranjos sociais normalizados. É um tipo de julgamento que autoriza ou desautoriza uma série de sanções sociais. Tomando as palavras de Becker (1977), "o desvio não é uma qualidade do ato que a pessoa comete, mas uma consequência da aplicação por outras pessoas de regras e sanções a um 'transgressor'. O desviante é alguém a quem [um] rótulo foi aplicado com sucesso" (p. 60). Ou seja, desvio não é uma propriedade inata ao sujeito ou a um ato realizado pelo sujeito, mas sim a sinalização de que uma determinada ação representa uma infração. Desviante é um sujeito que desobedece a regras estabelecidas por um determinado grupo social.

Não é consenso na sociologia a definição de desvio. A perspectiva funcional adota a compreensão de desvio a partir de "qualquer sinal de mau funcionamento" (BECKER, 1977, p. 57) do corpo. De tal modo, reações fisiológicas que escapam dos padrões médicos de normalidade são consideradas desvios. Logo, doenças neuronais representam desvio, pois não correspondem à forma considerada natural de um corpo agir, bem como o uso de substâncias alucinógenas, uma vez que alteram as sinapses cerebrais e nosso modo de nos portar no mundo. Não obstante,

há uma forte tentativa do discurso médico de patologizar o uso de substâncias, o que pode acabar por generalizar a questão. Ao resumirmos todo e qualquer uso de substâncias a uma doença ignoramos as atividades simbólicas e os problemas sociais estruturais que justificam e sustentam seu uso. De tal modo,

a agorafobia é uma doença porque uma pessoa não deve ter medo de espaços abertos. [A homossexualidade] é uma doença porque a heterossexualidade é a norma social. O divórcio é uma doença porque assinala o fracasso do casamento. O crime, a arte, a liderança política não-desejada, a participação em questões sociais, ou o afastamento de tal participação — todos estes e muitos mais foram considerados sinais de doença mental (BECKER, 1977, p. 57-58)

Por isso, me alio aqui à perspectiva relativista de Becker (1977), uma vez que, ao tomarmos a funcionalidade enquanto parâmetro, todo e qualquer ato não normativo será considerado desvio. Porém, a categoria *desvio* não é tão homogênea quanto parece. Como o desvio é parte de um esquema de atribuição de rótulos, muitos sujeitos são definidos como desviantes por representarem para um grupo algum tipo de ameaça. Nisso, alegações falsas podem facilmente sustentar a caracterização de um desvio. Em nosso país, por exemplo, negros/as e pardos/as representam 66,69% da população encarcerada (INFOPEL, 2019). Isto significa que há mais pessoas negras e pardas sendo acusadas de crimes, portanto, são maioria cumprindo pena quando comparadas às brancas. Em virtude do racismo estrutural de nossa sociedade, suponho que no Brasil é muito mais fácil acusar uma pessoa negra de um crime e fazê-la cumprir pena por ele, ainda que seja inocente, do que uma pessoa branca. Logo, o desvio é também uma ferramenta de atribuição de estigmas. Um desvio pode ser concebido de diferentes formas, como podemos ver no seguinte quadro, adaptado de Becker (1977):

	Tipos de comportamento desviante	
	Comportamento obediente	Comportamento que quebra as regras
Percebido como desviante	Falsamente acusado	Desviante puro
Não percebido como desviante	De conformidade	Desviante secreto

Tabela 2: Desvio.

Um sujeito que se comporta de modo obediente às regras impostas por sua comunidade dificilmente será percebido como desviante, pois se apresenta em conformidade com os princípios do grupo social a que faz parte. Quando um sujeito se comporta de modo obediente e é acusado de desvio, poderá alegar falsa acusação. Por se mostrar publicamente como alguém que se atém às regras, é capaz de refutar argumentos que questionem seu compromisso com elas. Entretanto, como mencionado, esse princípio é relativo. O benefício da dúvida não é concedido de forma igualitária — certos sujeitos serão mais propícios a terem seus argumentos aceitos do que outros. Agora, quando um sujeito se comporta publicamente de modo adverso às regras, tem sua confiança suspensa, sendo automaticamente percebido como um desviante puro. Já um sujeito que quebra as regras, mas o faz em segredo, ou seja, sem que seus pares tenham conhecimento de suas ações consideradas desviantes, não será percebido enquanto desviante; Becker (1977) caracteriza esses sujeitos enquanto desviantes secretos, pois sabem que estão burlando as normas, e, por isso, tomam atitudes necessárias para quebrá-las em silêncio. Quando um sujeito não sabe que está quebrando as normas e não é descoberto, também é um desviante secreto, aos olhos da teoria. O desviante secreto desenvolve uma metacompreensão das regras, que o auxilia a encontrar modos de subvertê-las sem ser desmascarado. O desviante puro, ou não tem uma metacompreensão das regras, ou simplesmente não se importa em ser visto enquanto desviante, ainda que isso lhe traga estigmas.

Como dito, o desvio é uma ferramenta de atribuição de estigmas. Em referência a Goffman (2008), um estigma nada mais é que "um atributo profundamente depreciativo" (p. 13) que legitima opressões e violências. Estigmas podem se manifestar de forma física ou apenas metafórica; o que categoriza um estigma é o modo como somos lidos pelo outro. O estigma é um efeito do desvio, e não incide sobre uma ação, mas, sim, diretamente ao sujeito e seu corpo, ou seja, vem de fora para dentro, como o desvio.

O modo como somos socialmente interpretados não é unânime, o que corrobora para uma fragmentação identitária que reparte nosso self¹¹ em muitos. Assim, se um sujeito percebido como desviante tem um comportamento obediente, por exemplo, ele terá duas ou mais identidades em conflito no âmbito social, que disputarão espaço por sobrevivência. E, se esse mesmo sujeito tem um comportamento que quebra as regras e é percebido como desviante, também poderá assumir mais de uma identidade — portanto, entre o que é esperado e o que apresentamos há uma infinidade de identidades em jogo que atraem e repelem estigmas.

A atribuição de estigmas, quando não pode ser evitada, colabora para a filiação de identidades que: "[tentam] corrigir diretamente o que [consideram] a base objetiva de [um] defeito" (GOFFMAN, 2008, p. 18); "[rompem] com aquilo que é chamado de realidade, [empregando] na interpretação não convencional o caráter de [uma] identidade social" (*Ibid.*, p. 20), fazendo uso do estigma para se beneficiar de alguma forma; encaram uma batalha discursiva para subverter os consensos que estigmatizam; ou vivem e sofrem em silêncio com o estigma. Essas são apenas algumas das possibilidades, e, em todos os casos, há um conflito com as regras sociais que, ou ratifica uma obediência a elas, ou simboliza uma total ruptura. Nesse processo, identidades emergem, lutam, morrem e ressuscitam.

A questão do desvio, é, portanto, transitória, pois as identidades também são transitórias, uma vez que é possível, em determinadas ocasiões, monitorarmos (nem sempre com sucesso) como queremos ser vistos. Em contrapartida, há também as projeções, que incutem valores e expectativas de outros ao nosso self. Comportamentos considerados desviantes, em certos casos, podem se tornar

¹¹ Entendo self nesta pesquisa enquanto um conjunto de conhecimentos que um sujeito tem e cria sobre si mesmo (JAMES, 2007), que varia de tempos em tempos, por isso, pode ser equacionado à identidade.

visíveis a partir dos interesses do sujeito, que é capaz de fazer do seu estigma um mecanismo de luta contra opressões, ou de se inserir e integrar determinados grupos, o que é validado via discurso, bem como a determinação de desvios e a atribuição de estigmas.

3

Pressupostos teórico-metodológicos

Toda pesquisa, além de estar imersa em um conjunto teórico que compõe sua coerência interna, também se escora em um conjunto de ferramentas analíticas e de pressupostos metodológicos que trazem à tona as ideologias que permeiam a pesquisa, ideologias essas que guiam o modo como os dados são explorados e interpretados. Portanto, a pesquisa não fala apenas sobre seu tema e as perguntas que pretende responder, fala também sobre como nos posicionamos na esfera acadêmica e em outros círculos sociais.

Compreendo ideologia a partir de Blommaert (2005), como diferentes formas de se olhar para um mesmo objeto. No entanto, o olhar não é apenas um olhar, ele é performativo, faz coisas no momento em que incide sobre algo, bem como o discurso, um conjunto de "práticas que formam sistematicamente os objetos de que falam" (FOUCAULT, p. 55, 1997). Nesse sentido, ideologia, "antes de tudo, é uma questão de ações concretas, não de princípios" (BLOMMAERT, 2005, p. 182). Então, ao falar de ideologia, falo de como efeitos de significado despertam ações no mundo a partir de valores que nos permeiam e constituem nossas identidades.

Definindo minha postura enquanto pesquisador e sujeito social, tomo a proposta indisciplinar e ativista da Linguística Aplicada Contemporânea (RAJAGOPALAN, 2003; FABRÍCIO, 2006; MOITA LOPES, 2006). Deste modo, me coloco a serviço de uma pesquisa que não se prende a um único território epistemológico, sim que transiciona por várias áreas de saber e busca por uma sociedade igualitária. Aliado a isso, analiso os dados a partir de uma perspectiva sociointeracionista, que leva em consideração o que a linguagem faz quando é mobilizada em contextos de interação, ou seja, os múltiplos encontros sociais que constituem nossas relações interpessoais. Portanto, lanço mão da Análise de Narrativa (BASTOS; BIAR, 2015; BIAR; ORTON; BASTOS, 2021, BAMBERG; GEORGAKOPOULOU, 2008) e dos esquemas de laminação propostos por Biar, Orton e Bastos (2021), tendo como guia o conceito de sistemas de coerência de Charlotte Linde (1993) e as convenções de transcrição elaboradas por Sacks, Schegloff e Jefferson ([1974], 2003).

Além do mencionado, trabalho a partir de um olhar qualitativo (DENZIN; LINCOLN, 2006).

3.1 Postura epistemológica

No âmbito dos Estudos da Linguagem, em nossas pesquisas, objeto e instrumento de análise são um só (RAJAGOPALAN, 2003, p. 23) — emaranham-se. Mas mais do que fazer um metaexercício, em diálogo com outras áreas de conhecimento, como a Psicologia, a Sociologia, a Filosofia e a Antropologia, por exemplo, a partir de práticas de linguagem, buscamos refletir sobre a práxis. A Linguística Aplicada Contemporânea e seu caráter indisciplinar, além de beber de muitas fontes para tecer interpretações sobre o mundo, está eticamente ligada a um compromisso político: "objetivar uma vida melhor" (FABRÍCIO, 2006, p. 62). As pesquisas em consonância com essa agenda social transformadora se engajam a favor de pautas e reivindicações de grupos marginalizados, a fim de contribuir para uma sociedade justa — pesquisa e ativismo emaranham-se, bem como objeto e instrumento de análise nas ciências da linguagem. E é nesse paradigma que me ancoro.

Conforme Luiz Paulo da Moita Lopes (2006) evidencia em *Linguística Aplicada e vida contemporânea — problematização dos construtos que têm orientado a pesquisa*, um dos movimentos que a Linguística Aplicada Contemporânea tem buscado fazer nos últimos anos é o de se abrir para diferentes áreas de conhecimento, pois outras áreas de estudo podem alimentar as pesquisas realizadas no âmbito dos Estudos da Linguagem. Não obstante, a Linguística Aplicada Contemporânea é conhecida como "um campo de múltiplos centros" (RAMPTON, p. 109, 2006). De tal modo, ampliamos nosso repertório teórico-metodológico e abordamos temas e assuntos que, em um primeiro momento, podem não parecer se relacionar à linguagem. Além disso, A Linguística Aplicada Contemporânea adota uma postura crítica, que viabiliza, com mais propriedade, um posicionamento ideológico na pesquisa, uma vez que "ao nos engajarmos na atividade linguística, estaríamos, todos nós, nos comprometendo politicamente e participando de uma atividade eminentemente política" (RAJAGOPALAN, 2003, p. 33). A Linguística Aplicada Contemporânea dispõe de uma agenda política

transformadora, que visa a promoção de ações que contribuam positivamente para a sociedade que vivemos. Nessa perspectiva, a ciência não é feita pela ciência, ou para curar as mazelas de sujeitos socialmente desfavorecidos, mas, sim, colaborar no engajamento de pautas e movimentos sociais que lutam contra violências de ordem estrutural e políticas desassistencialistas.

3.2 Um olhar qualitativo

Ao longo das tradições de pesquisa, nomeou-se pesquisas que "ênfatizam o ato de medir e de analisar as relações causais entre variáveis" de quantitativas, e pesquisas que "ênfatizam a natureza repleta de valores de investigação", buscando "soluções para as questões que realçam o modo como a experiência social é criada e adquire significado" (DENZIN; LINCOLN, 2006, p. 23) de qualitativas. Enquanto a pesquisa quantitativa é tida como uma ciência que se propõe a estabelecer generalizações, realistas e impessoais, a pesquisa qualitativa é tida como uma ciência que se propõe a estabelecer representações, relativas e subjetivas. Por conta disso, a pesquisa qualitativa, por muitas vezes, é considerada uma *soft science* (*Ibid.*, p. 22), ou seja, uma ciência menos engajada com as propriedades pragmáticas do fazer científico. No entanto, ciência nenhuma se resume a meras especulações — ciência não é um conjunto frágil de hipóteses facilmente refutáveis, tampouco, um conjunto fechado de proposições empiricamente prováveis.

Todo processo de pensamento é afetado pelas percepções de mundo do pesquisador e suas trajetórias construídas e experienciadas ao longo da vida, que, apesar de serem pessoais, não deixam de se entrecruzar com os métodos e as teorias equivalentes à área de saber explorada. "O/[a] pesquisador/[a] é preso/[a] dentro de uma rede de premissas epistemológicas e ontológicas, as quais — independentemente da verdade suprema ou da falsidade — tornam-se parcialmente autoavaliadoras" (BATESON, 1972, p. 314 *apud* DENZIN; LINCOLN, 2006, p. 34). Logo, é notório que

[n]ão existem observações objetivas, apenas observações que se situam socialmente nos mundos do observador e do observado — e entre esses mundos. Os sujeitos, ou indivíduos, dificilmente conseguem fornecer explicações completas de suas ações ou interações; tudo o que podem oferecer são relatos, ou histórias, sobre o que fizeram e por que o fizeram. (DENZIN; LINCOLN, 2006, p. 33).

Portanto, podemos afirmar que o que os sujeitos dizem de si e de suas experiências é embebido por uma série de interpretações. Portanto, nenhuma impressão pessoal deve ser tomada enquanto certeza; o texto é um dado que o/a pesquisador/a deve usar como ferramenta de comunicação, mas não para se comunicar pelo outro. Portanto, esta pesquisa se compromete a fazer uma leitura particular dos dados — os dados não falam por si, eu falo por eles. Por conseguinte, "[busco] narrar uma forma de reflexividade nesses tempos bastante medíocres" (FINE *et al.*, 2006, p. 117) em que vivemos atualmente.

Em contornos mais específicos, essa pesquisa se situa em um paradigma construcionista¹² dos estudos culturais que, conforme ressaltam Denzin e Lincoln (2006), é um conjunto que se caracteriza por dar ênfase a experiências de vida e os significados criados para compô-las (p. 36), na tentativa de estabelecer diálogo entre "questões que envolvem o comum e o específico, sem diluir nenhuma delas" (FINE *et al.*, 2006, p. 119).

Por fim, é importante mencionar que o fazer científico não pode ser concebido alheio de posicionamentos éticos. "Hoje, os pesquisadores lutam para desenvolver a ética situacional transituacional aplicável a todas as formas do ato a pesquisa e as suas relações de ser humano a ser humano" (DENZIN; LINCOLN, 2006, p. 34). Os dados que opto aqui por mobilizar, por serem públicos, vinculados tanto a um programa de televisão exibido em canais abertos e em redes sociais como Youtube e Instagram, por exemplo, não têm o nome de seus referentes omitidos, bem como suas imagens; no entanto, está de acordo com as Resoluções 466/12 e 510/16 do Conselho Nacional de Saúde (BRASIL, 2012; 2016), que servem de guia para as pesquisas que envolvem seres humanos. Aproveito o espaço para citar a existência de uma discussão em repercussão na área dos Estudos da Linguagem que critica justamente as Resoluções citadas enquanto parâmetros para pesquisas que não se enquadram no campo da saúde e propõe a necessidade de se construir uma base ética própria para os estudos realizados no campo das ciências humanas e sociais considerando as especificidades e as demandas políticas que nossos trabalhos evocam (BONFANTE, 2021).

¹² Cf.: SCHWANDT, 2006.

3.3

Ferramentas analíticas

O discurso é um importante objeto de investigação científica porque ele guia a percepção que temos do mundo, que, dentro da lógica sociointeracionista, é um construto social fabricado na interação (FABRÍCIO, 2020). Portanto, quanto mais pesquisas voltadas para o discurso, mais entendimento criamos sobre a vida social, ainda mais em tempos líquidos, em que tudo muda muito rapidamente (BAUMAN, 2001; HALL, 2006). Mas, para chegar ao discurso, primeiro, temos que passar pelo sujeito, uma vez que é de nós que ele advém (FOUCAULT, 2014 [1970], p. 7). E a Análise de Narrativa cumpre bem esse propósito, já que foca em como construímos nossa identidade na interação com os outros narrativamente. Isso porque o ato de narrar não está a serviço de relatar o que aconteceu e como aconteceu, mas, sim, de construir significados perante os acontecimentos relatados. Esse exercício pragmático parte de uma perspectiva linguística que leva em consideração as diferentes cadeias discursivas que nos atravessam e nos constituem enquanto sujeitos. Narrar é uma prática dialógica que pode nos auxiliar a compreender a contingência histórica que nos tornou o que fomos ontem, o que somos hoje e o que seremos e podemos ser.

3.3.1

Análise de Narrativa

Os estudos de Labov e Waletzky (1967) e Labov (1972), com grande influência da "microsociologia, nascida no contexto acadêmico americano na segunda metade do século XX" (BIAR; ORTON; BASTOS, 2021, p. 232), fundaram o que hoje é compreendido como Análise de Narrativa, uma área de estudos que toma como principal objeto de pesquisa a narrativa, ou seja, as histórias que contamos.

A compreensão do que é narrativa e de como ela deveria ser estudada, foi, por muito tempo, embasado apenas pelo paradigma laboviano, que pensa narrativa como uma recapitulação de histórias do passado estruturadas de forma específica, contendo o que é entendido por narrativa mínima (LABOV, 1972, p. 360). Essa perspectiva, apesar de profícua, deixa de fora uma série de dados ricos de informações sobre o uso da língua e o sujeito que dela se apropria. Com as viradas

narrativas (GEORGAKOPOULOU, 2006; ORTON, 2021), muitos desses dados passaram a ser explorados, e com isso, novas formas de fazer pesquisa sobre narrativa emergiram.

A primeira virada é marcada pela análise de narrativas canônicas, que compreendem uma estrutura de organização basilar para os estudos de narrativa. Uma narrativa canônica precisa, obrigatoriamente, ser composta por uma narrativa mínima, ou seja, uma sequência de pelo menos duas orações ordenadas temporalmente (LABOV, 1972, p. 359-360) que justificam o porquê de a história estar sendo contada. A narrativa mínima é compreendida por Labov como ***ação complicadora***. No entanto, há outros elementos que compõem a estrutura de uma narrativa canônica, que podem ou não estar presentes, sendo elas: ***sumário***, um resumo inicial da história a ser relatada; ***orientação***, uma contextualização que situa o tempo, o lugar e as pessoas para o interlocutor; ***resolução***, a conclusão da ação complicadora; ***coda***, uma forma de encerrar a narrativa, que, geralmente, marca a transição do que está sendo contado para o tempo presente. A ***avaliação***, que é também um elemento que constitui uma narrativa canônica, por ser uma visão parcial e subjetiva do narrador em relação ao que relata, não vejo como uma propriedade opcional/descartável da narrativa, pois acredito que toda narrativa é contada a partir de uma interpretação, uma avaliação pessoal. A avaliação pode ser ***externa***, como um parêntese, e/ou ***encaixada***, implícita.

As pesquisas ao longo do que foi denominado *primeira virada narrativa* se debruçavam integralmente sobre entrevistas; os dados eram produzidos em um cenário "controlado" mediado por um gravador e focavam na reportabilidade, em como histórias triviais do passado não são triviais quando (re)contadas, mas, sim, extraordinárias e em suas similaridades estruturais.

A segunda virada, fortemente inspirada na "etnografia da comunicação, que dominou os anos 80 e grande parte da década de 90 na linguística sociocultural" (GEORGAKOPOULOU, 2006, p. 123), realiza um movimento que deixa de estudar a narrativa como texto para estudá-la em seu contexto (*Idem.*). A narrativa passa a ser vista como uma ferramenta de indexicalização do nosso self (BAMBERG, 2006, p. 142). As abordagens tradicionais partiam de um princípio hermenêutico que não levava em consideração o que fazemos ao narrar (*Idem.*), focando apenas em suas características formais.

Enquanto a primeira virada narrativa é representada por pesquisas que compreendem a narrativa como "um meio através do qual os narradores buscam transmitir um sentido de si em relação ao mundo", a segunda toma a narrativa como "uma forma situada e dialógica de recontar acontecimentos passados" (ORTON, 2021, p. 457) — a narrativa passa a ser vista como uma tradutora de visões pessoais de mundo ancoradas em outras vozes para construir significados no momento da interação. A segunda virada foca em histórias de vida passadas, que recebem destaque por serem vistas como um objeto de reflexão pessoal que só um distanciamento temporal entre o que aconteceu e o que está sendo narrado é capaz de suscitar uma compreensão mais profunda e menos superficial das experiências de vida. Os dados são produzidos em entrevistas e as análises pensam muito sobre a estrutura formal da narrativa.

A terceira virada é representada por uma ruptura radical com os estudos realizados na primeira e na segunda. A entrevista não é mais vista como o método ideal de produzir dados — eles passam a ser gerados e extraídos de outros contextos. Isso porque a narrativa agora é compreendida como uma atividade "discursiva constitutiva da realidade" (BIAR; ORTON; BASTOS, 2021, p. 233), que está imbricada em nossas interações sociais (DE FINA; GEORGAKOPOULOU, 2008), que são múltiplas, logo, figura inúmeros momentos de nossa vida, dos mais ordinários aos mais formais. De tal modo, o conceito de narrativa se expande, e, também, carece de outras abordagens para lidar com o que o paradigma laboviano não dá conta. Alexandra Georgakopoulou e Michael Bamberg (2008) atentam para a necessidade de explorarmos o que eles denominam *small stories*, ou narrativas menores, que por muito ficaram de lado nos estudos de narrativa por serem narrativas não prototípicas, ou seja, que não são temporalmente ordenadas ou não remetem a uma história de vida passada, podendo ser histórias hipotéticas ou até mesmo sobre outras pessoas, indicando que nenhum dado é vazio, mas as metodologias de análise é que não dão conta da multiplicidade de dados que são (e estão sendo) constantemente gerados em nosso dia a dia (DE FINA, 2009).

Ao mesmo tempo em que as pesquisas em Análise de Narrativa em muito estejam se baseando em métodos e compreensões labovianas, elas também estão criando e incorporando outras fontes de estudos que abrem caminho para o campo se atualizar e enveredar novas abordagens epistemológicas.

3.3.2 *Small stories*

Ao definirmos narrativa enquanto uma forma de recapitulação de histórias vividas no passado ordenadas em uma sequência temporal (LABOV, 1972, p. 360), reduzimos o conceito de narrativa e limitamos as possibilidades de estudo da Análise de Narrativa na contemporaneidade. Não obstante, essa é uma das maiores críticas direcionadas ao paradigma laboviano, uma vez que seu esquema de análise não se interessa por narrativas menos controladas (HERMANN, 2007, p. 12 *apud*. TAVEIRA, 2012, p. 59) e que não remetem a um evento passado ou não são temporalmente ordenadas. O próprio Labov considerou

que o foco de seu trabalho [foi] em narrativas em entrevistas sociolinguísticas, as quais têm uma plateia sempre atenta e são, essencialmente, monólogos, diferentemente de narrativas em conversas, onde existe uma competitividade natural na interação (TAVEIRA, 2012, p. 59).

Logo, fica evidente a necessidade de se explorar outros tipos de narrativa, produzidas em diferentes contextos interacionais. Michael Bamberg e Alexandra Georgakopoulou (2008) chamam atenção para as *small stories*. Essas *pequenas histórias* são as narrativas não contempladas pelo paradigma laboviano, ou seja, não canônicas, e que passaram a ser estudadas no início do século XXI com a terceira virada dos estudos em narrativa. *Small stories* são narrativas consideradas pequenas em função de seu contexto de aparecimento, que é micro-discursivo — roda de conversa com amigos, aula, propaganda, culto etc. —, mas apontam para um entendimento macro-discursivo, em direção a como essas narrativas se relacionam com metanarrativas e grandes discursos. Além disso, podem nos auxiliar a compreender fenômenos sociais e a entender como práticas de linguagem estão a favor de construir realidades e moldar nossas identidades.

Ao meu ver, no curso dos estudos em narrativa, as *small stories* foram deixadas de lado em virtude de um caráter descontínuo, pois seu início, meio e fim são de complexa demarcação, bem como não se enquadram perfeitamente nos padrões labovianos, requerendo adaptações e a criação de novos conceitos para compreendê-las. Uma narrativa prototípica é mais "fácil" de ser interpretada pois sua estrutura é muito intuitiva e as correntes que sustentam a análise de narrativas prototípicas são muito objetivas quanto a seus critérios analíticos. Nesse sentido,

considero importante trazer mais *small stories* para o centro de estudos em Análise de Narrativa, bem como fazemos com as narrativas prototípicas, a fim de não ficarmos presos no tempo em função de uma temida "dificuldade" de análise que as *small stories* podem gerar, descartando-as como improdutivas para o campo.

Apesar das narrativas não canônicas possuírem estruturas menos rígidas quando comparadas às canônicas, dentro de seus contextos de aparecimento, as narrativas não canônicas possuem similaridades estruturais muito fixas e coesas. Para identificar esses padrões, precisamos entender a serviço de quais interesses discursivos as narrativas estão. Como não podemos estudar as intenções dos falantes por esse ser um trabalho de natureza psicológica, nos aprofundamos nas relações de causa e efeito que fazem da narrativa uma ferramenta de criação de sentido.

A compreensão de narrativa adotada por esta pesquisa considera narrativa tanto quanto o relato de um evento passado, como, também, o relato de um evento recente, em curso, futuro e/ou hipotético. Narrativa, nada mais é que uma história contada em uma interação social mediada pela fala que pode ser dividida em vários fragmentos e conjugada em múltiplos tempos e modos verbais, se referindo tanto a quem conta, quanto a terceiros, independentemente de ser ou não verdadeira, pois seu valor performativo é muito mais importante do que sua veracidade. Assim,

[o] pressuposto orientador aqui é que as [narrativas] são formas/estruturas/sistemas privilegiados para atribuir sentido a si mesmo, [aos outros e ao mundo], trazendo as coordenadas de tempo, espaço e personalidade para um quadro unitário de modo que as fontes "por trás" das representações (tais como "autor", "*teller*" e "narrador") possam ser tornadas empiricamente visíveis para um maior escrutínio analítico na forma de "análise de identidade" (BAMBERG; GEORGAKOPOULOU, 2008, p. 378).

Portanto, ao analisarmos uma narrativa, podemos entender como

i. [recriamos] ou [sustentamos], [naturalizamos] ou [desafiamos] crenças, valores, identidade, rótulos, categorias sociais e as expectativas a elas atreladas, ordens econômicas e políticas; ii. [organizamos], [conferimos] sequência e coerência a [nossas] expectativas de vida; iii. [cultivamos] relações e [negociamos nossas] "ficções identitárias" (FABRÍCIO; BASTOS, 2009), construindo sentidos sobre [nós] mesmos; iv. [nos posicionamos] avaliativamente em relação a personagens, objetos, ações narradas; v. [reivindicamos] pertencimento e exclusão em relação a grupos sociais; vi. [condensamos] e [tomamos] parte em embates discursivos (BIAR; ORTON; BASTOS, p. 233, 2021).

A Análise de Narrativa nos fornece contribuições valiosas sobre valores sociais, políticos e identitários dos mais variados sujeitos, grupos e organizações que compõem nossa sociedade. De um dado micro, extraído de um contexto ordinário, podemos entender como opera toda uma ordem discursiva que permeia as mais diversas relações de poder existentes nas sociedades modernas e legitima e condenam modos de representação social. A partir de narrativas, sejam elas prototípicas ou *small stories*, podemos gerar compreensões sobre todo um sistema de significação que produz e influencia identidades.

3.4 Identidade

Identidade, na teoria social, por muito tempo, limitou o conceito de sujeito a uma entidade única e indivisível (HALL, 2006, p. 7). Essa visão, que essencializa o sujeito, prevaleceu por muito tempo em pesquisas de acadêmicos e teóricos das ciências humanas e sociais. No entanto, ao longo do tempo, ela foi sendo desconstruída, criando espaço para o surgimento de outras perspectivas menos rígidas e mais flexíveis.

Para Stuart Hall (2006), três grandes concepções de identidade prevalecem na história das ciências humanas. Cada uma delas se baseia em diferentes compreensões sobre sujeito, que mudaram com o curso da história e a ascensão de ciências que refletem sobre nossa relação com a sociedade, sendo elas: o sujeito do Iluminismo, o sujeito sociológico e o sujeito pós-moderno. O sujeito do Iluminismo é centrado em uma

concepção da pessoa humana como um indivíduo totalmente centrado, unificado, dotado das capacidades de razão, de consciência e de ação, cujo "centro" consistia num núcleo interior, que emergia pela primeira vez quando o sujeito nascia e com ele se desenvolvia, ainda que permanecendo essencialmente o mesmo — contínuo ou "idêntico" a ele — ao longo da existência do indivíduo (2006, p. 11).

O sujeito do Iluminismo, além de essencializar a identidade, ou seja, caracterizá-la enquanto algo imanente, logo, imutável, que acompanha o sujeito do seu nascimento até a morte, toma o homem como centro de todas as coisas.

O sujeito sociológico torna o conceito de identidade algo muito mais abrangente e volátil. Passando a levar em consideração as relações que

estabelecemos em sociedade, a autonomia do sujeito passou a ser questionada. Como estar totalmente imune às mudanças do mundo? Como não se deixar afetar por elas? Para o sujeito sociológico isso é algo impossível — nosso self está em constante transformação em virtude da complexidade do mundo moderno (HALL, 2006, p. 11). Partindo disto, as identidades são formadas na

"interação" entre o eu e a sociedade. O sujeito ainda tem um núcleo ou essência interior que é o "eu real", mas este é formado e modificado num diálogo contínuo com os mundos culturais 'exteriores' e as identidades que esses mundos oferecem" (HAL, 2006, p. 11).

Ou seja, é na relação com o outro, nos momentos de interação, que construímos nossa identidade, que pode ser abandonada, assassinada, ressuscitada, resetada e reconstruída a qualquer momento, em qualquer lugar, de acordo com nossos interesses, ou de nosso interlocutor. O outro e a cultura desempenham um papel fundamental na construção de nossos princípios e no modo de atribuir sentido ao mundo. Assim,

ao mesmo tempo que internalizamos seus significados e valores, tornando-os "parte de nós", [alinhamos] nossos sentimentos subjetivos com os lugares objetivos que ocupamos no mundo social e cultural. A identidade, então, costura (ou, para usar uma metáfora médica, "sutura") o sujeito à estrutura (HALL, 2006, p. 12).

Com isso, por mais que o sujeito sociológico pareça contemplar a concepção de identidade que busco ancorar a esta pesquisa, ele é obsoleto, pois, ao passo que o sujeito está costurado à estrutura, e hoje, ela não é mais pensada de modo alheio aos processos de transformação do mundo, não podemos tomar o sujeito sociológico enquanto medida. Os movimentos sociais como o feminismo e o antirracismo, por exemplo, insistem em combater as estruturas de opressão que nos assolam, modificando-as na medida em que direitos igualitários são conquistados, políticas de assistencialismo são promulgadas e violências de ordem sistêmica não toleradas. Modificar a estrutura de uma sociedade não é algo simples, ou feito de uma hora para outra — é um processo que demanda tempo em virtude de grupos de resistência que propagam a ideia de que somos todos iguais. Com isso, movimentos como o *All lives matter*¹³ geram algum tipo de aderência social. Entretanto, a

¹³ *All lives matter* é um movimento crítico ao *Black lives matter*, que ganhou força exponencial em maio de 2020 após a série de protestos mobilizados por ativistas de várias partes do mundo contra o

existência de movimentos que buscam manter a estrutura opressora de nossa sociedade evidencia que as transformações sobre ela estão acontecendo, ainda que a passos estreitos.

Com o passar do tempo, percebeu-se que o "processo de identificação, através do qual nos projetamos em nossas identidades culturais, tornou-se mais provisório, variável e problemático" (HALL, 2006, p. 12). Assim, surge o sujeito pós-moderno, com uma concepção de identidade alheia a qualquer tipo de permanência ou essencialização (*Idem.*), pois identidade passa a ser percebida como

uma "celebração móvel": formada e transformada continuamente em relação às formas pelas quais somos representados ou interpelados nos sistemas culturais que nos rodeiam (Hall, 1987). É definida historicamente, e não biologicamente. O sujeito assume identidades diferentes em diferentes momentos, identidades que não são unificadas ao redor de um "eu" coerente. Dentro de nós há identidades contraditórias, empurrando em diferentes direções, de tal modo que nossas identificações estão sendo continuamente deslocadas (HALL, 2006, p. 12-13).

Hoje, podemos compreender identidade enquanto uma forma de posicionar nosso self, ou seja, nos projetarmos identitariamente, considerando as intersecções que nos constituem, a cultura que molda nosso comportamento, a sociedade que está em constante transformação e os discursos que nos atravessam. Quanto mais somos submetidos a processos de significação, mais multiplicamos nossa identidade, fragmentando-a em muitas. "A identidade plenamente unificada, completa, segura e coerente é uma fantasia" (HALL, 2006, p. 13). Logo, sujeito simplesmente é — não se pode definir sujeito enquanto algo, pois, assim, limitamos sua capacidade de ser e existir, assim como tornamos raso o conceito de identidade.

Frente ao que foi colocado nesta seção, é notório dizer que a velocidade com que o mundo muda hoje nos faz passar por processos de transformação tacitamente. Enquanto a solidez das sociedades tradicionais acorrentava sujeitos a uma figura rígida, imutável, a liquidez das sociedades atuais atribui ao nosso self um caráter multifacetado e dinâmico, que leva em consideração uma série de categorias como classe, raça, gênero, cultura, e, até mesmo, subjetividade. Dificilmente nos consideramos a mesma pessoa que fomos no passado e vislumbramos com

racismo em função da notoriedade que o brutal assassinato do cidadão negro estadunidense George Floyd, morto estrangulado por policiais brancos, recebeu. O *All lives matter* defende que todas as vidas importam, fazendo parecer que o *Black lives matter* promove segregação racial entre negros e brancos. A principal problemática que recai sobre os apoiadores do *All lives matter* é sua recusa em reconhecer o privilégio branco.

frequência quem seremos no futuro. Assim, identidade é concebida enquanto um produto social por essa pesquisa.

Somos entidades transitórias e extremamente complexas, pois vivemos em um mundo de configuração ainda mais complexa. Em virtude disso, ao longo da vida, abandonamos e aderimos a diferentes modos de significar nossa identidade e o que chamamos de realidade, nos filiando e nos afastando de certos grupos e suas regras. Os trabalhos desenvolvidos no campo da Análise de Narrativa se debruçam justamente sobre essas dinâmicas sociais, pois é uma área de estudos que nos permite observar os modos como as identidades surgem e são postas em circulação em encontros interacionais mediados pela fala, através das histórias que contamos.

3.5

Narrativa e identidade

De acordo com Luiz Paulo da Moita Lopes (2001), no início dos anos 2000, "nenhuma questão [despertou] mais interesse nas ciências humanas e no dia-a-dia das práticas sociais [...] do que a problemática das identidades sociais" (p. 55). Com isso, ao longo dos últimos anos, muitos trabalhos foram desenvolvidos sobre identidade, que continua sendo uma questão explorada nos tempos atuais em virtude de sua complexidade e caráter multifacetado. O próprio Moita Lopes fez muitas contribuições para o campo de estudos em identidade, tendo publicado livros em torno da temática como *Identidades fragmentadas: a construção discursiva de raça, gênero e sexualidade em sala de aula*, de 2002, em que o autor se propõe a investigar, a partir do que ele denomina *microcenos*, ou seja, recortes de aulas, como etnia, gênero e sexualidade são expostos e omitidos em um contexto escolar, uma instância de reverberação de poder, afetando diretamente a construção da identidade social de alunos. Esse trabalho se situa, mais especificamente, no campo da Linguística Aplicada, que realiza, eventualmente, colaborações com a Análise de Narrativa para melhor compreender a composição de identidades em diferentes cenários da vida social, vide o trabalho de Cortez (2021), que se ocupa em observar como as trajetórias de socialização de alunos de um vestibular social influenciam suas posturas em sala de aula, tomando a narrativa como lócus de análise para propor questionamentos sobre ideologias linguísticas, racismo e identidade. Este trabalho, além de dialogar muito diretamente com os estudos de Labov (1972) e a

terceira guinada dos estudos narrativos, foi fortemente influenciado por uma das grandes precursoras da Análise de Narrativa no Brasil, Liliana Cabral Bastos, que tem uma vasta literatura que aborda a relação entre narrativa e identidade (BASTOS, 1999, 2003; MARQUES; BASTOS, 2014; CRUZ; BASTOS, 2015; ARAUJO; BASTOS; BIAR, 2015).

Em *Narrativa e vida cotidiana*, de 2004, Bastos nos apresenta a narrativa como "uma forma de organização básica da experiência humana, a partir da qual pode-se estudar a vida social em geral" (p. 119). De tal modo, podemos tomar a narrativa enquanto uma porta de acesso às propriedades da língua que fazem dela um instrumento de socialização, e, também, de entendimento das mais variadas dinâmicas que compõem modos de representar o mundo e de criar realidades a partir de uma identidade.

Quando performamos uma identidade, apontamos para uma série de índices que resguardam significados específicos sobre gênero, raça e religiosidade, por exemplo, tecendo um alinhamento ideológico ao que se narra. Esses significados, quando colocados em jogo nas múltiplas interações sociais que integram nosso dia a dia e nos constituem enquanto sujeitos, geram efeitos de sentido, que são laminados e analisados por pesquisadores para inferir como somos afetados por eles. Uma narrativa não é apenas um relato, mas um mecanismo de construção identitária que dialoga diretamente com escolhas léxico-semânticas e pragmáticas que vêm à tona em momentos de interação social. Portanto, narrativas servem de acesso à rede de relações dialógicas¹⁴ que agem diretamente no modo como nos alinhamos a certos discursos e nos posicionamos no mundo e ao processo de aderência e/ou rejeição de identidades.

As narrativas podem ser analisadas por diferentes olhares, que, hora ou outra, se embaralham, mas, que, para fins didáticos, podem ser descritos a partir de lâminas.

3.6 Lâminas de investigação

¹⁴ Para Bakhtin (1997), relações dialógicas nada mais são que os encontros discursivos que nossos enunciados realizam com os discursos que nos entrecruzam.

Como a narrativa invoca vários domínios de diferentes ordens, três lâminas de análise (BIAR, 2012; BIAR; ORTON; BASTOS, 2021) serão manuseadas nesta pesquisa. A primeira foca na estrutura para compreender suas similaridades e diferenças tentando decifrar por que se estruturam da forma como se apresentam. Nesta etapa "[identificamos] e [descrevemos] a estrutura das narrativas, seus principais movimentos retóricos, as relações de sequencialidade, causalidade e coerência (LINDE, 1993)" (BIAR, 2012; BIAR; ORTON; BASTOS, 2021., p. 241). A atenção aqui se volta para os traços formais da narrativa.

A segunda lâmina trata da interação para explorar como (re)trabalhamos nossas identidades em contextos de fala e convidamos nossos interlocutores a participarem desse mundo idealizado. "De natureza pragmático-social, essa lâmina lança [olhar] sobre a ordem interacional, ou seja, a dimensão situada em que as narrativas foram coproduzidas pelos(as) participantes" (BIAR, 2012; BIAR; ORTON; BASTOS, 2021, p. 241). Mais especificamente, nos debruçamos sobre as ações performadas ao longo da interação e os (des)alinhamentos que apontam para posicionamentos de origem cultural, identitária, ideológica etc.

A terceira analisa os embates discursivos, para ouvir as vozes que dialogicamente se entrecruzam com as nossas. Neste momento, ampliamos a escala de análise para observar como os recortes que realizamos se conectam a contextos sociais mais amplos. Esta lâmina "busca mapear os discursos emergentes na cadeia de enunciados (BAKHTIN, 1979) da qual a(s) narrativa(s) sob escrutínio participa(m)" (BIAR, 2012; BIAR; ORTON; BASTOS, 2021, p. 242).

Em todas as lâminas observa-se o que as narrativas indiciam. A indexicalidade é a maneira como usamos signos linguísticos para apontar para determinados contextos semânticos (SILVERSTEIN, 2003), o que invoca uma dimensão pragmática do uso da língua. Quando fazemos uso de um termo, não estamos apenas lançando mão de uma palavra, mas de toda uma rede de significações a que essa palavra pode se relacionar, que é variável em função de uma série de fatores como, por exemplo: quem fala? Para quem se fala? Onde e quando se fala? Qual o cenário sócio-histórico em que se fala? A partir destes pontos, significados são clamados, indiciando uma série de valores que podem servir de base para a análise estrutural de enunciados, ou narrativas, quanto de seus efeitos discursivos.

Adianto que o trabalho de análise por lâminas não aparecerá de modo organizado, ou seja, listado em etapas facilmente localizáveis. Realizo a análise em laminações sem necessariamente pontuar o que é de ordem estrutural, interacional e discursiva. Ao final do capítulo 6 que sistematizo o processo, a fim de deixar cada um dos enfoques mais visíveis.

3.7 Discurso e discurso

Ao realizarmos o movimento anteriormente mencionado, de situar os contextos macro a que as narrativas que analisamos se filiam, estamos distinguindo discurso, com "d" minúsculo, de Discurso, com "D" maiúsculo (GEE, 1999 apud BIAR; ORTON; BASTOS, 2021, p. 242). Tomo aqui Discurso, com "D", como as grandes narrativas hegemônicas que formam e dispersam sentidos sobre os mais diversos temas. No que tange o uso de substâncias, há os já citados Discursos legislador, médico e neopentecostal. Já discurso, com "d", são as narrativas que circulam no cotidiano e servem de fonte de dados para a Análise de Narrativa, que comumente reproduzem o que é disseminado pelo Discurso, ou cria fissuras nele, de forma retroativa, conforme tento representar na imagem a seguir:

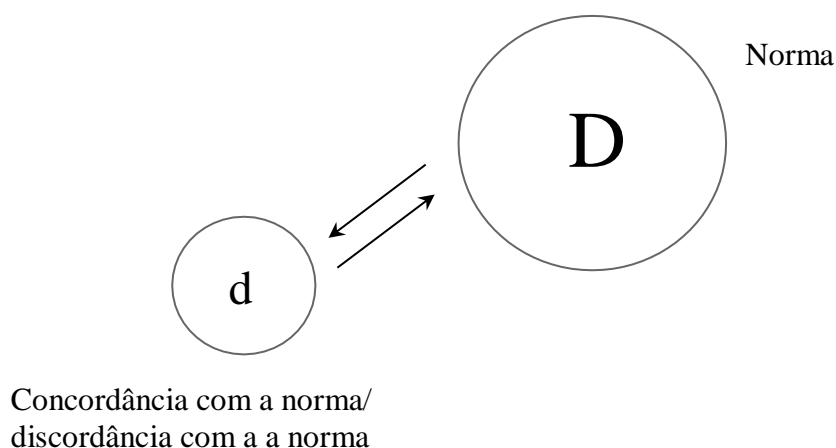


Figura 1: Relação retroativa entre discurso e Discurso.

De acordo com Silverstein (2003), o micro e o macro social se relacionam em qualquer análise dos fenômenos sociolinguísticos (p. 192), portanto, não é

possível separá-los, criando dicotomias que os compreendam enquanto unidades independentes. Portanto, a distinção entre Discurso com "D" e discurso com "d", que se baseia nas postulações de Gee (1999), é apenas uma medida aqui trazida para tornar um pouco mais nítido o modo como entendemos as relações discursivas ao analisá-las via narrativa, traçando links entre micro e macro. Então, é notório que assim como o Discurso com "D" alimenta os discursos com "d", os discursos com "d" alimentam o Discurso com "D", reorganizando as relações de indexicalidade postas em xeque no momento da interação, mudando a forma como a informação chega para e parte dos sujeitos, reposicionando a ordem dos discursos.

A partir da influência do impacto das narrativas no Discurso e vice-versa são gerados novos processos de significação de histórias e da história. Mas, para que as relações de convergência e divergência entre discurso e Discurso sejam mais facilmente visíveis, precisamos identificar os sistemas de coerência das narrativas.

3.8

Sistemas de coerência e princípios de coerência

Os grupos sociais possuem suas próprias regras de entendimento do mundo, que se baseiam em leis, ideologias, ou dogmas, por exemplo. Retomando Becker (1977),

[a]s regras sociais são a criação de grupos sociais específicos. As sociedades modernas [bem como as contemporâneas] não são organizações simples, nas quais todo mundo concorde sobre quais são as regras e como elas devem ser aplicadas em situações específicas. Elas são, ao contrário, altamente diferenciadas ao longo de linhas de classes sociais, linhas étnicas, linhas ocupacionais e linhas culturais. Esses grupos não precisam compartilhar das mesmas regras e, na verdade, frequentemente não o fazem. Os problemas que eles enfrentam ao lidar com seu meio ambiente, a história e as tradições que carrega consigo, tudo isso leva à evolução de diferentes conjuntos de regras. Na medida em que as regras de vários grupos entram em conflito e contradizem umas às outras, haverá discordância sobre o tipo de comportamento que é apropriado em qualquer situação dada (p. 65).

Portanto, regras sociais variam de tempo para tempo e de grupo social para grupo social, logo, não possuem valor universal. Os significados que uma sociedade cria nem sempre são unânimes e, por serem dispersos, concebem diferentes formas de construir identidades e o que se entende por realidade. Nesse sentido, toda narrativa está imersa em um conjunto de saberes que ratificam pertencimento ou

oposição a um determinado grupo social e às suas regras, bem como modos de significar o mundo e compor identidades.

Como este é um trabalho em Análise de Narrativa, que toma enquanto objeto de estudo a unidade discursiva narrativa, opto por mobilizar o conceito de sistemas de coerência de Charlotte Linde (1993), que foi pensado especificamente para lidar com histórias de vida partindo "do nível da constituição individual de sentenças", "até o nível social dos sistemas de crença", para focar em "seu efeito na construção de narrativas" (p. 3).

Para Linde (1993),

as histórias de vida tocam a mais ampla das construções sociais, uma vez que fazem pressuposições sobre o que pode ser considerado como esperado, quais são as normas e quais sistemas de crenças comuns ou especiais podem ser usados para estabelecer coerência (p. 3).

Os sistemas de coerência orientam a forma que as narrativas têm, com isso, muitas histórias de vida são relatadas similarmente, pois marcam territórios e pertencimento a grupos sociais. Assim, os sistemas de coerência inscrevem narrativas em uma ótica de compreensão que guia o modo como elas devem ser compreendidas e interpretadas. Não obstante,

[n]um plano mais geral, o objetivo do trabalho de Linde é observar como (...), a um só tempo, [unidades sociais e discursivas] funcionam para a criação e manutenção de identidades (...). [Q]uando contamos histórias (...) estamos dizendo que tipo de pessoas somos e marcando existência em um mundo social de acordo com critérios de propriedade (*appropriateness*) e aceitação cultural; nossas histórias devem estar condizentes com as expectativas e normas da vida em (uma certa) sociedade, em geral, e dos interlocutores, em particular (BIAR, 2012, p. 119).

De tal modo, identidades se manifestam em narrativas porque "nelas se constroem sentidos de pertencimento de forma coerente com as afiliações que pleiteamos para nós mesmos"; por conseguinte, ao contarmos uma história, "estamos também organizando o mundo que nos cerca, de modo a estabelecer relações de continuidade entre fatos e incidentes, de forma compatível com os valores e crenças básicas de nossa sociedade" (BIAR, 2012, p. 119-120).

Tomando o trabalho de Linde (1993) enquanto referência, o estudo de narrativas se torna extremamente profícuo, pois nos auxilia não só na compreensão

de como manipulamos o discurso a favor da (re)construção de nossa(s) identidade(s) social(is), mas, também, no entendimento de quais consensos estão sendo produzidos ao narrarmos uma história. A partir de narrativas, é possível acessar os sistemas de coerência que constituem os discursos em circulação em nossa sociedade, captando o momento em que (re)desenhamentos identitários acontecem e caracterizando processos comuns a toda uma cultura (LINDE, 1993, p. 16).

Ainda de acordo com Linde (1993), para um sistema de coerência ser coerente, ele precisa partir de um princípio de coerência. Esse princípio nada mais é que a

prática social de estabelecer uma 'causalidade adequada' entre os eventos de uma história. Narradores criam uma causalidade adequada quando o elo de causalidade que estabelecem entre os fatos de sua narrativa passam a ser tomados pelo receptor como aceitáveis ou satisfatórios para aquela sequência de eventos (SANTOS, 2016, p. 49).

A ordem de causalidade é uma orientação entre causa e consequência que opera a favor de um sentido que torna uma história coerente, ou seja, aceitável para um determinado grupo social. Como veremos mais à frente nas narrativas analisadas, há sempre um evento disparador que engatilha uma sequência de outros eventos, que só podem ser compreendidos a partir do estabelecimento da ordem de sua causa, que tem contornos específicos e bem estruturados. A relação causa-consequência não pode ser subvertida, pois cria falhas na construção de coerência de uma história, o que a aloca em um não-lugar, ou a um outro sistema de significação.

3.9

Critérios de análise e seleção de dados

Algumas das interações que serão apresentadas nas próximas seções são narrativas que possuem uma série de outras narrativas dentro de si. A narrativa-mãe estabelece os sistemas de coerência e o princípio de coerência (LINDE, 1993) que regem todas as narrativas-filhas que surgem ao longo das interações. Os conceitos narrativas-filhas e narrativas-mãe serão melhor explicados e trabalhados ao longo do capítulo 6, mas narrativas-filhas podem ser compreendidas enquanto *small stories* (BAMBERG; GEORGAKOPOULOU, 2008), e narrativa-mãe, o

testemunho de cura (do momento em que se inicia o primeiro turno de fala até o último). A narrativa-mãe também pode ser considerada uma *small story*, mas uma *small story* que costura uma série de outras *small stories* em um mesmo fio.

As transcrições são baseadas em convenções desenvolvidas por Sacks, Schegloff e Jefferson (2003) [1974]), mas com poucas marcações dos fenômenos para-linguísticos, a fim de tornar sua leitura mais acessível. Além disso, também não estou interessado em todos os movimentos que organizam as tomadas de turno, como questões mais específicas de entonação ou pausa, rigorosamente apuradas em estudos de Análise da Conversa. O que me interessa de fato é como as narrativas são estruturalmente organizadas para compor um grande significado, e também, as questões de identidade, os sistemas de coerência e o princípio de causalidade que entram em jogo no momento da interação.

O programa Vício Tem Cura já foi exibido via televisão uma série de vezes, visto que está na ativa desde 2014. No entanto, não há uma plataforma em que seja possível contabilizar o número de programas que foram ao ar, ou acessar a todos eles. Portanto, optei por focar nos vídeos postados no canal do Youtube e no Instagram do programa, que trazem programas na íntegra e fragmentos de programas anteriormente exibidos via televisão ou diretamente através das redes sociais. Só no canal do Youtube do programa Vício Tem Cura há mais de oitocentos vídeos postados, e no Instagram, mais de mil publicações no feed. Centralizei minha atenção às postagens feitas no Youtube e no Instagram entre os anos de 2020 e 2021 a fim de montar um corpus de dados. Assisti a um total de cem vídeos postados no Youtube do programa Vício Tem Cura, com durações que variavam entre três minutos e uma hora. Assisti também a um total de 120 vídeos postados no Instagram, que tinham duração de no máximo um minuto e selecionei um total de 60 imagens. Desses dados, escolhi para apresentar nesta pesquisa um total de cinco testemunhos e mais algumas postagens feitas em redes sociais (recursos semióticos) que colaboram para os efeitos de sentido gerados pelas narrativas que serão apresentadas. Minha amostra foi selecionada randomicamente de modo a contemplar sujeitos de diferentes gêneros e etnias. Isto posto, é importante dizer que os dados selecionados representam uma relação metonímica com um todo ainda maior; logo, esta pesquisa é uma generalização de muitos dados.

Os testemunhos que escolhi para analisar foram os seguintes:

Testemunhos	Título do vídeo no Youtube	Data de publicação do vídeo no Youtube	Duração do vídeo
Luiz (e Vanessa)	Ele se envolveu no tráfico para facilitar o uso de drogas.	11 de março de 2020.	2min. 59 seg.
Leandro (e Cida)	Inacreditável!!! Direto da rua para o tratamento.	27 de fevereiro de 2020.	4 min. 32 seg.
Sebastião	"Hoje é como se a cocaína fosse terra." Você acredita? Assista...	7 de novembro de 2020.	3 min. 49 seg.
Valéria	"Não resolveu em 20 anos na minha vida vai resolver em 3 minutos?"	6 de fevereiro de 2020.	6 min. 10 seg.
Natã (e Alzirene)	Eu tinha medo do meu filho.	24 de julho de 2020.	4 min. 28 seg.

Tabela 3: Testemunhos analisados.

Além das narrativas que emergem dos testemunhos acima citados, também mobilizo em minhas análises alguns prints desses testemunhos e dois vídeos postados no Instagram do programa Vício Tem Cura, bem como alguns prints extraídos desses mesmos vídeos e de algumas postagens (imagens de publicidade) de chamamento feitas no Instagram do programa. Há também a apresentação de algumas outras imagens extraídas do site do programa Vício Tem Cura e da ferramenta de busca de imagens do Google.

Aproveito este espaço para mencionar que importantes intersecções de raça, gênero e classe atravessam os testemunhos e o programa Vício Tem Cura como um todo, no entanto, não estão focalizados neste trabalho. Pretendo, em trabalhos futuros, dar maior atenção aos marcadores citados para alargar os debates propostos e em curso nesta pesquisa.

4 Shows da fé

No Brasil, programas religiosos são um tipo de entretenimento muito popular, principalmente os de cunho neopentecostal, que ocupam espaço em redes de televisão de todo o país. Eternizados por figuras como Edir Macedo, R. R. Soares e Valdemiro Santiago, os programas religiosos neopentecostais possuem traços marcantes e bastante similares entre si: o dízimo é cobrado de forma recorrente, curas são promovidas e graças exaltadas. Tudo por meio da oração.



Figura 2: Valdemiro Santiago apresentando seu programa.

As orações nos programas neopentecostais visam interceder na solução de uma série de problemas que acometem a vida do telespectador como, por exemplo, de ordem familiar, conjugal, trabalhista e até mesmo patológica. A oração através da água é uma prática representativa desses programas, marcando presença em muitos deles.



Figura 3: Momento da água.

A água é utilizada como uma espécie de catalisador de cura, que também pode ser atingida de outras formas. Há programas que abordam especificamente a cura como tema, criando um nicho dentro do segmento dos programas religiosos neopentecostais. A Igreja Universal do Reino de Deus é uma das maiores representantes dos programas religiosos de cura, que cativam público e audiência através de seu apelo ao divino e aos milagres que provê quase que instantaneamente.

4.1 Os programas iurdianos

Conforme mencionado, a Igreja Universal do Reino de Deus é famosa por seus rituais de cura que operam milagres através da fé, sendo "fortemente expressivos e sensitivos, porque neles se valoriza o visual e o auditivo" (GUSMÃO, 2005, p. 66). Muitos recursos semióticos são performativamente mobilizados em sessões de cura e descarrego. Tal caráter performativo pode ser compreendido enquanto um ato de fala, uma ação que realiza coisas no mundo (AUSTIN, 1990), e uma das ações reivindicadas pela Igreja Universal do Reino de Deus é a cura para uma série de doenças.

Ao proporcionar a seus fiéis curas instantâneas, a Igreja Universal do Reino de Deus acaba por desempenhar um papel fundamental na vida de muitas pessoas

que parecem não encontram na medicina soluções para seus problemas de saúde.

Não obstante, a

imprensa iurdiana, seus programas de rádio e de televisão estão repletos de relatos de milagrosas recuperações de saúde. Entre esses milagres [está a cura de] doenças tidas como incuráveis pela medicina ou que requerem um tratamento, como câncer, leucemia ou AIDS (GUSMÃO, 2005, p. 91).

Isto atribui à instituição um estatuto de veracidade a suas práticas religiosas, uma vez difundidas como infalíveis para solucionar enfermidades. Um dos carros-chefes da Igreja Universal do Reino de Deus é o programa Vício Tem Cura, que promete a cura definitiva para o uso de substâncias, que pelo programa é denominado *vício*, uma entidade espiritual maligna.

4.2 Vício Tem Cura

Desde 2014, a Igreja Universal do Reino de Deus tem operado com o programa Vício Tem Cura, que é divulgado enquanto um tratamento, realizado em templos e transmitido de forma televisionada. O programa também possui um canal no Youtube com mais de cem mil inscritos e páginas no Instagram e Facebook que juntas somam quase cinquenta mil seguidores. Além disso, há um site oficial do programa¹⁵, que armazena informações sobre polos de atendimento para o tratamento e modos de fazer contato. O programa é um grande fenômeno nas redes sociais em função dos expressivos números de seguidores de suas plataformas, que servem como canais de divulgação do trabalho realizado pela Igreja Universal do Reino de Deus na cura do uso de substâncias, que por eles é denominado *vício*.

A palavra *vício*, como dito ao longo da seção 2, é carregada de uma série de estigmas sociais comumente relacionados à criminalidade. Portanto, *viciado* é alguém que representa perigo e precisa ser interditado — alguém que se encontra em uma zona de marginalidade bem além das fronteiras que delimitam o que é normal e o que é sagrado. Nesse sentido, o programa Vício Tem Cura define o uso de substâncias enquanto um ato profano influenciado por entidades espirituais

¹⁵ Cf.: <www.viciotemcura.com>.

demoníacas que se apossam de nossos corpos e nos obrigam a consumir substâncias.

O programa Vício Tem Cura demoniza o uso de substâncias, o que faz com que ele seja passível de ser tratado em templos e igrejas durante cultos e sessões de descarrego ministrados por pastores e bispos, pois, uma vez que a questão é espiritual, e não biológica ou social, os profissionais habilitados para sanar tal questão são os do campo da fé, aqueles guiados por Deus.

Na imagem abaixo, um print de um texto retirado da página principal do site do programa Vício Tem Cura na internet, resume em algumas palavras seus propósitos e entendimentos enquanto base de tratamento:

O que você precisa saber?

O Tratamento é procurado por milhares de pessoas que sofrem as consequências dos vícios há muitos anos, que já buscaram ajuda em diversos locais, porém não obtiveram resultado positivo.

Você pode, sim, livrar-se dos vícios que fazem parte da sua vida e ser feliz de verdade. A cura dos vícios é uma luta que, quando decidida a ser travada até o fim, é vencida por cada pessoa que faz parte desse Tratamento. Todo vício é um espírito, e todo espírito pode ser arrancado, por isso a cura é real. Temos a direção para você que sofre com o vício, seja direta ou indiretamente, sair dessa prisão infernal.

Figura 4: O que se precisa saber sobre o tratamento iurdiano.

A proposta do programa Vício Tem Cura é proporcionar uma solução definitiva para o que ele denomina *vício*. O público alvo são sujeitos desacreditados dos métodos e tratamentos médicos existentes, ou que já experimentaram algum tipo de tratamento, mas que não surtiu efeito. Assim, o projeto promovido pela Igreja Universal do Reino de Deus surge não como uma possibilidade, mas a verdadeira cura para o uso de substâncias. Tal posicionamento ganha aderência em função da caracterização do uso de substâncias enquanto *vício* e uma questão de ordem espiritual, pois "[t]odo vício é um espírito, e todo espírito pode ser arrancado, por isso a cura é real". No texto, a mitificação do uso de substâncias é reforçada ao ser definido como uma "prisão infernal", remetendo a termos do discurso neopentecostal muito presentes em cultos. E, esse mesmo discurso refuta

proposições médicas ou psicossociais. Entretanto, ao mesmo tempo em que o discurso médico é refutado pelo discurso neopentecostal, é também apropriado, ao meu ver, para conferir uma certa legitimidade ao programa. Não à toa, o programa é divulgado como um tratamento que proporciona uma cura.

Tratamento e cura são termos médicos incorporados para dialogar com o interlocutor de forma menos mítica, apelando ao poder que o discurso médico clama, uma vez que ele não é contestado em espaços institucionais onde circula, como hospitais e clínicas. A indexicalização do discurso médico é constantemente mobilizada pelos pastores e bispos do programa Vício Tem Cura, como pode ser visto na imagem abaixo:



Figura 5: As "correntes do vício".

O print acima se refere a um trecho de um vídeo¹⁶ gravado nos bastidores do programa televisionado Vício Tem Cura. O vídeo, protagonizado pelo pastor João Oliveira, foi postado na página do Instagram do programa no dia 17 de junho de 2021 e traz o pastor trajado em um jaleco branco, uma indumentária vinculada ao campo da saúde que serve de EPI (equipamento de proteção individual). Os jalecos "fornece[m] uma barreira de proteção e reduz[em] a possibilidade de

¹⁶ Cf.: <<https://www.instagram.com/p/CQPEigWhhLW/>>. Acesso em 05 abr. 2022 às 21h48.

contaminação por microrganismos. Previne[m] a contaminação das roupas e protege[m] a pele da exposição a sangue e fluídos" (SILVA, 2018, p. 18). Ou seja, os jalecos, fora de um contexto médico, têm sua função descaracterizada, uma vez que não servem de proteção. Entretanto, carregam em si o valor simbólico de sua área de uso, conferindo ao discurso de quem o utiliza um estatuto de conhecimento e técnica. Assim, é criada uma relação objetiva entre *doutor* e *pastor*, tornando esses termos quase que sinônimos um do outro. De tal modo, além de pastor, João Oliveira se apresenta também como um médico habilitado para operar o "tratamento dos vícios". No vídeo, o pastor João faz a seguinte convocação:

Excerto 1 — *quando a força as cadeias a escravidão do vício ela é arrancada é arrancado junto o desejo a vontade e a fissura*

01	Pastor João	que deus abençoe todo povo do tratamento, todos
02		aqueles que vêm enviando a mensagem pra gente
03		estamos aqui agora no programa ao vivo vício
04		tem cura e hoje convocando a todos para este
05		domingo, dia vinte, o grande dia do fim da
06		escravidão às quinze horas no tratamento maior
07		como também às dezoito horas e lembrando a todos
08		que receberam essa algema se você não recebeu
09		nós vamos ir entregar neste domingo aqui em um
10		dos dois horários para que essa mesma seja
11		despedaçada para que seja quebrada todas as
12		cadeias dos vícios a exemplo que você vê aqui
13		nesse tronco porque quando a força, as cadeias,
14		a escravidão do vício ela é arrancada, é
15		arrancado junto o desejo a vontade e a fissura

Em sua mensagem, o pastor compara o "vício" à escravidão (linhas 05 e 06 e 13 e 14). Ao lado do pastor há um tronco com o nome de várias substâncias que os sujeitos que aderirem ao tratamento serão libertos — maconha, cocaína, álcool, crack, cigarro, heroína, cola, cristal. Esse tronco remete ao tronco em que os negros escravizados eram amarrados para serem açoitados, o que provoca uma ideia de que substâncias, assim como amarram as pessoas, também provocam dor e sofrimento. Nas mãos do pastor, podemos ver uma algema, um acessório também relacionado ao campo da repressão, que será quebrada para representar a ruptura da ligação existente entre substância e sujeito, eliminando do corpo a condição de "viciado". Todo esse aparato visual é parte de um grande ritual que, de modo performativo, realiza no mundo uma determinada ação: a cura do "vício".

Todos os elementos apresentados pelo pastor são indispensáveis para a composição de sua performance, pois, semioticamente, ele organiza uma série de sentidos dentro de uma narrativa para provocar um efeito pragmático em quem o assiste. E esses elementos são tanto recursos concretos como o tronco, as algemas, sua roupa, quanto abstratos, como os lexemas *tratamento*, *cura* e *escravidão*. Ou seja, ele reúne elementos de diferentes esferas da linguagem, recorta os significados que são de seu interesse e os coloca para conversar, criando uma espécie de bricolagem narrativa que refuta o discurso médico, mas que também dele se apropria.

O discurso do pastor está costurado a um sistema de coerência que é a base discursiva do programa — esse sistema de coerência define o uso de substâncias enquanto uma entidade demoníaca, que precisa ser extraída a partir de uma aproximação com Deus e que figura na narrativa de outros pastores e bispos que trabalham no programa, bem como dos fiéis que se submetem ao tratamento oferecido pelo programa, conforme veremos mais à frente. A esse sistema de coerência darei o nome de *espiritualização das substâncias*, uma vez que nos convida a interpretar as substâncias e seus efeitos a partir de uma ótica espiritual.

No excerto abaixo, o pastor Aldo Guimarães, em um vídeo¹⁷ publicado na página do Instagram do programa Vício Tem Cura, trecho de um culto televisionado, explica como funciona o "tratamento para a cura dos vícios" ministrado pelas igrejas iurdianas:

Excerto 2 — *o que que é a extração da força do vício?*

01	Pastor Aldo	o queque é a extração da força do vício? A
02		extração da força do vício é arrancar a energia
03		que domina a mente do dependente. às vezes a
04		pessoa diz assim, ela fica perguntando assim,
05		mas como é possível vocês afirmarem que a cura
06		definitiva para os vícios se várias pessoas
07		falam que vício é uma doença crônica? é um
08		problema crônico. como que vocês garantem a
09		cura, e como que essa cura acontece? exatamente
10		através dessa extração, da força do vício, dessa
11		energia que controla a mente do dependente, e
12		por isso ele é dominado pelos seus impulsos.
13		por isso ele é dominado pela vontade pelo desejo
14		pela fissura quando bate uma crise de
15		abstinência ele tem recaída mas quando há

¹⁷ Cf.: <<https://www.instagram.com/p/CNIKxm8ALD-/>>. Acesso em 05 abr. 2022 às 21h48.

16		extração dessa energia da força do vício ACABOU.
17		e foi o que aconteceu comigo e é o que vai
18		acontecer com você também.

O pastor Aldo Nascimento nos diz que o "tratamento para a cura dos vícios" oferecido pelo programa Vício Tem Cura se baseia na "extração da força do vício", que é uma espécie de "energia que domina nossas mentes" (linhas 01-03). Essa energia pode ser entendida como uma possessão demoníaca. A apresentação da informação de que o "vício" é uma "energia que domina a mente do dependente" (linha 02 e 03) logo no início de sua narrativa sustenta a justificativa da resposta da pergunta a seguir, que o pastor diz receber com muita frequência: como é possível o programa Vício Tem Cura garantir a cura definitiva para o uso de substâncias se o discurso médico o caracteriza como uma doença crônica, ou seja, incurável (linhas 03-09)? Em primeiro lugar, há o deslocamento do uso de substâncias enquanto doença para possessão demoníaca. Entretanto, apesar dessa ruptura com o espectro patológico, os termos *tratamento* e *cura* não deixam de ser incorporados — em momento algum o pastor trabalha com a ideia de exorcismo. Apesar do uso de substâncias ser caracterizado como resultado de uma possessão demoníaca, os recursos linguísticos utilizados no ritual indexicalizam o discurso médico. Portanto, assim como o traje (uso do jaleco branco) confere aos pastores e bispos uma legitimação da aptidão para o cuidado, as escolhas lexicais institucionalizam o ritual como uma prática tão ou até mais eficaz que as realizadas em hospitais e clínicas. Em segundo lugar, visto que o que leva ao uso de substâncias é um espírito, há a possibilidade de ele ser extraído, sanando assim o problema (linhas 15 e 16). Logo, o "vício" não é uma doença crônica e incurável porque não se trata, necessariamente, de uma doença, e, se não é uma doença, de fato, nenhum tratamento médico será eficaz. Assim, a resposta para a eficácia do ritual é construída. Não obstante, o símbolo que representa a Igreja Universal do Reino de Deus é uma pomba branca que habita um coração, o que significa o espírito santo em nosso coração; em contraponto, temos o "espírito maligno do vício", que ocupa a mente. Ambos podem habitar dentro de um mesmo sujeito, mas não no mesmo lugar e de modo simultâneo — quem tem Deus no coração tem a mente limpa e purificada por Ele.



Figura 6: O lugar de Deus no corpo.

O coração é um órgão lido como responsável pelo acolhimento, compaixão e amor, e está simbolicamente atrelado a virtudes como companheirismo e fidelidade — na perspectiva religiosa, o coração é a conexão ininterrupta e inquebrável com Deus, o lugar habitado pelo sagrado. O coração configura um lugar privilegiado no corpo, enquanto a mente — o cérebro — é tida como uma zona de fácil acesso, manipulável e transitória. A mente representa o cérebro, órgão que geralmente é associado às escolhas difíceis, aquelas feitas sem levar em consideração as emoções. É também onde se encontra a racionalidade, por isso, não pode servir de casa para o espírito santo, pois ele pressupõe a ação através do sobrenatural, o inexplicável, o que não tange os limites da racionalidade. Já o coração, pelo contrário, representa o sentimento, portanto, um lugar que pode ser habitado, pois pressupõe a inocência da credibilidade. De tal modo, o "vício" é atrelado à mente, pois é onde as más escolhas são feitas — aquelas que não passaram pelo coração. Mas, uma vez que o sujeito aceita o espírito santo em seu coração, sua mente é purificada e o corpo passa a funcionar de modo integrado e não mais individual — todas as escolhas e decisões são abençoadas por Deus, logo, minimizam-se os erros e os pecados; são expulsas do corpo as más influências. A mente se torna vilã do corpo quando o coração é vazio.

Para transformar sua narrativa em um discurso apropriável, acessível, o pastor Aldo conclui dizendo que já foi curado do "vício" e que quem o assiste e enfrenta o mesmo problema que ele já superou no passado também vai encontrar a

solução (linhas 17 e 18), pois ele a está oferecendo. Apesar de o tratamento ser transmitido de forma televisionada e via redes sociais, é necessário que o sujeito frequente a igreja, tenha determinação e queira vencer o "vício" para que a eficácia do tratamento seja garantida. A cura não se faz sozinha, como podemos ver nas imagens abaixo, postagens de chamamento publicadas no Instagram do programa Vício Tem Cura:





Figura 7: Colagem de posts de Instagram.

As postagens investem em mensagens que remetem a ações a serem realizadas pelo telespectador. O diálogo com o interlocutor é feito em sua maioria através de vocativos, "Tome uma decisão!", "Quebre as correntes que te prendem", "Tenha sede de mudança", "Transforme suas palavras em ações", que soam quase como uma espécie de ordem. Também podemos perceber que nas postagens há uma relação direta com o discurso meritocrático: se você quer, você consegue. "O único obstáculo para sua cura é a falta de determinação" e "Não precisa ter força precisa querer mudar" são enunciados que evocam a meritocracia e sustentam a força de vontade do sujeito como parte do processo de cura. Porém, se a extração da "força do vício" da mente representa a cura, por que a força de vontade parece também ocupar um espaço importante na cura prometida pelo programa?

Muitos que se submetem ao tratamento oferecido pelo programa Vício Tem Cura se convertem ao Neopentecostalismo. Para a fé existir, é necessário que exista uma crença, que, sozinha, não se sustenta. É necessário que haja aderência das massas para que uma crença tenha valor. Nenhum dogma, nenhum ritual é eficaz se ninguém acredita em sua veracidade. Portanto, vejo que a eficácia do tratamento não está, necessariamente, na extração da "força do vício", do expurgo da entidade demoníaca, mas, sim, na conversão e no quão devotos e fiéis os "pacientes" são aos preceitos da igreja, e, por conseguinte, a Deus. Por isso, o sujeito tem que querer; é preciso fazer por onde.

O programa Vício Tem Cura não foca em um tratamento baseado em internações ou acompanhamento médico, psicológico e/ou farmacológico, pelo

contrário, refuta todo tipo de cuidado relacionado ao campo psicossocial. A fé e a obediência são os critérios-chave para o sucesso do livramento do uso de substâncias.

Nas próximas seções, veremos a materialização da cura, manifestada em narrativas testemunhais que evocam as mazelas provocadas pelo uso de substâncias, bem como as bênçãos, fornecidas por um contato direto com Deus através do programa iurdiano.

5

De-para: abandono e admissão de identidades

O programa Vício Tem Cura toma substâncias como algo a ser evitado, sentido compartilhado também pelo discurso legislador e pelo discurso médico — em nossa sociedade, a caracterização do uso de substâncias é costumeiramente colocada como ruim, o que não é uma marca exclusiva do discurso neopentecostal, tampouco do programa Vício Tem Cura. Somos, por diferentes esferas sociointeracionais, influenciados a evitar substâncias porque elas representam proibição e, também, degradação do corpo. Portanto, aquele/a que faz uso de substâncias o faz ciente de que a prática é socialmente condenável, que representa desvio; no entanto, ainda assim, a realiza. A diferença entre o discurso neopentecostal e outros grandes discursos, grandes narrativas em circulação sobre o uso de substâncias em nossa sociedade atual, é a ligação a um sistema de coerência que espiritualiza as substâncias.

A espiritualização das substâncias pelo discurso neopentecostal toma a Bíblia enquanto referência, o que aproxima as experiências de vida relatadas no programa Vício Tem Cura da Bíblia e de suas histórias. Portanto, as narrativas de "ex-viciados" que emergem no programa Vício Tem Cura sobre a superação do uso de substâncias indiciam passagens e princípios bíblicos que culminam em aprendizados e em uma aproximação com Deus. Seguindo esse raciocínio, podemos fazer links, por exemplo, com Adão e Eva, que, cientes de que o consumo do fruto proibido marcaria sua expulsão do paraíso, não evitaram morder a maçã que simbolizava o pecado. Substâncias podem ser vistas como a maçã, e as mazelas narradas pelos "ex-viciados" como a expulsão do paraíso. Essas mazelas são postas como escolhas — o sofrimento é opcional, como morder o fruto proibido. Ao optar por contrariar Deus, se faz justo o sofrimento. Logo, sofre-se não porque Deus é injusto, ou porque a sociedade é injusta — sofre-se porque houve injustiça para com os preceitos de Deus, uma vez que os caminhos corretos para receber bênçãos e não flagelos são óbvios.

As seções a seguir apresentam histórias de vida — testemunhos de cura e superação do uso de substâncias, que ocorre em virtude de uma aproximação com Deus e a uma filiação obediente à igreja iurdiana. As narrativas, costumeiramente, surgem na interação da seguinte forma, conforme por mim denominado em itálico:

(1) *a queda*, um descompromisso com Deus; (2) *o calvário*, um conjunto de sofrimentos que o próprio sujeito incide sobre si em virtude da ruptura com Deus; (3) *o levantar*, momento em que o elo entre o sujeito e Deus é (re)estabelecido, que gera uma reflexão e reinterpretação do passado, do presente e do futuro; (4) *a tentação*, provas a que o sujeito é submetido para provar sua obediência e adoração a Deus, o que lhe rende inúmeras bênçãos e a projeção de muitos sucessos. Essa segmentação é importante pois organiza as narrativas dos "ex-viciados" de modo a fazer suas experiências de (re)aproximação com Deus mais coerentes. No capítulo 5 abordarei apenas *a queda*, os demais pontos serão apresentados no capítulo 6. Além das narrativas dos "ex-viciados", também examinarei narrativas vicárias, que desempenham nos testemunhos um importante papel de protagonismo na construção de significados sobre substâncias.

5.1

A queda

Mas Deus disse: "não comam do fruto da árvore que está no meio do jardim, nem toquem nele; do contrário vocês morrerão".
(Gênesis 3:3)

Os testemunhos protagonizados no programa Vício Tem Cura por "ex-viciados" começam contextualizando um passado, distante ou não muito distante, em que os "ex-viciados" estavam sob influência do "espírito do vício". Os relatos não trazem apenas fragmentos de histórias de vida envolvendo o uso de substâncias, eles situam os "ex-viciados" no sistema de coerência que espiritualiza substâncias. Assim, os "ex-viciados" narram suas histórias reinterpretando-as, tecendo novos significados. Esse momento marca a introdução de um novo self, que aproxima o/a narrador/a de um grupo social religioso e de uma identidade compatível a esse grupo, provando o quão alinhado/a é/está ao grupo e suas regras, como podemos ver no excerto abaixo, extraído da narrativa de Luiz¹⁸, um homem que, segundo o próprio, após fazer uso de substâncias, passou a se envolver com o tráfico.

¹⁸ Cf.:

<https://www.youtube.com/watch?v=v8bukZtYNwE&ab_channel=V%C3%ADciotemCura.>. Acesso em 05 abr. 2022 às 21h51.

Excerto 3 — *cheguei ao fundo do poço*

01	Bispo Lana	tudo bem?
02	Luiz	()
03	Bispo Lana	qual o nome?
04	Luiz	Luiz
05	Bispo Lana	e?
06	Vanessa	Vanessa.
07	Bispo Lana	você é o que dele?
08	Vanessa	prima.
09	Bispo Lana	prima. você que tinha o vício Luiz?
10	Luiz	sim senhor.
11	Bispo Lana	vício de quê?
12	Luiz	cocaína, álcool... lança perfume e ecstasy.
13		((enquanto Luiz fala aparece na tela uma imagem
14		dele beijando o que parece ser uma garrafa de
15		bebida alcoólica))
16	Bispo Lana	quanto tempo no vício?
17	Luiz	doze anos.
18	Bispo Lana	nesses doze anos como que ficou a sua vida?
19	Luiz	a: ficou de ponta cabeça porque eu aprontei
20		↑muito, <tráfico>. ((aparece na tela uma imagem
21		de Luiz segurando uma arma))
22	Bispo Lana	quer dizer além do vício de usar substância
23		ainda se envolveu com a criminalidade?
24	Luiz	sim eu procurei ir pro tráfico porque eu já não
25		tinha mais condições de comprar eu falei "então
26		vai facilitar" e foi aonde que eu cheguei ao
27		fundo do poço.

Após uma breve apresentação, o bispo pergunta a Luiz no que ele era "viciado" (linha 11). As perguntas feitas pelos pastores/bispos guiam todo o testemunho, invocando a contação de histórias preferidas pelos pastores/bispos, que auxiliam na construção de sentido que ordenam os testemunhos dentro de um princípio de causalidade e um sistema de prosperidade bastante específicos.

Enquanto Luiz narra, mencionando cocaína, álcool, lança perfume e ecstasy (linha 12), é sobreposta à sua fala a seguinte imagem:

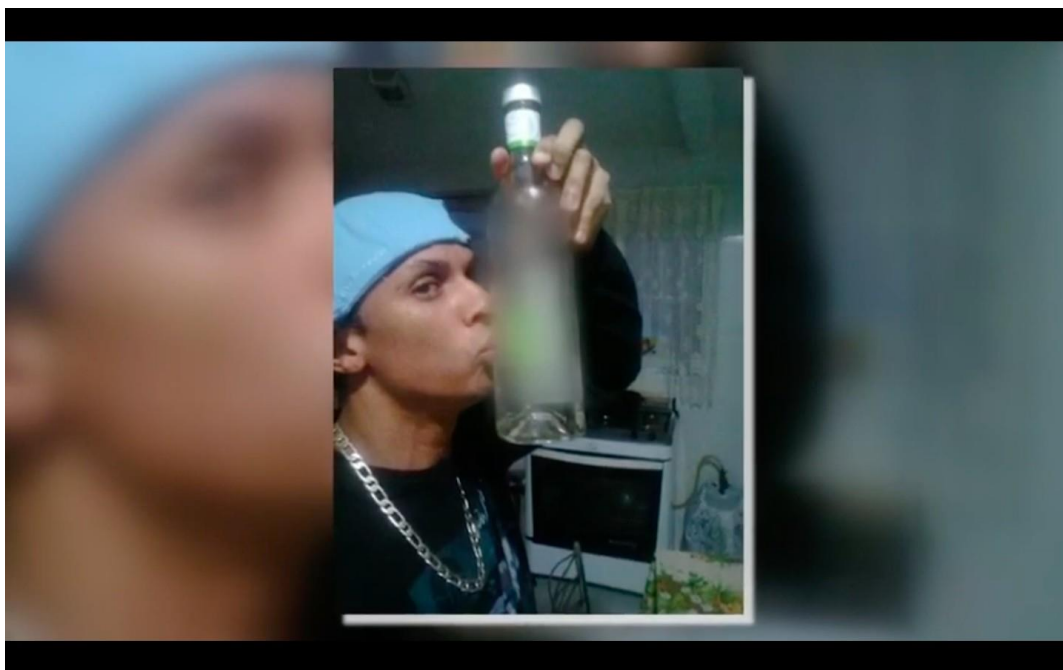


Figura 8: Elemento de profanação I.

Na imagem, é possível vermos Luiz beijando o que parece ser uma garrafa de bebida alcoólica, um signo extralinguístico que aponta para uma espécie de adoração às substâncias, não a Deus. Isso marca a primeira grande distinção identitária entre quem era Luiz antes e depois da conversão religiosa: antes, um sujeito fascinado por um conjunto de elementos hereges que corroboraram para seu fracasso pessoal e que tornavam sua mente fraca, fácil de ser possuída e manipulada por uma entidade espiritual maligna; depois, como se verá, um ser abençoado, digno de todos os milagres e graças que são e serão colocados em seu caminho.

Uma outra pergunta do bispo direcionada a Luiz (linha 18) não é uma indagação sobre como se deu a adesão de Luiz ao consumo de substâncias, mas sim sobre a relação de Luiz com elas, o que apaga questões de ordem extra-espiritual que podem levar um sujeito a consumir substâncias. Ao ser perguntado por quanto tempo consumiu substâncias (linha 16) e como foi sua vida ao longo desse período (linha 18), Luiz começa respondendo com o seguinte sumário avaliativo: "a: ficou de ponta cabeça porque eu aprontei ↑muito" (linhas 19-20), enquanto a tela é preenchida por uma imagem de Luiz segurando uma arma, fazendo alusão à criminalidade, que é reforçada pelo bispo ao dizer "quer dizer além do vício de usar substância ainda se envolveu com a criminalidade" (linhas 22-23).



Figura 9: Elemento de profanação II.

Ao dizer que sua vida ficou de ponta cabeça e que aprontou muito (linhas 19 e 20), entendo que Luiz está avaliando negativamente esse momento de sua história, pois faz referência ao relato de sua entrada para o tráfico. Interpreto a entrada para o tráfico "<tráfico>" (linha 20) como uma consequência, e cocaína, álcool... lança perfume e ecstasy (linha 12) causas. Assim, vejo que Luiz se inscreve em um princípio de causalidade que coloca o uso de substâncias como motivo de uma série de consequências ruins que acometeram sua vida, como a entrada para o tráfico.

Dando continuidade à análise, em sequência, nas linhas 24 e 25 Luiz conta que aderiu ao tráfico porque, ao que parece, sua situação financeira não possibilitava o consumo de substâncias "eu procurei ir pro tráfico porque eu já não tinha mais condições de comprar" , logo, se filiando ao tráfico, Luiz podia continuar consumindo substâncias, como diz no seguinte trecho: "eu falei 'então vai facilitar'" (linhas 25 e 26).

Diferentemente do modo como narrativas de entrada para o tráfico são construídas, tomando como base os estudos de Biar (2012), Luiz opta por construir sua narrativa de modo agentivo, ou seja, ele é o responsável por tudo o que acontece em sua vida. Ele aprontou muito (linhas 19 e 20), ele procurou o tráfico (linha 24),

ele chegou ao fundo do poço (linhas 26 e 27). A existência de qualquer outro fator externo a ação do indivíduo é omitida.

Para se construir frente a uma luz favorável (GOFFMAN, 1995), minimizando os efeitos do estigma em seus corpos, os presos por tráfico entrevistados por Biar (2012) narram os motivos pelos quais entraram para o tráfico de modo passivo (mas não de modo alienado, "a ausência da agentividade não é sinônimo de alienação, mas, (...) de um assujeitamento consciente a um conjunto de determinações sociais" (p. 146)). Nesse sentido, autoridades policiais, o governo e as desigualdades sociais se tornam responsáveis por colocar sujeitos em caminhos tortuosos; já Luiz faz um caminho reverso.

Na narrativa de Luiz, ele mesmo protagoniza o rumo que sua vida tomou, mostrando como substâncias podem nos influenciar a fazer coisas ruins. Luiz não minimiza os efeitos do estigma do uso de substâncias, os engrandece. De tal modo, o princípio de causalidade que Luiz está inscrito subverte o senso comum que coloca o tráfico como causa do uso de substâncias. Portanto, a história de Luiz, ao invés de ser presumida como "procurei o tráfico", logo, "passei a consumir substâncias", ele burla essa lógica, colocando o tráfico como uma consequência do uso de substâncias, que resulta no fundo do poço (linhas 26 e 27).

No excerto abaixo, trecho da narrativa de Leandro¹⁹, um pai de família, podemos notar certas semelhanças com a história de vida de Luiz.

¹⁹ Cf.:

<https://www.youtube.com/watch?v=Ffj2VPFpCmM&ab_channel=V%C3%ADciotemCura.>. Acesso em 05 abr. 2022 às 21h51.

Excerto 4 — *roubei até fralda do meu próprio filho*

01	Bispo Lana	qual nome?
02	Cida	Cida.
03	Bispo Lana	Cida e?
04	Leandro	Leandro.
05	Bispo Lana	Leandro. cadê a foto do Leandro no vício? ((é sobreposta uma foto antiga de Leandro na tela))
06		aquele ali é você mesmo?
07		
08	Leandro	sim senhor.
09	Bispo Lana	vício de que Leandro?
10	Leandro	é: crack o fundamental era o crack porque eu já usei tudo quanto é droga mas o fundo de poço mesmo foi o crack.
11		
12		
13	Bispo Lana	quanto tempo no vício no total?
14	Leandro	vinte anos no vício do crack cheguei ao ponto de largar minha casa largar minha família morar na rua comer comida do lixo furtar nos mercados tudo pra manter o vício. eu roubei até fralda do meu próprio filho meu filho recém-nascido eu roubava fralda.
15		
16		
17		
18		
19		

No excerto 4, Leandro narra sua experiência com o crack, que também o levou ao fundo do poço, como aconteceu com Luiz. Mais uma vez, o estigma do uso de substâncias é mobilizado trazendo consigo a questão da criminalidade. Leandro não entrou para o tráfico, mas passou a cometer atos ilícitos para sustentar o consumo de substâncias: furto e roubo. É notório nas narrativas substâncias são colocadas como um grande ímã que atrai coisas negativas. Se elas não levam para o tráfico, como no caso de Luiz, levam para o crime, ou para qualquer outra zona de marginalidade — ao que parece, não há como fugir de suas consequências nefastas. Então, substâncias podem ser vistas como porta de entrada para o crime.

O bispo Lana, que participa da interação como mediador, inicia a interação perguntando à produção do programa sobre uma foto de Leandro no período do "vício", que é projetada na tela. A imagem revela um Leandro debilitado e abatido, mostrando os efeitos das substâncias no corpo, como pode-se ver a seguir:



Figura 10: Profanação/deterioração do corpo.

As substâncias não só tomam conta da mente; elas se apossam do corpo. Apesar da mente ser o lócus de habitação do "espírito do vício", como apontado pelo programa Vício Tem Cura, é através do corpo que ele realiza suas ações, que fica marcado pelo uso de substâncias. De tal modo, neste momento, o sofrimento é caracterizado de forma gráfica, criando contornos bem delimitados para a identificação de "viciados", desenhados como sujeitos maltrapilhos e cadavéricos pelo programa. A imagem, que choca, principalmente quando colocada em contraste com o Leandro de hoje, cria um distanciamento entre o Leandro do passado e o Leandro do presente, agora, um homem forte e saudável, pois foi liberto do "vício".

Assim como na narrativa de Luiz, perguntas sobre como se deu o início do consumo de substâncias na vida de Leandro ficam de fora, o que dá protagonismo a eventos de sofrimento causados pelas substâncias, relatados enquanto vivências marginais. Leandro, de modo agentivo, narra que abandonou sua casa e família por conta do "vício", "cheguei ao ponto de largar minha casa largar minha família morar na rua" (linha 14-16). Neste trecho da narrativa de Leandro, há uma avaliação encaixada quando ele diz "cheguei ao ponto de" (linhas 14 e 15) que vejo como uma forma de Leandro reconhecer o quão absurdas foram suas ações no passado. Assim, Leandro começa a se distanciar de uma identidade que não é

bem-vinda no contexto em que se encontra. Após isso, uma sequência de eventos-limite é relatada. Leandro passou a comer comida do lixo e a furtar (linhas 16 e 17). O que parece ser mais impressionante é o ato cometido contra sua família: "eu roubei até fralda do meu próprio filho meu filho recém-nascido eu roubava fralda" (linhas 17 a 19). A repetição reforça um ar de arrependimento frente a uma atitude tão insensata — o "espírito do vício" é tão cruel que não poupa nem mesmo uma inofensiva criança, que tem pertences básicos para sua sobrevivência retirados de si.

Leandro estabelece em sua narrativa uma ordem de acontecimentos de modo escalonado. Gradativamente, o nível de avaliação dos eventos aumenta, da seguinte forma, até culminar em um evento-extremo: (1) largar a casa, (2) largar a família, (3) morar na rua, (4) comer comida do lixo, (5) furtar mercados, (6) roubar o próprio filho. Esse modo de organizar sua narrativa mostra como, aos poucos, a identidade desviante de Leandro foi se tornando cada vez mais perigosa.

A narrativa de Leandro, assim como a de Luiz, coloca em contraste uma identidade desviante, superada, e uma identidade purista, requerida no contexto em que os narradores se apresentam. Essas identidades são temporalmente localizadas, o que cria uma dicotomia entre passado e presente.

O próximo excerto²⁰ traz à tona lembranças do passado que descrevem quem foi Sebastião, quando usuário de substâncias, e quem é Sebastião, descrito como um servo de Deus que recebeu a "cura para os vícios" ofertada pelo programa Vício Tem Cura. Assim como na narrativa de Luiz e Leandro, podemos ver na narrativa de Sebastião um rompimento com uma identidade do passado, desviante e repleta de estigmas, e uma identidade "normal", que se manifesta no aqui e agora.

²⁰ Cf.:

<https://www.youtube.com/watch?v=9EuKLCW5kRc&ab_channel=V%C3%ADciotemCura.>. Acesso em 05 abr. 2022 às 21h55.

Excerto 5 — *sozinho você faz da sua casa uma biqueira se você quiser, entendeu?*

01	Pastor Aldo	seu nome é qual?
02	Sebastião	Sebastião
03	Pastor Aldo	viciado em quê?
04	Sebastião	pornografia. desde a infância, eu nem lembro
05		exatamente como começou. muito novo. quatorze
06		anos de vício em cocaína. vinte anos de vício
07		em cigarro. todo esse tempo.
08	Pastor Aldo	nesses anos todos você tentou de alguma forma
09		parar?
10	Sebastião	tentei de todas as formas. frequentei
11		denominações. nunca procurei clínica porque eu
12		via o que acontecia com as pessoas então eu
13		falei "mas não adianta nada eu vejo todo mundo
14		a família paga rios de dinheiro sai pior eu não
15		vou nem perder tempo" e com o passar do tempo
16		fui perdendo primeiro que assim nunca tive
17		oportunidade de conquistar coisas maiores
18		porque sempre que aparecia um emprego bom é
19		aquele negócio recebeu vai pra biqueira ()
20	Pastor Aldo	[dinheiro na mão
21	Sebastião	=a:: pastor no meu caso só de pensar por exemplo
22		"hoje eu vou receber" eu já tinha que correr
23		pro banheiro, as crises de de ansiedade de
24		desejo pela droga sonhar com a droga sonhar com
25		a droga de madrugada e ir na biqueira seis cinco
26		horas da manhã acordava tremendo parecia que eu
27		tinha dormido dentro de um congelador. assim
28		era minha vida então perdi emprego, namoro,
29		amigos de infância que não usam droga se
30		afastam, família o que restou se afasta porque
31		eu perdi pai e mãe muito cedo então sempre morei
32		praticamente sozinho, e isso pra quem tem vício
33		é terrível porque tá vamos dizer assim largado
34		no mundo
35	Pastor Aldo	[sozinho
36	Sebastião	=sozinho você faz da sua casa uma biqueira se
37		você quiser, entendeu? ()

Sebastião começa sua narrativa falando sobre o "tempo de vício" em sua vida e relata que se tornou "viciado" ainda jovem, com a pornografia. Esse tipo de "vício" não é convencional ao programa. O próprio reconhece que a idade ainda era muito tenra para tal, ao dizer, através de uma avaliação externa, que era "muito novo" (linha 05). Após isso, ele traz uma narrativa sobre sua experiência com substâncias. Na história, dois tempos passados são mobilizados, um anterior ao "vício" (linha 31-34) e o do "vício" (linhas 04-07, 10-19 e 22-30). A distinção de tempos não é marcada por um fator morfológico, sim, situacional, em que o contexto é o responsável por organizar temporalmente as narrativas. Além disso, muitas dessas ações passadas são conjugadas com verbos no presente, "bom é

aquele negócio recebeu vai pra biqueira" (linhas 18 e 19), "a:: pastor no meu caso só de pensar por exemplo hoje eu vou receber eu já tinha que correr pro banheiro" (linhas 21-23), como se essas lembranças fossem, no passado, ações muito corriqueiras.

Nas linhas 04-07 e 10-19, Sebastião conta que a experiência com substâncias o impediu de "conquistar coisas maiores" (linha 16 e 17), pois todo o dinheiro que recebia de salário era destinado à compra de substâncias: "é aquele negócio recebeu vai pra biqueira" (linhas 18 e 19). Os trechos citados, interpreto como orientações, que nos localizam melhor na vida passada de Sebastião. O trecho das linhas 5-7, "quatorze anos de vício em cocaína. vinte anos de vício em cigarro.", percebo como eventos causadores de problemas, que se alinham ao princípio de causalidade comum nas narrativas testemunhais de "cura do vício" apresentadas no programa Vício Tem Cura.

Em "é aquele negócio recebeu vai pra biqueira" (linhas 18 e 19) Sebastião parece se posicionar como uma pessoa trabalhadora, que, por muito tempo, sustentou seu "vício" em substâncias de modo honesto. Nas linhas 16 e 17, Sebastião diz "nunca tive oportunidade de conquistar coisas maiores", que poderia ser interpretado como uma forma de crítica à escassez de empregos ou oportunidades de trabalho formais; entretanto, isso não parecia ser um problema, visto que Sebastião teve muitos empregos, e bons (linha 18), mesmo que não soubesse tirar proveito deles. Portanto, Sebastião se constrói como alguém que não soube tirar proveito das oportunidades que a vida lhe proporcionou.

Em sequência, Sebastião traz à tona a consequência do uso de substâncias, que remete a um passado de sofrimento aparentemente recorrente provocado pela abstinência e a fissura (linhas 21-27), surgindo aqui, mais uma vez, os efeitos das substâncias na vida de um sujeito. Sebastião relata que, só de pensar que teria dinheiro para o consumo de substâncias, engatilhava severas crises de ansiedade. Curioso notar que apesar da relação com substâncias estarem muito ligadas a situações dolorosas, esses momentos de dor não são suficientes para gerar um ponto de virada. É como se a dor fosse intrínseca ao consumo de substâncias, naturalizada enquanto algo normal. O "estalo" de que o contato com substâncias deveria ser interrompido por ter se tornado prejudicial se dá a partir de um evento-extremo, que Sebastião apresentará mais à frente e que abordarei na seção 6.1 do próximo capítulo.

A parte final do excerto 5 é encerrada com uma coda, que parece trazer uma espécie de justificativa para a aderência de Sebastião ao consumo de substâncias. Por ter perdido pai e mãe muito cedo, viveu boa parte de sua vida sozinho (linhas 31 e 32). Isto explicaria por que tão jovem já era "viciado" (como dito nas linhas 04 e 05). A ausência da figura de um pai e de uma mãe em sua vida parece ter feito de Sebastião um sujeito vulnerável às substâncias. Ainda assim, as substâncias são construídas como escolhas, pois "você faz da sua casa uma biqueira se você quiser entendeu? ()" (linhas 36 e 37). Ou seja, a avaliação encaixada "se você quiser" refutaria a ideia de que a família desempenharia sobre o narrador uma influência negativa.

Em todos os testemunhos de "ex-viciados" que emergem no programa Vício Tem Cura, a família é colocada como uma entidade sagrada, que está sempre tomando atitudes adequadas para livrar seus pares do "vício". Ainda que essas atitudes sejam violentas, elas são postas pelos "ex-viciados" como necessárias, ou seja, bem avaliadas, como veremos na próxima narrativa²¹, de uma mulher chamada Valéria, que conta sobre o pior dia de sua vida — ou melhor, de sua não vida, como ela mesma diz. A narrativa contém muitas avaliações e se refere a um evento que Valéria não se recorda com precisão.

Excerto 6 — *meus irmãos entrevistaram*

01	Bispo Lana	tudo bem?
02	Valéria	tudo bem
03	Bispo Lana	qual o nome?
04	Valéria	Valéria
05	Bispo Lana	Valéria, teu vício era o que Valéria?
06	Valéria	cigarro cocaína crack bebida tudo.
07	Bispo Lana	durante quanto tempo no vício?
08		pouco mais de duas décadas vinte e dois anos
09		mais ou menos.
10	Bispo Lana	e aí nesses vinte e dois anos vício foi ficando
11		cada vez pior acredito foi perdendo o que chegou
12		ao ponto de fazer o que pra tentar sair como
13		que ficou a sua situação?
14	Valéria	então o ponto máximo do do vício foi quando eu
15		depois de dois ou três dias na rua -- eu não me
16		recordo tá isso me falam que aconteceu -- que
17		eu entrei dentro de casa, eu tenho uma mãe de
18		oitenta e três anos, um filho de quator-, vai
19		fazer quatorze, eu cheguei querendo quebrar

²¹ Cf.: https://www.youtube.com/watch?v=XR49FGu1B-Y&ab_channel=V%C3%ADciotemCura. Último acesso em 05 abr. 2022 às 21h56.

20		tudo e eu fui pra cima do meu filho. eu tentei
21		matá-lo.
22	Bispo Lana	você não lembra de nada disso.
23	Valéria	não não lembro de nada de nada isso é o que me
24		falam.
25	Bispo Lana	tentou matar, você não lembrava, disseram isso
26		pra você, e aí quando você veio em si o que que
27		aconteceu?
28	Valéria	então esse dia foi o pior dia da minha vida, ou
29		da minha não vida né porque minha vida começou
30		ali por incrível que pareça, meus irmãos
31		intervieram -- eu tenho dois irmãos -- eles
32		intervieram eu tomei uma BAI::TA surra eu não
33		senti absolutamente nada. eu vim sentir as dores
34		no outro dia porque eu vi hematomas, calombos
35		pelo corpo, toda roxa, enfim, só que daí eu já
36		não podia mais entrar na minha casa, eu estava
37		na ↑rua e foram dez dias na RUA em situação de
38		↑rua.
39	Bispo Lana	foi expulsa de casa.

Na narrativa de Valéria, o clímax do "vício" em sua vida é descrito como a tentativa de assassinato de seu próprio filho. Conforme dito anteriormente, a família representa nos testemunhos uma entidade sagrada, portanto, profaná-la é um ato de injúria. A família é desculpabilizada por tudo o que acontece de ruim na vida de um "ex-viciado". Nas narrativas analisadas por Biar (2012), o elogio à família funcionava também como um autoelogio, porém, servem nos testemunhos aqui apresentados como uma forma de resguardar a face da família apenas. Não há a tentativa de se colocar sob uma luz favorável, pois a identidade desviante deve ser reprimida para dar espaço a uma identidade respeitada pelos valores da instituição iurdiana.

Valéria também narra sua história de modo agentivo, assim como Luiz, Leandro e Sebastião. Os verbos que indicam ações de Valéria da linha 14 a 21 estão todos na voz ativa, com exceção do *falar*, que está na voz passiva. Então, (1) Valéria entrou dentro de casa (linha 17), (2) chegou querendo quebrar tudo (linhas 19 e 20), (3) foi pra cima do filho (linha 20) e (4) tentou matá-lo (linhas 20 e 21). Tudo isso aconteceu "depois de dois ou três dias na rua" (linha 15), o que parece ser um período em que Valéria passou fazendo uso de substâncias.

Ao relatar sobre o incidente com sua mãe e filho, Valéria descreve a idade deles com precisão: 83 e 14 anos (linha 17-19), respectivamente, o que entendo como uma forma de avaliar negativamente sua atitude. Uma senhora de idade e uma criança se tornam alvos de uma violência sem precedentes. O mais curioso desse

caso é que ele é narrado a partir da memória de uma outra pessoa — Valéria diz não se recordar do ocorrido, relata a história de uma outra pessoa, cuja qual ela se apropriou "-- eu não me recordo tá isso me falam que aconteceu --" (linhas 15 e 16).

A resolução da narrativa de Valéria culmina em uma agressão sofrida por parte dos irmãos e uma expulsão, que vai gerar um ponto de virada, algo que abordarei com mais profundidade no próximo capítulo. Valéria atenua a agressão que sofreu dizendo que seus dois irmãos intervieram "meus irmãos intervieram" (linhas 30 e 31). A ação não é descrita enquanto um ato de violência, mas, sim, de socorro. Valéria levou uma surra (linha 32), subtende-se, dos irmãos, mas como uma espécie de medida cautelar, não punitiva. Percebo isso como um modo de nos informar que o "viciado" merece ser alvo de ações truculentas, como as muito realizadas pela polícia em ações de "combate às drogas" em zonas periféricas.

Após ser agredida, Valéria é expulsa de casa, mas ela não recorre ao termo *expulsão*, diz que foi impedida de entrar em casa "enfim só que daí eu já não podia mais entrar na minha casa eu estava na ↑rua e foram dez dias na RUA em situação de ↑rua" (linha 35-38), passando a ficar na rua. O fundo do poço de Valéria foi o despejo. As substâncias a levaram a ser uma pessoa em situação de rua, o que remete, mais uma vez, à caricatura do "viciado" como uma figura maltrapilha e em situação de rua.

Valéria utiliza muitas modalizações para descrever os atos realizados por sua família, o que é muito comum nos testemunhos. A agressão e a expulsão sofridas por Valéria são denominadas como *intervenção* e *impedimento*, o que atenua a gravidade da violência sofrida. Os irmãos intervieram, mas a ação da surra não possui agente, ele é ocultado "meus irmãos intervieram -- eu tenho dois irmãos -- eles intervieram eu tomei uma BAI::TA surra" (linha 30-32). Ela tomou a surra, mas os responsáveis estão elipsados. O mesmo ocorre em relação à sua expulsão de casa, definida simplesmente como não poder mais entrar em casa "eu já não podia mais entrar na minha casa eu estava na ↑rua" (linha 36). Esses são os poucos momentos em que Valéria é passiva na história — e mesmo quando ela se coloca em uma posição de subordinação, tenta proteger a imagem dos agentes.

A narrativa de Valéria é uma história da qual ela não se recorda, ou seja, uma história da qual ela se apropriou. Outras perspectivas sobre uma mesma

narrativa são muito mobilizadas nos testemunhos por parentes que acompanham os "ex-viciados", colocando narrativas vicárias como parte crucial dos relatos.

5.2

Narrativas vicárias e (re)afirmação de estigmas

O excerto 7 traz um outro momento do testemunho de Luiz, em que sua prima, Vanessa, é convidada a participar da interação, adicionando ao testemunho uma narrativa vicária, ou seja, uma narrativa que narra as experiências de vida de uma outra pessoa (NORRICK, 2013). Muitos "ex-viciados" que testemunham no programa Vício Tem Cura são acompanhados de um membro da família, convidados a participar da interação. É curioso que, mesmo Luiz estando presente para testemunhar sobre sua própria vida, um terceiro interlocutor é convidado para a interação, reforçando características do estigma do uso de substâncias e os (re)enquadramentos identitários a que os "ex-viciados" ficam sujeitos ao longo de suas vidas até firmarem um pacto com Deus.

Excerto 7 — *é, ele era uma pessoa bem difícil, né*

28	Bispo Lana	a prima o que que você tem pra falar do Luiz no
29		vício?
30	Vanessa	é, ele era uma pessoa bem::: difícil né vivia
31		com cocaína mexendo com cocaína polícia invadia
32		dentro de casa era bem::: difícil mesmo era droga
33		todo dia todo momento ele ficava no vício era
34		uma pessoa bem:: nervosa arrogante bem::
35	Bispo Lana	[totalmente transtornado
36	Vanessa	transtornado, vivia drogado todos os dias

Narrativas vicárias costumam ser isentas de avaliações por seu narrador não ser o personagem principal da narrativa (ALBUQUERQUE, 2017, p. 73). Porém, por ser da família, Vanessa, ainda que não convivesse com Luiz diariamente e não fizesse parte de todas suas vivências cotidianas, "reivindica para si uma autoridade pertinente sobre a história [de Luiz] e seu direito [de] contá-la em virtude de ser membr[a] da família" (*Idem.*), construindo muitas avaliações frente ao que relata. Considero que Vanessa é chamada para compor o testemunho de Luiz porque as avaliações reforçam o sentido da narrativa e o que está tentando ser provado (LABOV, 1972) pelo testemunho de Luiz que são duas coisas: 1) Luiz não é mais

a mesma pessoa de antes, isto posto, 2) o "tratamento de cura" oferecido pelo programa Vício Tem Cura é de fato eficaz e, por isso, Luiz é um novo homem.

Vanessa, então, nos orienta no passado de Luiz (linhas 30-35). Ao se referir ao quem Luiz era quando fazia uso de substância, Vanessa o caracteriza como "uma pessoa bem::: difícil" (linha 30), com prolongamento no "bem", enfatizando o quão problemático Luiz era.

A narrativa de Vanessa foca em eventos recorrentes, que, para Labov (1972), não constituem uma narrativa, pois não se organizam em uma ordem temporal definida. Porém, é notório que as invasões policiais à casa de Luiz (linhas 31 e 32) se deram após Luiz passar a se envolver com substâncias (linhas 30 e 31). Portanto, primeiro Luiz passou a mexer com cocaína, depois as invasões policiais começaram a acontecer. Logo, há uma sequencialidade bem definida nos eventos narrados por Vanessa. O que me chama atenção neste momento é que a questão da criminalidade é equacionada pela cocaína "vivia com cocaína mexendo com cocaína" (linhas 30 e 31).

No testemunho de Leandro, sua esposa, Cida, é convidada para participar da interação. Vemos isso a seguir, no excerto 8. De um modo geral, são sempre mulheres que acompanham os "ex-viciados" nos testemunhos, comumente representando um papel de mãe, a grande responsável pelo cuidado na família, herança de um modelo patriarcal de família que ganhou vida no Brasil colonial e que persiste até os dias de hoje relegando à mulher "a tarefa de cuidar dos filhos, da casa e dos afazeres domésticos (...) evidenciando a 'fragilidade' da mulher [e] reforçando a imagem e o conceito do homem como dominador" (CUNHA; ALVES, 2014, p. 77).

Excerto 8 — *ele não tinha jeito bispo não tinha não tinha mesmo*

19	Bispo Lana	casada há quanto tempo?
20	Cida	é: mais de vinte anos.
21	Bispo Lana	então pegou todo esse período de vício.
22	Cida	isso só o sofrimento.
23	Bispo Lana	quanto tempo antes dele vir pro tratamento você
24		começou a lutar por ele?
25	Cida	vai fazer três anos.
26	Bispo Lana	e ele ficava na rua assim direto?
27	Cida	DIRETO. mas depois aí ele morou mesmo, foi morar
28		mesmo, aí foi quando eu vi passar na televisão
29		o tratamento, aí eu comecei a vir porque onde
30		eu congregava em outra denominação o meu pastor
31		falou que não tinha mais jeito, que eu era nova,
32		pra deixar pra lá e porque não tinha jeito
33	Bispo Lana	não tinha solução
34	Cida	=não, porque não ti-, ao, ao, ao olho das
35		pessoas assim ele não tinha jeito, bispo, não
36		tinha, não tinha mesmo, porque você passava ele
37		fedia bispo, ele fedia. as pessoas só vinham o
38		comentário na minha porta "ó eu encontrei" -- e
39		eu ouvia né mas eu não falava nada né porque
40		era verdade -- "passei pelo marido da Cida ele
41		fedia" falavam, só comentavam sabe? não tinha
42		mais é, é, expectativa, assim, eu tava num
43		domingo aí passou na televisão, aí eu falei "eu
44		vou lá" porque eu falava muito mal daqui sem
45		conhecer também né -- a gente é igual piolho
46		vai pela cabeça dos outros sem nunca ter vindo
47		-- e falava mal, mas aí eu vim escondida do meu
48		pastor porque eu sabia que eu tava no lugar
49		certo
50	Bispo Lana	você ficou aqui no tratamento lutando por ele
51		vindo sem ele e ele na rua.
52	Cida	ele na rua, ele, ele, só aparecia em casa quando
53		ele sabia que eu tava aqui aos domingos, aí ele
54		entrava, ele levava arroz, feijão pra vender,
55		as fraldas do bebê, levava tudo pra vender e eu
56		aqui todo domingo.

O bispo Lana pergunta à Cida há quanto tempo Leandro e ela estão casados, ao que Cida responde "vinte anos" (linha 20), avaliados como um período de muito sofrimento "isso só o sofrimento" (linha 22). Aqui, logo no início da narrativa, fica evidente o quanto narrativas vicárias de membros da família são carregadas de avaliações, que irão reaparecer ao longo de toda a interação. Na linha 23, o bispo pergunta quando Cida começou a lutar por Leandro, se referindo à superação do "vício". O bispo enquadra o combate ao "vício" de forma análoga a uma guerra.

Cida divide seu turno de fala em três pontos. No primeiro, da linha 27 a 32, Cida conta como conheceu o tratamento e por que recorreu a ele. O segundo, da

linha 34 a 49, retoma o anterior — como conheceu o tratamento e o porquê de tê-lo procurado, agora, fornecendo mais detalhes através de longas avaliações. O terceiro, da linha 52 a 56, traz uma resolução.

Da linha 27 a 32, as falas de Cida se referem tanto a Leandro quanto a ela própria: "mas depois aí ele morou mesmo foi morar mesmo" (linhas 27 e 28), "aí foi quando eu vi passar na televisão o tratamento" (linhas 28 e 29) e "aí eu comecei a vir" (linha 29). Os efeitos das substâncias na vida de Leandro levam Cida a se mobilizar; portanto, as atitudes de Cida são movidas em função das de Leandro. Aqui, a imagem de Cida enquanto salvadora começa a ganhar contornos mais específicos. Ainda que fosse dito a Cida que o caso de Leandro não tinha jeito, através da avaliação "o meu pastor falou que não tinha mais jeito, que eu era nova, pra deixar pra lá e porque não tinha jeito" (linha 30-32), Cida mostra sua resiliência.

Há duas importantes histórias em ação no excerto 8: a da entrega de Leandro ao "vício" e a da dedicação de Cida para combater o "vício", o que irá desencadear diferentes resoluções, que afetarão o casal da mesma forma.

Das linhas 34 a 49, as ações complicadoras "eu tava num domingo aí passou na televisão" (linha 42 e 43) "aí eu falei "aí eu falei 'eu vou lá'" (linha 44 e 45) são antecipadas por uma orientação que traz mais elementos para compor a extinta identidade desviante de Leandro, que era uma pessoa que, por viver de substâncias e passar a "morar" na rua, fedia, fato ratificado por seus vizinhos (linha 37-41). Aqui, há mais uma vez a profanação da família, pois Leandro submete sua esposa a situações vexatórias, que tomarão fins ainda mais drásticos. Cida ignora a opinião de terceiros e segue fiel ao seu marido, se colocando, em nome do casamento, contra o pastor da antiga denominação a que frequentava, ao dizer que ia até a igreja iurdiana em segredo: "eu vim escondida do meu pastor porque eu sabia que eu tava no lugar certo" (linha 47-49). O pecado de Cida é insignificante perante ao amor que demonstra por sua família.

O trecho da linha 52 a 56 apresenta uma resolução dos problemas ocasionados pelo "vício" de Leandro. Enquanto Cida estava na igreja intercedendo pela vida do marido, Leandro aproveitava da sua ausência para levar alimentos e fraldas do filho para vender e sustentar o "vício" "levava tudo pra vender e eu

aqui todo domingo" (linhas 55 e 56). A resolução da resolução está refletida no testemunho como um todo: a cura de Leandro foi atingida.

No excerto 9²², veremos como a cura mais uma vez foi alcançada em virtude da persistência de uma mãe, chamada Alzirene, que intercedeu pelo seu filho, Natã, um jovem que, após "possuído pelo espírito do vício" teve seu comportamento mudado de forma drástica. Alzirene aparece na interação tomando boa parte dos turnos de fala — o vídeo do testemunho de Natã tem quatro minutos e 29 segundos de duração, e Natã só toma o turno de fala aos dois minutos e 47 segundos, após um extenso diálogo entre o pastor Aldo e Alzirene, representado pelo seguinte trecho:

Excerto 9 — *eu tinha medo do meu filho*

43	Alzirene	quando eu tava vin-, andando, vindo da igreja
44		o, parou um rapaz de moto e ele falou "olha seu
45		filho roubou aqui e aqui não pode fazer isso
46		não só que eu não quero mais dinheiro eu quero
47		a vida dele" ele ainda falou "ou a senhora
48		guarda o seu filho ou compra um caixão", aí fui
49		pra casa sabe com aquele conflito dentro de mim,
50		mas quando eu cheguei em casa nasceu a revolta
51		eu falei "então vou fazer mais eu vou enterrar"
52	Pastor Aldo	[enterrar onde ()?
53	Alzirene	no altar. a: eu eu me entreguei eu dei tudo de
54		mim
55	Pastor Aldo	[cem por cento
56	Alzirene	[<u>tudo</u> de mim.

Na narrativa, um dia, voltando da igreja, Alzirene é abordada por um rapaz insatisfeito com as atitudes de Natã. O homem, já sem nenhum traço de tolerância, diz que irá matá-lo "'olha seu filho roubou aqui e aqui não pode fazer isso não só que eu não quero mais dinheiro eu quero a vida dele'" (linha 44-47). Em seguida, a ação complicadora é estendida com "ele ainda falou 'ou a senhora guarda o seu filho ou compra um caixão'" (linhas 47 e 48). Neste trecho, o papel social de mãe é requerido. Atendendo à sua condição, Alzirene toma uma atitude, representada por meio de uma metáfora: enterrar o filho. Ou seja, Alzirene não pensa em enterrar o filho em um caixão, mas no altar da

²² Cf.:

<https://www.youtube.com/watch?v=mUiO7EUZizc&ab_channel=V%C3%ADciotemCura.>. Acesso em 05 abr. 2022 às 22h01.

igreja, expurgando do corpo de Natã o espírito maligno que dele se apossa, dando vida, novamente, a um novo ser.

Em todos os excertos trazidos nesta seção, que denomino *a queda* — pois, é uma metáfora para o ato de cair, se colocar para baixo, que representa, para mim, frente à análise dos testemunhos, as amarguras de ser "viciado/a", amarguras essas que o sujeito incide sobre o próprio corpo criando empecilhos que o impede de ser bem-sucedido, ter uma família estruturada e uma proximidade com Deus, coisas que só se tornam tangíveis com a conversão, que provê bênçãos, um levantar: a ascensão financeira, familiar e religiosa — há uma categorização do "tempo do vício" enquanto um período infrutífero, porque substâncias repelem o advento de prosperidades. Assim, substâncias são colocadas como causa de uma série de consequências, alinhando as narrativas a um princípio de coerência que entende que o uso de substâncias é problemático, e não só isso, uma questão espiritual.

No próximo capítulo, veremos como o uso de substâncias pode ser superado e a prosperidade atingida através da igreja iurdiana, o que traz à tona um outro sistema de coerência que organiza a estrutura narrativa dos testemunhos dos "ex-viciados": a Teologia da Prosperidade.

6

Pontos de virada: o firmamento de uma nova identidade

Para auxiliar na compreensão de como construímos nossas identidades na interação, a Análise de Narrativa serve de ferramenta útil, pois, contando histórias, damos sentido ao trânsito identitário que passamos ao longo de nossas vidas. As guinadas no modo de se identificar costumam vir acompanhadas de pontos de virada (MISHLER, 2002), que marcam com exatidão o momento de transição exato entre um antigo e um novo self.

Na narrativa dos "ex-viciados" aqui apresentadas, a identidade desviante é abandonada no momento em que uma experiência extrema acontece, que leva esses sujeitos a ressignificarem suas trajetórias e passarem a se construir a partir de uma identidade não-desviante através da igreja e seus preceitos.

Neste capítulo, abordarei as outras etapas da estrutura narrativa dos testemunhos analisados que pontuei no início do capítulo 5: *o calvário, o levantar e a tentação*. Essas etapas da narrativa estão diretamente relacionadas a um ponto de virada, e desempenham, enquanto parte de um evento performativo, a derradeira superação do "vício" e o firmamento aos preceitos iurdianos.

6.1

O calvário

Foi bom para mim ter sido castigado para que eu aprendesse os teus decretos.

(Salmos 119:71)

Constantemente, relembramos do nosso passado, e, ao compartilhá-lo, "[variemos] a significância relativa de diferentes eventos de acordo com a pessoa em que nos transformamos, descobrindo conexões das quais não estávamos previamente cientes" (MISHLER, 2002 p. 105). A mão dupla do tempo (MISHLER, 2002) nos permite "[construir], por meio de um olhar retrovisor desde o presente, os enredos [de] narrativas pessoais" (p. 104).

Como já mencionado anteriormente, as narrativas testemunhais que emergem no Programa Vício Tem Cura em muito se assemelham a narrativas bíblicas — os/as narradores/as relacionam suas experiências de vida com passagens

bíblicas, atribuindo sentido aos eventos relatados a partir da palavra de Deus. Vejo que o ápice do "vício" é relatado como uma trajetória de dor, que denomino *calvário*, uma jornada de sofrimento intensa que leva a uma aproximação com Deus. É importante lembrar que o uso de substâncias nas narrativas testemunhais apresentadas no programa Vício Tem Cura é relatado sempre como causador de muitos problemas, mas há um grande evento, um sofrimento em especial que reconfigura a relação entre "viciado" e substância. Esse é o ponto de virada das narrativas, que marca a derradeira transição entre a identidade do "vício" e a identidade que se manifesta no aqui e agora, como podemos ver no seguinte trecho da narrativa do já apresentado Luiz:

Excerto 10 — *eu vi a morte de frente*

38	Bispo Lana	fundo de poço chegou ao ponto de que Luiz?
39	Luiz	foi quando a gente bateu o carro, e foi no no
40		final da copa do mundo do Brasil que tava eu e
41		um amigo meu a gente bateu o carro e foi onde
42		que eu vi que ali quase que eu eu vi a morte de
43		frente né
44	Bispo Lana	quem veio pro tratamento primeiro você ou algum
45		familiar
46	Luiz	foi eu. foi eu

No excerto 10, a partir de um olhar retrospectivo que agora se baseia em preceitos e dogmas religiosos, Luiz interpreta uma experiência de quase morte como um alerta de Deus, o que divide a narrativa em dois tempos, o do relógio, e o da narrativa (MISHLER, 2002, p. 106). Ao focarmos no tempo do relógio, "[organizamos] os eventos em um enredo" (*Idem.*), escalonando em uma linha temporal os acontecimentos relatados. Ao focarmos no tempo da narrativa, manipulamos a maneira como queremos que a história seja compreendida (*Idem.*); assim, organizamos nossas experiências de acordo com a imagem que queremos transmitir de nós mesmos a nossos interlocutores.

Ainda no excerto 10 (linhas 39-43), denomino o acidente de carro relatado por Luiz como *calvário*, um tipo de sofrimento que, em virtude do testemunho, parece aproximá-lo do divino, como ocorreu com Jesus em sua crucificação. De acordo com a história bíblica, Jesus questionou a lealdade de Deus no momento de sua crucificação, lealdade essa que, na verdade, estava sendo firmada através de seu

sofrimento. Logo, de acordo com esse pensamento, são em situações de dor extrema que é possível enxergar o amor de Deus e seus propósitos para com a vida de seus filhos. Portanto, entendo o relato da experiência de quase morte no testemunho, que é um despertar que transforma um trauma em uma prova do amor de Deus, como um ponto de virada (MISHLER, 2002).

Um ponto de virada é, então, o momento em que "nos engajamos para reconstruir os significados de nossas experiências passadas e para refazer a nós mesmos" (MISHLER, 2002, p. 110). De tal modo, Luiz crava o início da sua transição de "viciado" para crente, que é consumada com sua conversão e obediência. Assim, uma nova identidade é reivindicada por Luiz. O mesmo acontece com Sebastião, que vendeu o próprio corpo em função do "vício", como narrado no trecho abaixo:

Excerto 11 — *só perdendo só perdendo só perdendo*

38	Pastor Aldo	[as pessoas te viam como?
39		aqueles da família que estão vivos ou as pessoas
40		que estão à sua volta olhava pra você e via você
41		como?]
42	Sebastião	na verdade o que restou da minha família alguns
43		vão saber agora quando me ver dando esse
44		testemunho não tem problema mas os conhecidos
45		vizinhos você: como é que eu posso dizer viciado
46		ele não tem moral não tem credibilidade as
47		pessoas te olham torto
48	Pastor Aldo	[perdido]
49	Sebastião	=às vezes não falam por ↑medo mas um olhar vale
50		mais que mil palavras você percebe como as
51		pessoas veem você eu brigava com Deus depois de
52		ter recaída. a pessoa assim no vício você não
53		lembra de nada você vive como se você tivesse
54		num mundo paralelo quando você cai em si que
55		você vê o estrago da sua vida a vida financeira
56		tudo destruída a pessoa ela entra em desespero
57		assim foi indo todos esses anos só perdendo só
58		perdendo só perdendo a ponto de me <u>prostituir</u>
59		vender meu corpo por uma noite pela oportunidade
60		de usar droga até isso eu fiz, tive que vender
61		uma parte da minha casa que foi dada de herança
62		pra não ir morar na rua pra não perder tudo tive
63		que perder uma parte e fiquei com a parte menor.
64		aí é o grande segredo e eu pedi pra Deus uma
65		chance.

No excerto 11, Sebastião traz o que parece ser uma espécie de resolução para o excerto 5, em que relata sobre as crises de ansiedade que tinha no "tempo do vício" em virtude do uso de substâncias.

As perguntas feitas pelos pastores e bispos e as respostas que os/as narradores/as dão a elas interpreto como narrativas-filhas. Nesse sentido, todo o conjunto de orações que agrupam uma dinâmica interacional, geralmente, mediada por uma dinâmica de perguntas e respostas agenciada por um verbo e que gera a formação de uma história, interpreto como narrativa-filha. Assim, retomando o excerto 5, linhas 05-07:

Pastor Aldo: viciado em quê?

Sebastião: pornografia. desde a infância, eu nem lembro exatamente como começou. muito novo. quatorze anos de vício em cocaína. vinte anos de vício em cigarro. todo esse tempo.

A narração sobre quais eram os "vícios" de Sebastião compõe uma narrativa-filha. A história, em específico, fala sobre as causas de uma série de problemas que Sebastião enfrentou ao longo da vida. Por isso, a entendo como narrativa-causa, pois agrupa uma sequência de eventos que dispara uma série de consequência negativas na vida do narrador, que, no caso de Sebastião, eram as crises de ansiedade, como podemos ver da linha 20-27 do excerto 5:

Pastor Aldo:

[dinheiro na mão

Sebastião: =a:: pastor no meu caso só de pensar por exemplo "hoje eu vou receber" eu já tinha que correr pro banheiro, as crises de de ansiedade de desejo pela droga sonhar com a droga sonhar com a droga de madrugada e ir na biqueira seis cinco horas da manhã acordava tremendo parecia que eu tinha dormido dentro de um congelador.

O trecho acima evoca os efeitos das substâncias na vida de Sebastião no "tempo do vício", por isso, o denomino narrativa-consequência. A narrativa-causa e a narrativa-consequência, juntas, agrupam o princípio de causalidade de todos os testemunhos: usa-se substância > sofre-se.

Portanto, todos os testemunhos de superação do uso de substâncias que emergem no programa Vício Tem Cura são compostos por um grupo de pequenas narrativas que possuem seus próprios significados, que, quando aglutinados, configuram um sentido maior. Então, as narrativas-filhas operam em conjunto para

formar um sentido mais completo, a narrativa-mãe, criando assim uma história coesa para o contexto em que é contada.

Após muito sofrimento como visto no excerto 5, em que Sebastião relata que tinha severas crises de ansiedade ocasionados pela abstinência e fissura, no excerto 11, é informado que Sebastião perdeu muitas coisas ao longo de sua jornada com o "vício" através do paralelismo sintático "só perdendo só perdendo só perdendo" (linha 57 e 58), o que o levou à prostituição (linha 58-60).

O trecho da linha 57 a 63 é carregado de avaliações, que parecem indicar que o próprio protagonista da história está se surpreendendo com o que relata ao dizer que chegou "a ponto de" (linha 58) e "vender meu corpo" (linha 59), colocando o corpo enquanto um objeto, uma mercadoria. E não só isso, Sebastião também vendeu sua casa, seu lar, o espaço que é evitado de ser contaminado pelo "vício": "tive que vender uma parte da minha casa que foi dada de herança pra não ir morar na rua pra não perder tudo tive que perder uma parte e fiquei com a parte menor." (linha 60-63). Com base nesses acontecimentos Sebastião percebe o grande segredo da fé; e é aí que ele enfim sai do mundo paralelo das substâncias e parece aterrissar no mundo real, pedindo a Deus uma chance e marcando o exato momento em que adere a uma identidade não-desviante (linha 64 e 65).

Enquanto o excerto 5 traz uma narrativa-causa e uma narrativa-consequência, o excerto 11 traz a narrativa-ponto de virada que muda o curso de toda a história com substâncias e a igreja iurdiana, que se manifesta no seguinte trecho da linha 52-65:

Sebastião: a pessoa assim no vício você não lembra de nada você vive como se você tivesse num mundo paralelo quando você cai em si que você vê o estrago da sua vida a vida financeira tudo destruída a pessoa ela entra em desespero assim foi indo todos esses anos só perdendo só perdendo só perdendo a ponto de me prostituir vender meu corpo por uma noite pela oportunidade de usar droga até isso eu fiz, tive que vender uma parte da minha casa que foi dada de herança pra não ir morar na rua pra não perder tudo tive que perder uma parte e fiquei com a parte menor. aí é o grande segredo e eu pedi pra Deus uma chance.

A narrativa-ponto-de-virada apresenta o "estalo" para a conversão, ou seja, o início do abandono de uma identidade desviante. Além disso, ela é o grande cerne do testemunho, o motivo pelo qual está sendo relatado. A narrativa-ponto-de-virada

também pode ser vista como o resultado final da narrativa-causa apresentada no início da interação. Abaixo, tento esquematizar nas seguintes tabelas:

Luiz	
Narrativa-causa	Narrativa ponto-de-virada
<p>Bispo Lana: prima. você que tinha o vício Luiz?</p> <p>Luiz: sim senhor.</p> <p>Bispo Lana: vício de quê?</p> <p>Luiz: cocaína, álcool... lança perfume e ecstasy. (excerto 3)</p>	<p>Bispo Lana: fundo de poço chegou ao ponto de que Luiz?</p> <p>Luiz: foi quando a gente bateu o carro, e foi no no final da copa do mundo do Brasil que tava eu e um amigo meu a gente bateu o carro e foi onde que eu vi que ali quase que eu vi a morte de frente né (excerto 10)</p>

Tabela 4: Esquematização do testemunho de Luiz.

Sebastião	
Narrativa-causa	Narrativa-ponto-de-virada
<p>Pastor Aldo: viciado em quê?</p> <p>Sebastião: pornografia. desde a infância, eu nem lembro exatamente como começou. muito novo. quatorze anos de vício em cocaína. vinte anos de vício em cigarro. todo esse tempo. cocaína, álcool... lança perfume e ecstasy (excerto 5)</p>	<p>Sebastião: a pessoa assim no vício você não lembra de nada você vive como se você tivesse num mundo paralelo quando você cai em si que você vê o estrago da sua vida a vida financeira tudo destruída a pessoa ela entra em desespero assim foi indo todos esses anos só perdendo só perdendo só perdendo a ponto de me <u>prostituir</u> vender meu corpo por uma noite pela oportunidade de usar droga até isso eu fiz, tive que vender uma parte da minha casa que foi dada de herança pra não ir morar na rua pra não perder tudo tive que perder uma parte e fiquei com a parte menor. aí é o grande segredo e eu pedi pra Deus uma chance. (excerto 11)</p>

Tabela 5: Esquematização do testemunho de Sebastião.

Desse modo, suponho que fique mais nítido o agenciamento moral a que os "ex-viciados" se alinham, colocando-se como protagonistas de grandes tragédias em suas vidas. As narrativas-causa referem-se a momentos muito comuns do passado, e que estão diretamente ligados ao uso de substâncias. As narrativas-ponto-de-virada são o resultado final das consequências das narrativas-causa, um "até que...", como pode ser visto a seguir:

Testemunho de Luiz

(a vida era assim...)

Bispo Lana: prima. você que tinha o vício Luiz?

Luiz: sim senhor.

Bispo Lana: vício de quê?

Luiz: cocaína, álcool... lança perfume e ecstasy.

(até que...)

Bispo Lana: fundo de poço chegou ao ponto de que Luiz?

Luiz: foi quando a gente bateu o carro, e foi no no final da copa do mundo do Brasil que tava eu e um amigo meu a gente bateu o carro e foi onde que eu vi que ali quase que eu eu vi a morte de frente né

Testemunho de Sebastião

(a vida era assim...)

Pastor Aldo: viciado em quê?

Sebastião: pornografia. desde a infância, eu nem lembro exatamente como começou. muito novo. quatorze anos de vício em cocaína. vinte anos de vício em cigarro. todo esse tempo. cocaína, álcool... lança perfume e ecstasy

(até que...)

Sebastião: a pessoa assim no vício você não lembra de nada você vive como se você tivesse num mundo paralelo quando você cai em si que você vê o estrago da sua vida a vida financeira tudo destruída a pessoa ela entra em desespero assim foi indo todos esses anos só perdendo só perdendo só perdendo a ponto de me prostituir vender meu corpo por uma noite pela oportunidade de usar droga até isso eu fiz, tive que vender uma parte da minha casa que foi dada de herança pra não ir morar na rua pra não perder tudo tive que perder uma parte e fiquei com a parte menor. aí é o grande segredo e eu pedi pra Deus uma chance.



Narrativa-causa



Narrativa-ponto-de-virada

Figura 11: Efeitos de ação e consequência a longo prazo.

Mediante a organização da narrativa, conforme tentei mostrar nas esquematizações, é possível vermos com mais nitidez a transição entre o *eu* do passado e o *eu* do aqui e agora, que relata suas experiências de vida com substâncias

a partir de uma perspectiva marginalizante, se alinhando, de fato, à identidade que a igreja iurdiana estabelece como ideal.

6.2

O levantar

O decair é do homem, mas o levantar é de Deus.

(Dito popular)

Após relatarem uma experiência de dor extrema que os leva a entrarem em contato direto com Deus, buscando no divino a solução para suas mazelas, os "ex-viciados" enfim focam na superação, que denomino *o levantar* — a performance da identidade reivindicada pelos "ex-viciados" e requerida pelas igrejas iurdianas. O levantar marca uma conexão legítima com Deus, que firma a adoração e a obediência a Ele. Os testemunhos relatam que uma intensa dedicação a Deus fornece muitos benefícios, que garantem uma vida cheia de prosperidades e cada vez mais rica de bênçãos. Para Luiz, ao se converter, mudou tudo, sua vida se tornou outra, como podemos ver no excerto abaixo:

Excerto 12 — *tudo, muda tudo*

65	Bispo Lana	o que que mudou depois que <u>decidiu obedecer</u> ?
66	Luiz	mudou tudo hoje tanto que do fato de ter
67		acontecido tudo isso é: fui afastado da minha
68		filha fiquei dois anos sem ver ela que ela é
69		tudo pra mim é:: tinha bons empregos perdi tudo
70		perdi carro, amizades, família né então com esse
71		tempo que eu voltei, estou há dois anos e ganhei
72		é: reconquistei tudo emprego hoje trabalho com
73		eventos então tô pra montar sociedade com ele
74	Bispo Lana	e o vício vontade fissura droga e aí?
75	Luiz	nunca mais... nunca mais tive
76	Bispo Lana	quem é o Luiz hoje que que a prima tem a dizer
77		do Luiz hoje?
78	Vanessa	só orgulho hh é uma pessoa maravilhosa com a
79		presença de Deus agora
80	Bispo Lana	<u>mudou</u> a pessoa
81	Vanessa	mudou totalmente é uma pessoa renovada
82	Bispo Lana	permanecer firme?
83	Luiz	sim ()
84	Bispo Lana	prosperando sendo fiel a Deus mudou tudo?
85	Luiz	<u>tudo</u> , muda tudo
86	Bispo Lana	Deus abençoe mais e mais tá Luiz Deus abençoe
87	Luiz	obrigado

No excerto 12, Luiz traz uma compreensão dos acontecimentos pós-conversão enquanto presentes de Deus. O narrador constrói sua história de forma a produzir significados que dão conta da conversão como um provedor de bênçãos.

Após a conversão, mudou tudo na vida de Luiz (linha 66); mas, conforme a lógica de Teologia da Prosperidade (SANTOS; BIAR, 2018), é preciso se entregar, dar para receber. A Teologia da Prosperidade, um dos alicerces do discurso neopentecostal, é

uma vertente interpretativa do conjunto de crenças que constituem a fé cristã evangélica. Embora suas origens datem do final do século XIX ou início do XX (PIERATT, 1993; LINDE, 1993), foi a partir da década de setenta do século passado que tomou corpo e passou a ser considerada um movimento constituído, com considerável grau de sistematização; seu discurso central sustenta-se na defesa do sucesso (nas finanças, na saúde ou no amor, por exemplo) dos que a ela se alinham, êxito que se justificaria por esta ser a vontade de Deus para seus filhos e, principalmente, pela lei da sementeira, isto é, doações (financeiro-materiais) às instituições religiosas de que o ofertante faz parte ou com que simpatiza (SOUZA, 2011) (SANTOS, 2016, p. 21).

A Teologia da Prosperidade é um dos sistemas de coerência que guiam as narrativas aqui apresentadas, sendo uma lógica de pensamento que "[promete] um meio relativamente rápido de resolução de problemas e alcance de prosperidade tanto nos campos da saúde pessoal quanto financeiro" (SANTOS; BIAR, 2018, p. 96), tangíveis por meio da conversão e da dedicação do sujeito à fé. Para a composição de narrativas, a Teologia da Prosperidade

provê um ambiente no qual uma declaração pode ou não pode ser tomada como a causa de outra declaração (LINDE, 1993, p. 163) ou, em outras palavras, um sistema de crenças pelo qual as ações narradas num testemunho de [superação do "vício"], por exemplo, podem ser entendidas e justificadas (*Ibid.*, p. 190). (SANTOS, 2016, p. 48).

Ao contar suas histórias com substâncias, os "ex-viciados" estabelecem um modo de seus interlocutores as compreenderem, ao passo em que criam justificativas para as escolhas ruins feitas no passado. Assim, passam a ser vistos por uma ótica favorável, que os inocenta.

O nível de prosperidade é definido em virtude do engajamento de um sujeito com sua religião/igreja. No excerto 12, podemos perceber que a conversão e a obediência às doutrinas da igreja proporcionaram inúmeras conquistas a Luiz, como

emprego e uma reconciliação com sua filha. Além disso, está "pra montar sociedade" (linhas 72 e 73), apontando para um futuro ainda mais rico de bênçãos. De tal modo, Luiz consegue antever a identidade que assumirá no futuro e cria uma distância ainda mais profunda entre quem ele era no passado, pois "tudo, muda tudo" (linha 85) uma vez entregue ao Senhor. Amanhã, ele estará ainda mais engajado que hoje com os preceitos de Deus para sua vida.

Leandro também compartilha seu forte vínculo com Deus se mostrando uma espécie de discípulo, como veremos no excerto a seguir:

Excerto 13 — *graças a Deus minha vida mudou. completamente*

57	Bispo Lana	você mesmo entregou o cachimbo?
58	Leandro	sim senhor eu decidi uma mudança de vida que eu
59		não aguentava mais eu tomei uma decisão cheguei
60		e falei não não aguento mais com dois cachimbo
61		de crack eu cheguei e falei não eu vou quero ver
62		se vai acontecer mesmo <e aconteceu>
63	Bispo Lana	de lá pra cá
64	Leandro	só benção graças a Deus minha vida mudou.
65		completamente
66	Bispo Lana	nesse domingo que você saiu daqui e aí usou
67		recaiu
68	Leandro	↑ não desde o dia que eu saí daqui não tive
69		abstinência não tive recaída não tive fissura
80		nada mais
81	Cida	daquele dia que ele desceu <u>nada</u>
82	Bispo Lana	hoje é marido trabalha é presente cuida esposa
83	Cida	[sim trabalha sim sim
84	Bispo Lana	hoje o Leandro faz parte do do projeto e vai
85		cadê a foto ((são sobrepostas fotos de Leandro
86		na companhia de outras pessoas)) esse aí é o é
87		o lugar que você ficava
88	Leandro	sim senhor é onde eu ficava com as pessoas
89		usando droga que eu larguei a minha <u>casa</u> pra ir
90		morar aí
91	Bispo Lana	hoje você entra lá pra falar pra convidar trazer
92		pro tratamento sente o cheiro do crack vê as
93		pessoas fumando e nada
94	Leandro	sim senhor é às às vezes eu entro as pessoas
95		estão com o crack na mão assim fumando aí eles
96		escondem eu falo "não, pode fumar esse vício vai
97		acabar na sua vida também porque acabou na minha
98		vida" foi um ditado que eu inventei lá mesmo
99		"vai acabar" e na minha vida acabou.
100	Bispo Lana	arrebentou. Deus abençoe mais e mais tá.

No excerto 13, há dois trechos que dão protagonismo à nova identidade de Leandro. O primeiro, que preenche as linhas 58 a 63, traz o ponto de virada da história de Leandro, o momento em que ele clama por uma nova identidade ao

decidir abandonar o "vício". Iniciado com o sumário avaliativo "sim senhor eu decidi uma mudança de vida que eu não aguentava mais" (linhas 58 e 59), o segmento mobiliza o início do abandono de uma vida de sofrimento. Veja que Leandro decide, ou seja, ele escolhe deixar o "vício" para trás. Portanto, Leandro, com ajuda da igreja iurdiana, provê para si uma cura "eu tomei uma decisão cheguei e falei não não aguento mais com dois cachimbo de crack eu cheguei e falei não eu vou quero ver se vai acontecer mesmo <e aconteceu>" (linhas 59-62).

Ao longo do final de seu testemunho, Leandro coloca o poder de Deus como algo tão forte que a cura simplesmente acontece; uma dor que o afligiu por tanto tempo é subitamente superada. Ainda que Cida, sua esposa, tenha fielmente frequentado a igreja iurdiana intercedendo pela vida de seu marido, como mostrado no excerto 4, é quando Luiz opta por ir até a igreja iurdiana que sua vida, enfim, muda.

O segundo trecho (linha 94-199) enfatiza a cura de Leandro, que agora trabalha para o programa Vício Tem Cura captando fiéis e modificando outras vidas. É interessante notar que Leandro se coloca como alguém que passa a promover a cura para outras pessoas. Leandro se porta como um agente de letramento da igreja, do programa, saindo do lugar de quem precisa de ajuda para ser quem ajuda. A nova identidade de Leandro parece ser blindada para substâncias, como pode ser visto na imagem que é sobreposta à tela, em que Leandro surge em uma região que aparenta ser bastante precária de infraestrutura abraçado a sujeitos identificados como *viciados*. Ainda que estejam com seus rostos borrados, é nítida a diferença entre Leandro e os demais; mais absurda é a diferença entre a imagem de Leandro no "vício" e esta, que o apresenta sorrindo. Ele é de fato outro.



Figura 12: Leandro e a vitrine de sua nova identidade.

Segundo o discurso neopentecostal, se o "vício" acabou na vida de Leandro, alguém que prejudicava a própria família para sustentar o uso de substâncias, todos são capazes do mesmo, desde que acreditem e se entreguem a Deus. Assim, na mesma proporção em que se dedicam ao divino, os "ex-viciados" são recompensados; e, ainda que colocados à prova, se manterão resilientes. Isso fica ainda mais notório quando Leandro diz: "às às vezes eu entro as pessoas estão com o crack na mão assim fumando aí eles escondem eu falo 'não, pode fumar esse vício vai acabar na sua vida também porque acabou na minha vida'" (linha 94-98). Na coda, Leandro nos mostra que, apesar de ser frequentemente tentado pelo "espírito do vício", não pensa em voltar a fazer uso de substâncias. O resultado de sua entrega a Deus é resumido no seguinte trecho: "foi um ditado que eu inventei lá mesmo 'vai acabar' e na minha vida acabou" (linha 98 e 99). A vida de Leandro mudou completamente.

6.3 A tentação

Bem-aventurado o varão que sofre a tentação; porque, quando for provado, receberá a coroa da vida, a qual o Senhor tem prometido aos que o amam.

(Tiago 1:12)

As tentações na vida dos "ex-viciados" são recorrentes; parecem colocar à prova sua conexão com Deus. Assim como Jesus foi tentado no deserto pelo diabo, os sujeitos que receberam a cura para o "vício" por intermédio do programa Vício Tem Cura relatam histórias muito semelhantes, por isso, denomino a relação posterior à conversão com substâncias de *a tentação*. Esse ponto do testemunho nos mostra o quão imunes os novos convertidos estão às peripécias do maligno. O excerto abaixo, que encerra o testemunho de Sebastião, mobiliza um momento em que sua fé parece ter sido colocada à prova.

Excerto 14 — *aquilo era como se fosse terra*

68	Sebastião	só que eu sei que pro espírito de Deus entrar o
69		vício tem que sair fui curado não sonho com a
70		droga não tenho desejo nem vontade só de uma
71		pessoa fumar perto de mim aquilo me incomoda eu
72		tenho que sair de perto aconteceu até uma
73		situação não que eu queria mas eu tive que ir
74		na casa de uma pessoa pegar um pertence e quando
75		eu cheguei na casa daquela pessoa tinha uma
76		bandeja com as carreira de cocaína em cima da
77		bandeja e eu olhei praquilo é muito legal aquilo
78		era como se fosse terra, eu não senti nada nada
79		nada nada nada
80	Pastor Aldo	[aquilo não te atraiu
81	Sebastião	=não não e detalhe eu nunca vim aqui nunca
82		fizeram teste comigo nada disso eu fui curado (
83)
84	Pastor Aldo	=lá embaixo sentado lá embaixo
85	Sebastião	[lá embaixo lá embaixo e eu nem achava
85		que ia ser curado tão rápido h.
87	Pastor Aldo	dentro de você FORÇA
88	Sebastião	[feliz, força, feliz
89	Pastor Aldo	[FELIZ
90	Sebastião	=feliz
91	Pastor Aldo	PAZ
92	Sebastião	=paz, tranquilidade
93	Pastor Aldo	[sem vontade
94	Sebastião	=sem vontade
95	Pastor Aldo	outro homem
96	Sebastião	=outro homem parece outra cabeça

97	Pastor Aldo	se vem dinheiro na mão o pensamento não é
98		biqueira
99	Sebastião	NÃO nem lembrei parece que eu nunca usei nada
100		parece que eu nunca usei nada
101	Pastor Aldo	que Deus te ilumine cada vez mais
102	Sebastião	amém

O excerto 14 entra em contraste com a narrativa apresentada no excerto 3 — todos os males que afligiam Sebastião no passado por conta do "vício", como as crises de ansiedade, sumiram. Hoje, ele não sonha com substâncias, tampouco, as deseja (linhas 69 e 70). Então, Sebastião introduz o resumo da narrativa que finca seu eu do presente no mundo, ao mesmo passo em que ratifica seu pertencimento ao grupo religioso iurdiano: "só de uma pessoa fumar perto de mim aquilo me incomoda eu tenho que sair de perto aconteceu até uma situação" (linha 70 a 72). Seu nítido incômodo até mesmo com substâncias do campo do lícito, como o cigarro, demonstra o quão intolerante Sebastião se tornou às substâncias.

A situação a que Sebastião se refere no excerto 14 é a visita à casa de uma pessoa para buscar um pertence. Na orientação (linhas 72-74), Sebastião não caracteriza tal pessoa enquanto amigo, ou alguém próximo — cria um grande distanciamento entre esse personagem de sua história. Inclusive, nem visitar essa pessoa Sebastião queria, o que deduzo em função do que considero uma avaliação externa, "não que eu queria mas eu tive que ir" (linha 73). As ações complicadoras (linha 75-79) trazem o ponto central do relato: ao chegar na casa da pessoa e se deparar com uma bandeja de cocaína, Sebastião compara a substâncias à terra "é muito legal aquilo era como se fosse terra" (linha 77 e 78), avaliando sua experiência de modo excepcional.

Ao fim, uma sequência de paralelismos entra em ação (linha 88 a 96), em que Sebastião ratifica as falas do pastor. Feliz. Feliz. Paz. Paz. Sem vontade. Sem vontade. Outro homem. Outro homem. A topicalização e a repetição descrevem o sujeito do testemunho: um novo homem. O sentimento de felicidade aponta para algo além da alegria.

Valéria, que também relata uma experiência de contato com substâncias pós-cura, diz ter nojo delas, como pode-se ver no excerto a seguir, em que é resgatado o que parece ser uma história recente, em que, no ônibus, Valéria se deparou com um "viciado" e só de sentir o cheiro de álcool nele quis vomitar (linha

105-107). Mais uma vez, a substância lícita é usada para endossar o repúdio às substâncias de um modo geral — nem mesmo as substâncias consideradas menos problemáticas escapam de ser evitadas por seu sistema imunológico. Ao que parece, Valéria e todos os outros "ex-viciados" que receberam a cura pela fé criaram anticorpos para o "vício".

Excerto 15 — *eu tenho nojo*

97	Bispo Lana	e aí pra gente resumir como que tá a Valéria
98		hoje?
99	Valéria	isso que vocês tão vendo vinte quilos mais gorda
100		hhh com uma casa morando numa casinha simples
101		humilde mas muito honesta já tem uma proposta
102		de trabalho temporá:rio
103	Bispo Lana	o ↑vício fissura vontade pensamento cigarro
104		crack
105	Valéria	eu tenho nojo. eu é certo dia eu tava no
106		coletivo entrou um rapaz alcoolizado e eu
107		cheguei a ((simula vômito)) vomitar
108	Bispo Lana	passar mal só de sentir o álcool nele
109	Valéria	só de sentir o cheiro do álcool
110	Bispo Lana	e agora pra quem não acreditava e achava que
111		era mentira, e aí, acredita?
112	Valéria	eu acho que a melhor coisa é acreditar
113	Bispo Lana	vai permanecer firme?
114	Valéria	pô já é
115	Bispo Lana	Deus abençoe cada vez mais é só o início

Questionada sobre como está hoje, apenas a presença de Valéria no programa parece dispensar qualquer comentário: "isso que vocês tão vendo" (linha 99). É tão nítida a transformação na vida de Valéria que basta olharmos para ela para termos ciência disto. A vida sem substâncias e com Deus proporcionou inúmeras vitórias à Valéria: ganho de peso, uma casa e uma proposta de trabalho (linha 99-102).

Enquanto o sofrimento é narrado de forma gradativa, as bênçãos são quase que instantâneas, conquistadas e adquiridas através da fé. Seguindo por este caminho, Valéria será digna de receber bênçãos ainda maiores, prevendo um futuro ainda mais rico de dádivas.

6.4

Os ciclos da metamorfose — laminação e estruturação narrativa

As narrativas aqui apresentadas foram analisadas através de três diferentes lâminas (BIAR; ORTON; BASTOS, 2021): a da estrutura da narrativa, a da interação e a dos embates discursivos. As demarcações entre um tipo de análise ou outra, até aqui, não ficaram muito evidentes, pois nem sempre é visível quando uma coisa começa e outra termina. Além disso, optei por fazer análises menos "limpas", embaralhando as lâminas. No entanto, tentarei, a seguir, fazer a laminação dos dados, a fim de demonstrar com mais exatidão onde realizei cada tipo de análise.

Estrutura: o entendimento de que as narrativas possuem uma estrutura subjacente, que atribui coerência ao que está sendo relatado, é uma análise estrutural dos dados. Portanto, quando digo que (1) as narrativas são compostas de narrativas-filhas, que, juntas, constituem uma narrativa-mãe e que (2) há uma ordem para que as informações sejam trazidas na história, compondo uma relação de causa e efeito formada por uma narrativa-causa, uma narrativa-consequência e uma narrativa-ponto-de-virada, que precisam obrigatoriamente fazer parte da história, estamos na primeira lâmina de análise. Nesse sentido, um testemunho de superação do uso de substâncias narrado no programa Vício Tem Cura será coeso se apresentar (1) uma narrativa-causa, que remete ao uso de substâncias no passado, (2) uma narrativa-consequência, que traz os efeitos das substâncias e as consequências de se assumir uma identidade desviante e (3) uma narrativa-ponto-de-virada, que marca o abandono da identidade desviante e a filiação a uma identidade não desviante aos olhos do discurso neopentecostal.

As narrativas também apresentam narrativas-coda, que reforçam a crença em Deus e a filiação ao novo grupo em que o sujeito se insere. Nas tabelas a seguir, tento organizar a ordem de aparecimento das narrativas-filhas dentro das respectivas narrativas-mãe:

Luiz			
Narrativa-filha			
causa	consequência	ponto-de-virada	coda
<p>Bispo: prima. você que tinha o vício Luiz?</p> <p>Luiz: sim senhor.</p> <p>Bispo: vício de quê?</p> <p>Luiz: cocaína, álcool... lança perfume e ecstasy. (excerto 3)</p>	<p>Bispo: nesses doze anos como que ficou a sua vida?</p> <p>Luiz: a: ficou de ponta cabeça porque eu aprontei ↑muito, <tráfico>.</p> <p>Bispo: quer dizer além do vício de usar substância ainda se envolveu com a criminalidade?</p> <p>Luiz: sim eu procurei ir pro tráfico porque eu já não tinha mais condições de comprar eu falei "então vai facilitar" e foi aonde que eu cheguei ao fundo do poço. (excerto 3)</p>	<p>Bispo: fundo de poço chegou ao ponto de que Luiz?</p> <p>Luiz: foi quando a gente bateu o carro, e foi no final da copa do mundo do Brasil que tava eu e um amigo meu a gente bateu o carro e foi onde que eu vi que ali quase que eu eu vi a morte de frente né (excerto 10)</p>	<p>Bispo: quem é o Luiz hoje que que a prima tem a dizer do Luiz hoje?</p> <p>Vanessa: só orgulho hh é uma pessoa maravilhosa com a presença de Deus agora</p> <p>Bispo: <u>mudou</u> a pessoa</p> <p>Vanessa: mudou totalmente é uma pessoa renovada</p> <p>Bispo: permanecer firme?</p> <p>Luiz: sim ()</p> <p>Bispo: prosperando sendo fiel a Deus mudou tudo?</p> <p>Luiz: <u>tudo</u>, muda tudo. (excerto 12)</p>
Narrativa-mãe			

Tabela 6: Organização das narrativas I.

Leandro			
Narrativa-filha			
causa	consequência	ponto-de-virada	coda
<p>Bispo: vício de que Leandro?</p> <p>Leandro: é: crack o fundamental era o crack porque eu já usei tudo quanto é droga mas o fundo de poço mesmo foi o crack. (excerto 4)</p>	<p>Bispo: quanto tempo no vício no total?</p> <p>Leandro: vinte anos no vício do crack cheguei ao ponto de largar minha casa largar minha família morar na rua comer comida do lixo furtar nos mercados tudo pra manter o vício. eu roubei até fralda do meu próprio filho meu filho recém-nascido eu roubava fralda. (excerto 4)</p>	<p>Bispo: você mesmo entregou o cachimbo?</p> <p>Leandro: sim senhor eu decidi uma mudança de vida que eu não aguentava mais eu tomei uma decisão cheguei e falei não não aguento mais com dois cachimbo de crack eu cheguei e falei não eu vou quero ver se vai acontecer mesmo <e aconteceu>. (excerto 13)</p>	<p>Bispo: hoje você entra lá pra falar pra convidar trazer pro tratamento sente o cheiro do crack vê as pessoas fumando e nada</p> <p>Leandro: sim senhor é às às vezes eu entro as pessoas estão com o crack na mão assim fumando aí eles escondem eu falo "não, pode fumar esse vício vai acabar na sua vida também porque acabou na minha vida" foi um ditado que eu inventei lá mesmo "vai acabar" e na minha vida acabou (excerto 13)</p>
Narrativa-mãe			

Tabela 7: Organização das narrativas II.

Sebastião			
Narrativa-filha			
causa	consequência	ponto-de-virada	coda
<p>Pastor: viciado em quê?</p> <p>Sebastião: pornografia. desde a infância, eu nem lembro exatamente como começou. muito novo. quatorze anos de vício em cocaína. vinte anos de vício em cigarro. todo esse tempo. cocaína, álcool... lança perfume e ecstasy (excerto 5)</p>	<p>Pastor: [dinheiro na mão</p> <p>Sebastião: =a:: pastor no meu caso só de pensar por exemplo "hoje eu vou receber" eu já tinha que correr pro banheiro, as crises de de ansiedade de desejo pela droga sonhar com a droga sonhar com a droga de madrugada e ir na biqueira seis cinco horas da manhã acordava tremendo parecia que eu tinha dormido dentro de um congelador. (excerto 5)</p>	<p>Sebastião: a pessoa assim no vício você não lembra de nada você vive como se você tivesse num mundo paralelo quando você cai em si que você vê o estrago da sua vida a vida financeira tudo destruída a pessoa ela entra em desespero assim foi indo todos esses anos só perdendo só perdendo só perdendo a ponto de me <u>prostituir</u> vender meu corpo por uma noite pela oportunidade de usar droga até isso eu fiz, tive que vender uma parte da minha casa que foi dada de herança pra não ir morar na rua pra não perder tudo tive que perder uma parte e fiquei com a parte menor. aí é o grande segredo e eu pedi pra Deus uma chance. (excerto 11)</p>	<p>Pastor: dentro de você FORÇA</p> <p>Sebastião: [feliz, força, feliz</p> <p>Pastor: [FELIZ</p> <p>Sebastião: =feliz</p> <p>Pastor: PAZ</p> <p>Sebastião: =paz, tranquilidade</p> <p>Pastor: [sem vontade</p> <p>Sebastião: =sem vontade</p> <p>Pastor: outro homem</p> <p>Sebastião: =outro homem parece outra cabeça</p> <p>Pastor: se vem dinheiro na mão o pensamento não é biqueira</p> <p>Sebastião: NÃO nem lembrei parece que eu nunca usei nada. (excerto 14)</p>
Narrativa-mãe			

Tabela 8: Organização das narrativas III.

Valéria			
Narrativa-filha			
causa	consequência	ponto-de-virada	coda
<p>Bispo: Valéria, teu vício era o que Valéria?</p> <p>Valéria: cigarro cocaína crack bebida tudo. (excerto 6)</p>	<p>Bispo: e aí nesses vinte e dois anos vício foi ficando cada vez pior acredito foi perdendo o que chegou ao ponto de fazer o que pra tentar sair como que ficou a sua situação?</p> <p>Valéria: então o ponto máximo do do vício foi quando eu depois de dois ou três dias na rua -- eu não me recordo tá isso me falam que aconteceu -- que eu entrei dentro de casa, eu tenho uma mãe de oitenta e três anos, um filho de quator-, vai fazer quatorze, eu cheguei querendo quebrar tudo e eu fui pra cima do meu filho. eu tentei matá-lo. (excerto 6)</p>	<p>Bispo: tentou matar, você não lembrava, disseram isso pra você, e aí quando você veio em si o que que aconteceu?</p> <p>Valéria: então esse dia foi o pior dia da minha vida, ou da minha não vida né porque minha vida começou ali por incrível que pareça, meus irmãos intervieram -- eu tenho dois irmãos -- eles intervieram eu tomei uma BAI::TA surra eu não senti absolutamente nada. eu vim sentir as dores no outro dia porque eu vi hematomas, calombos pelo corpo, toda roxa, enfim, só que daí eu já não podia mais entrar na minha casa, eu estava na ↑rua e foram dez dias na RUA em situação de ↑rua. foi expulsa de casa. (excerto 6)</p>	<p>Bispo: e aí pra gente resumir como que tá a Valéria hoje?</p> <p>Valéria: isso que vocês tão vendo vinte quilos mais gorda hhh com uma casa morando numa casinha simples humilde mas muito honesta já tem uma proposta de trabalho temporá:rio</p> <p>Bispo: o ↑vício fissura vontade pensamento cigarro crack</p> <p>Valéria: eu tenho nojo.</p> <p>Bispo: e agora pra quem não acreditava e achava que era mentira, e aí, acredita?</p> <p>Valéria: eu acho que a melhor coisa é acreditar. (excerto 15)</p>
Narrativa-mãe			

Tabela 9: Organização das narrativas IV.

Abaixo, tento organizar melhor as tabelas:

Testemunho de Luiz

(A vida era assim...)

Bispo Lana: prima. você que tinha o vício Luiz?

Luiz: sim senhor.

Bispo Lana: vício de quê?

Luiz: cocaína, álcool... lança perfume e ecstasy.

(o que levou a...)

Bispo: nesses doze anos como que ficou a sua vida?

Luiz: a: ficou de ponta cabeça porque eu aprontei ↑muito, <tráfico>.

Bispo: quer dizer além do vício de usar substância ainda se envolveu com a criminalidade?

Luiz: sim eu procurei ir pro tráfico porque eu já não tinha mais condições de comprar eu falei "então vai facilitar" e foi aonde que eu cheguei ao fundo do poço.

(até que...)

Bispo Lana: fundo de poço chegou ao ponto de que Luiz?

Luiz: foi quando a gente bateu o carro, e foi no no final da copa do mundo do Brasil que tava eu e um amigo meu a gente bateu o carro e foi onde que eu vi que ali quase que eu eu vi a morte de frente né

(e hoje, após a conversão...)

Bispo: quem é o Luiz hoje que que a prima tem a dizer do Luiz hoje?

Vanessa: só orgulho hh é uma pessoa maravilhosa com a presença de Deus agora

Bispo: mudou a pessoa

Vanessa: mudou totalmente é uma pessoa renovada

Bispo: permanecer firme?

Luiz: sim ()

Bispo: prosperando sendo fiel a Deus mudou tudo?

Luiz: tudo, muda tudo.

Testemunho de Leandro

(A vida era assim...)

Bispo: vício de que Leandro?

Leandro: é: crack o fundamental era o crack porque eu já usei tudo quanto é droga mas o fundo de poço mesmo foi o crack.

(o que levou a...)

Bispo: quanto tempo no vício no total?

Leandro: vinte anos no vício do crack cheguei ao ponto de largar minha casa largar minha família morar na rua comer comida do lixo furtar nos mercados tudo pra manter o vício. eu roubei até fralda do meu próprio filho meu filho recém-nascido eu roubava fralda.

(até que...)

Bispo: você mesmo entregou o cachimbo?

Leandro: sim senhor eu decidi uma mudança de vida que eu não aguentava mais eu tomei uma decisão cheguei e falei não não aguento mais com dois cachimbo de crack eu cheguei e falei não eu vou quero ver se vai acontecer mesmo <e aconteceu>.

(e hoje, após a conversão...)

Bispo: hoje você entra lá pra falar pra convidar trazer pro tratamento sente o cheiro do crack vê as pessoas fumando e nada

Leandro: sim senhor é às às vezes eu entro as pessoas estão com o crack na mão assim fumando aí eles escondem eu falo "não, pode fumar esse vício vai acabar na sua vida também porque acabou na minha vida" foi um ditado que eu inventei lá mesmo "vai acabar" e na minha vida acabou

Testemunho de Sebastião

(A vida era assim...)

Pastor: viciado em quê?

Sebastião: pornografia. desde a infância, eu nem lembro exatamente como começou. muito novo. quatorze anos de vício em cocaína. vinte anos de vício em cigarro. todo esse tempo. cocaína, álcool... lança perfume e ecstasy

(o que levou a...)

Pastor: [dinheiro na mão

Sebastião: =a:: pastor no meu caso só de pensar por exemplo "hoje eu vou receber" eu já tinha que correr pro banheiro, as crises de de ansiedade de desejo pela droga sonhar com a droga sonhar com a droga de madrugada e ir na biqueira seis cinco horas da manhã acordava tremendo parecia que eu tinha dormido dentro de um congelador.

(até que...)

Sebastião: a pessoa assim no vício você não lembra de nada você vive como se você tivesse num mundo paralelo quando você cai em si que você vê o estrago da sua vida a vida financeira tudo destruída a pessoa ela entra em desespero assim foi indo todos esses anos só perdendo só perdendo só perdendo a ponto de me prostituir vender meu corpo por uma noite pela oportunidade de usar droga até isso eu fiz, tive que vender uma parte da minha casa que foi dada de herança pra não ir morar na rua pra não perder tudo tive que perder uma parte e fiquei com a parte menor. aí é o grande segredo e eu pedi pra Deus uma chance.

(e hoje, após a conversão...)

Pastor: dentro de você FORÇA

Sebastião: [feliz, força, feliz

Pastor: [FELIZ

Sebastião: =feliz

Pastor: PAZ

Sebastião: =paz, tranquilidade

Pastor: [sem vontade

Sebastião: =sem vontade

Pastor: outro homem

Sebastião: =outro homem parece outra cabeça

Pastor: se vem dinheiro na mão o pensamento não é biqueira

Sebastião: NÃO nem lembrei parece que eu nunca usei nada.

Testemunho de Valéria

(A vida era assim...)

Bispo: Valéria, teu vício era o que Valéria?

Valéria: cigarro cocaína crack bebida tudo.

(o que levou a...)

Bispo: e aí nesses vinte e dois anos vício foi ficando cada vez pior acredito foi perdendo o que chegou ao ponto de fazer o que pra tentar sair como que ficou a sua situação?

Valéria: então o ponto máximo do do vício foi quando eu depois de dois ou três dias na rua -- eu não me recordo tá isso me falam que aconteceu -- que eu entrei dentro de casa, eu tenho uma mãe de oitenta e três anos, um filho de quator-, vai fazer quatorze, eu cheguei querendo quebrar tudo e eu fui pra cima do meu filho. eu tentei matá-lo.

(até que...)

Bispo: tentou matar, você não lembrava, disseram isso pra você, e aí quando você veio em si o que que aconteceu?

Valéria: então esse dia foi o pior dia da minha vida, ou da minha não vida né porque minha vida começou ali por incrível que pareça, meus irmãos intervieram -- eu tenho dois irmãos -- eles intervieram eu tomei uma BAI::TA surra eu não senti absolutamente nada. eu vim sentir as dores no outro dia porque eu vi hematomas, calombos pelo corpo, toda roxa, enfim, só que daí eu já não podia mais entrar na minha casa, eu estava na ↑rua e foram dez dias na RUA em situação de ↑rua. foi expulsa de casa.

(e hoje, após a conversão...)

Bispo: e aí pra gente resumir como que tá a Valéria hoje?

Valéria: isso que vocês tão vendo vinte quilos mais gorda hhh com uma casa morando numa casinha simples humilde mas muito honesta já tem uma proposta de trabalho temporá:rio

Bispo: o ↑vício fissura vontade pensamento cigarro crack

Valéria: eu tenho nojo.

Bispo: e agora pra quem não acreditava e achava que era mentira, e aí, acredita?

Valéria: eu acho que a melhor coisa é acreditar.

- Narrativa-causa
- Narrativa-consequência
- Narrativa-ponto-de-virada
- Narrativa-coda

Figura 13: Estruturação das narrativas testemunhais do programa Vício Tem Cura.

Se alterarmos a ordem de aparecimento das narrativas-filhas, perdemos o sentido que elas constroem conjuntamente, que incide diretamente em um entendimento de que substâncias são ruins e, por isso, provocam coisas ruins nas nossas vidas; mas, uma vez que se procura Deus, tudo se resolve. O ponto de virada, que é a resolução final da história, marca a derradeira transição entre o *eu* do passado e o *eu* do presente. Juntas, as narrativas-filhas compõem um todo maior: uma transição identitária, que se configura em uma narrativa-mãe, que aglutina todos os relatos, sistemas de coerência e visões de mundo aproximados e construídos ao longo da interação.

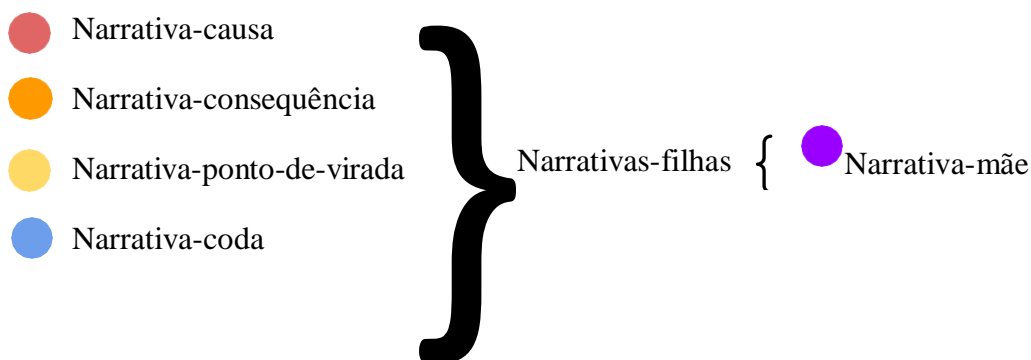


Figura 14: Relação entre narrativas-filhas e narrativa-mãe.

O trabalho de estruturação é muito similar ao feito por Labov (1972) e os estudos da primeira virada narrativa. Porém, apesar de serem parte importante da minha pesquisa, não me limito a eles.

Interação: A interação entre pastor/bispo e narrador/narradora marca a apresentação de um roteiro baseado em uma dinâmica de perguntas que faz emergir uma série de histórias envolvendo o uso de substâncias e as interseções de Deus na

vida humana. No excerto abaixo, um trecho do testemunho de Luiz que não foi apresentado até esse momento do texto, é possível vermos com mais especificidade que os pastores/bispos têm um conjunto de respostas preferidas e despreferidas.

Excerto 16 — *usou?*

50	Pastor João	e aí veio, e aí o que que mudou?
51	Luiz	veio, no primeiro dia eu já senti que tinha
52		acabado tudo só que eu () relutei né que eu vi
53		que no sábado eu saí, foi onde que eu saí com a
54		irmã dela, acabei batendo na irmã dela.
55	Pastor João	usou?
56	Luiz	[() <eu voltei a usar>
57	Pastor João	quer dizer você veio um domingo naquela semana,
58		você ainda então usou ainda teve problema
59	Luiz	=tive problema
60	Pastor João	mas não deixou de vir
61	Luiz	não deixei de vir. aí foi quando eu falei "não
62		agora eu parei"
63	Pastor João	decidiu obedecer
64	Luiz	obedecer.

Quando o pastor indaga Luiz sobre o que mudou em sua vida após passar pelo tratamento, Luiz responde que sentiu uma certa diferença "no primeiro dia eu já senti que tinha acabado tudo" (linhas 51 e 52), mas o efeito da cura não foi definitivo — Luiz teve uma recaída, voltou a usar substâncias mesmo indo à igreja (linha 56), o que acarretou em uma agressão contra a irmã de Vanessa, sua prima.

O relato de Luiz sobre seu recorrente uso de substâncias pós-conversão não parece ser uma história preferida pelo pastor, que busca uma justificativa para a recaída de Luiz, algo que não deveria ter acontecido. O pastor então diz "quer dizer você veio um domingo naquela semana" (linha 57), ou seja, Luiz ainda não era um fiel assíduo, visto que ele frequentou a igreja apenas uma vez na semana de sua recaída. No entanto, quando Luiz frequenta a igreja com uma frequência maior, decide de fato obedecer (linha 63), o tratamento, o ritual de cura que parecia ter sua veracidade abalada, assume novamente na narrativa seu poder e eficácia. De tal modo, Luiz, bem como os demais "ex-viciados", recebem a oportunidade de se redimir de seus erros e ter uma nova vida. Assim, a aderência a uma identidade homogênea e purista é encenada — encenação essa que, de acordo com o programa,

garante muitas bênçãos, que são proporcionais à dedicação aos preceitos de Deus e à igreja.

O público que assiste às encenações é um participante ativo da interação com seus aplausos e gritos de "Glória a Deus!" e várias outras frases de enaltecimento divino, que preenchem o som de fundo dos testemunhos e atribuem aos relatos e ao ritual uma força performativa ainda maior. As interações online são bloqueadas no Youtube, visto que o canal do programa Vício Tem Cura tem desativada a ferramenta "comentar" em seus vídeos na plataforma. Suponho que isso aconteça em virtude de certos comentários que questionam a veracidade dos vídeos ou os satirizam. Vários comentários feitos no Instagram, onde é possível interagir virtualmente com o programa, alegam que os rituais de cura e os testemunhos não passam de uma farsa. Um exemplo disso pode ser visto no seguinte print extraído do vídeo do Pastor Aldo trazido no excerto 2, página 69:



Figura 15: Choques interacionais.

O comentário em destaque em vermelho ironiza um vídeo que divulga informações sobre em que consiste o "tratamento de cura" ofertado pelo programa Vício Tem Cura, recomendando à página "fazer uma novela", ficcionalizando a fala

do pastor. Em termos de oposição, a internet se destaca como um mecanismo de questionamento das práticas interacionais realizadas nas igrejas iurdianas. Esta pesquisa segue pelo mesmo caminho, propondo uma reflexão crítica do ritual de cura oferecido pelo programa Vício Tem Cura e os testemunhos de cura, que também formam o ritual e sedimentam um discurso sobre uso de substâncias que o recrimina e o põe como culpa do sujeito que é mentalmente fraco por não frequentar a igreja iurdiana, conforme ratificado pelos pastores e bispos ao longo dos testemunhos analisados. Acredito que, apesar de ser difícil perfurar a bolha neopentecostal e adentrar seus recintos uma vez que não sou parte da comunidade, minha pesquisa colabora para uma inflexão dialógica do discurso neopentecostal, que não pode ser imune a críticas por se embasar em um dogma ou um estatuto divino como a Bíblia visto que suas ações geram efeitos no plano material em que vivemos, e não apenas em um pós-vida.

Embates discursivos: O Programa Vício Tem Cura parece ter o objetivo de silenciar vozes e ofuscar o aparecimento de qualquer outra identidade ou de qualquer história sobre o uso de substâncias que não remeta à proibição, doença, sofrimento e castigo. Vejo que há um monologismo muito forte no programa. Pode-se falar sobre substâncias, mas não de qualquer forma. A pragmática é um recurso linguístico importante para o programa, pois ela coloca as histórias sobre substâncias dentro de uma forma idealizada de contá-las e interpretá-las. Portanto, os embates discursivos que estão em duelo no programa Vício Tem Cura são gerados a partir de um entendimento de que substâncias são um problema de ordem espiritual.

7

Considerações finais — conectando os pontos

A cultura desempenha um papel fundamental em nossas vidas. Do uso da linguagem ao modo de nos relacionarmos uns com os outros, a cultura é uma peça crucial de nossa formação enquanto sujeitos. A psicologia popular, "um sistema pelo qual [organizamos nossas experiências] no mundo social" (BRUNER, 1997, p. 41), nada mais é que a condensação da cultura em princípios que regem o convívio em sociedade. Ou seja, o modo como nos comportamos em nossa vida privada e pública é baseado em

um conjunto de descrições mais ou menos conectadas, mais ou menos normativas, sobre como os seres humanos "pulsam", como é a nossa própria mente e como são as dos outros, o que podemos esperar que seja uma ação situada, quais são os estilos de vida possíveis, como nos comprometemos com eles e assim por diante (*Ibid.*, p. 40).

Portanto, os significados que circulam com mais frequência atingindo maior grau de consenso formam um cânone. O que foge do cânone é interpretado como desvio, rupturas com as expectativas de comportamento esperadas. Por exemplo, em nossa cultura, é esperado que um pai promova o sustento da família. Quando esse pai, ao invés de levar o sustento para casa, o tira, é percebido como desviante. Assumindo a perspectiva de Bruner (1997), podemos dizer que as histórias contadas sobre vender as fraldas do próprio filho, ou tentar matá-lo, serão organizadas em uma narrativa pois relatam a violação de "crenças constituintes de uma psicologia popular" (p. 43), já que não costumam ser o esperado. De acordo com Bruner (1997), "quando as coisas 'são como deveriam ser', as narrativas da psicologia popular são desnecessárias" (p. 44), portanto, quando as coisas não são como deveriam ser, narrativas são mobilizadas, pois elas nos auxiliam a atribuir sentido a eventos que, tomando a psicologia popular, não são esperados. No caso de Luiz, sua entrada para o tráfico passa a ser compreendida como uma ação movida pela influência de uma entidade espiritual maligna. Leandro abandona a família e vende as coisas de casa. Observando os significados construídos nas narrativas analisando ao longo deste trabalho, percebemos que há um empreendimento que dá conta de uma "possessão maligna", perceptível nos testemunhos de Sebastião, Valéria e Natã. Cida e Alzirene são mães que apesar de quase apresentarem um desvio à psi-

cologia popular, circunscrita em seus espaços interacionais de circulação, que têm um papel muito bem definido para elas, seguem firmes em seus propósitos e desempenham suas funções socialmente requeridas com maestria.

A narrativa pode ser uma forma de significar eventos não explicados pela psicologia popular, uma vez que através dela organizamos nossas experiências a partir de conexões com sistemas de coerência, atribuindo sentido ao que está sendo relatado, ao outro e a nós mesmos, ratificando pertencimento a determinados grupos e rompendo e aderindo a novas identidades. A partir de narrativas, sejam elas prototípicas ou *small stories*, podemos gerar compreensões sobre todo um arsenal semiótico que, além de auxiliar na construção de identidades, cristaliza preconceitos, injustiças e violências. Foi exatamente esse exercício que tentei realizar nesta pesquisa, tomando como lócus de observação um programa neopentecostal que opera com uma cura para o uso de substâncias. Nesse sentido, no capítulo 2 tracei um panorama dos entendimentos que circulam em nossa sociedade na contemporaneidade sobre substâncias bem como o uso de substâncias a partir de alguns discursos-chave, o discurso legislador, o discurso médico e o discurso neopentecostal, focando nesse último, em virtude do campo de observação do trabalho: o programa iurdiano Vício Tem Cura. No capítulo 3, organizei os referenciais teórico-metodológicos e as ferramentas analíticas que considerei importantes para a formação de minhas análises, pensando a Análise de Narrativa como uma importante ferramenta para tecermos interpretações sobre valores sociais e identitários que atravessam os mais variados grupos e organizações que compõem nossa sociedade — pois, de um dado micro, gerado de um contexto ordinário, é possível levantarmos perguntas sobre como opera toda uma ordem discursiva que condena o uso de substâncias e permeia as mais diversas relações de poder existentes no mundo atual. No capítulo 4, delimito o campo que me propus a investigar, situando o programa Vício Tem Cura dentro de uma grade de outros programas religiosos muito populares em nosso país em virtude das figuras que os protagonizam como o Bispo Macedo, por exemplo, o grande nome por trás da Igreja Universal do Reino de Deus. No capítulo 5, apresento os dados que selecionei para análise, focando nos testemunhos de sujeitos autodenominados "ex-viciados", pensando sobre o sistema de coerência iurdiano que espiritualiza as substâncias e os princípios de causalidade em que estão inscritos. O capítulo 5 tem como cerne *a queda*, o relato de uma vida passada atribulada e repleta de sofrimento que marca

uma distinção entre quem os "ex-viciados" eram no tempo de uso de substâncias e quem são pós-conversão e superação do "vício". Assim, percebo como os adeptos desse programa reivindicam pertencimento ao espaço que ocupam no momento de seus testemunhos, despindo e vestindo identidades. Pontuo, ainda, narrativas vicárias como parte importante para a produção de significados. No capítulo 6, abordo três movimentos importantes que os testemunhos analisados mobilizam: (1) *o calvário*, o relato, negativamente avaliado, de sofrimentos que ressignificam experiências de vida passadas no que tange a prática de uso de substâncias; (2) *o levantar*, o relato de uma experiência que firma um pacto entre sujeito e igreja, que provê uma série de bênçãos e sucessos; e (3) *a tentação*, o relato de uma história que finca a filiação dos "ex-viciados" a uma identidade requerida pelas igrejas iurdianas e a adesão deles a um novo grupo social. Ao final do capítulo 6, elaboro um desenho de como as narrativas testemunhais que emergem no programa Vício Tem Cura se estruturam, pensando a composição das narrativas a partir de um princípio de causalidade. Assim, percebi que os testemunhos são compostos do relato de várias histórias, que representam uma causa, uma consequência, um ponto-de-virada e uma coda. A esses relatos, que têm seus significados próprios e individuais, dei o nome de narrativas-filhas. A junção dessas narrativas constrói um testemunho, que produz um significado maior. O testemunho nomeei de narrativa-mãe. Dessa forma, considerei que todos os testemunhos possuem uma estrutura comum, ainda que não sejam narrativas prototípicas. Tomei a liberdade de fazer o uso do termo *narrativa* em *narrativa-mãe* e *narrativa-filha* à luz do conceito *small stories*, de Michael Bamberg e Alexandra Georgakopoulou (2008), ou seja, do entendimento de que narrativa não é, necessariamente, um conjunto mínimo de duas orações temporalmente ordenadas que remetem a um passado remoto.

Em relação a meus objetivos iniciais listados na introdução, observo que o uso de substâncias é colocado em nossa sociedade como algo a ser evitado, que deveria ser eliminado do mundo, o que se conecta a questões mais amplas na contemporaneidade Ocidental quando se trata do uso de substâncias. No entanto, tais significados não levam em consideração os gatilhos que o próprio mundo dispara incentivando o consumo de substâncias, e, até mesmo, gatilhos de ordem biológica como hereditariedade, e influências culturais que legitimam a aderência

a um determinado grupo, como o uso de maconha pelos *smoke buddies*²³. No contexto religioso, conforme observado nos dados, as histórias que emergem sobre o uso de substâncias também se escoram em princípios morais de proibição do uso de substâncias independentemente de quais sejam as circunstâncias — no entanto, se diferenciam de qualquer outro por relacionarem o uso de substâncias a uma prática profana, que é ocasionada pela "possessão de um espírito maligno que domina a mente". Para se livrar de tal espírito, para os discursos que circulam no âmbito neopentecostal, é necessário se converter, "aceitar Deus no coração". Assim, ao contar histórias sobre substâncias em alguns cenários neopentecostais como o do programa Vício Tem Cura, substâncias são marginalizadas e identidades obliteradas, corroborando para a criação e a performance de uma identidade idealizada e homogênea, que serve de referência para um tipo de vida ideal. De tal modo, quando se fala de substâncias, muitas vezes, condena-se grupos e inviabiliza-se a emergência e a construção de leis que preservem a vida desses grupos, bem como a capacidade de se ter empatia por eles.

Ao longo das reflexões que esta pesquisa me gerou, chego à seguinte reflexão: a performance de uma identidade desviante que alude a um "viciado" é significada como algo a ser reprimido nos testemunhos analisados porque o contexto em que as narrativas ganham vida requer um modo específico de se falar sobre as histórias que contam. Por isso, todas as histórias sobre o uso de substâncias relatadas no programa Vício Tem Cura, incluindo as narrativas vicárias, tecem avaliações negativas sobre a identidade do "vício" e as substâncias, reforçando a prática do uso de substâncias enquanto algo ruim e problemático. Tudo o que acontece de ruim é culpa da "droga", do "vício", dos sujeitos. O único fator externo colocado em jogo é o espiritual, mas, ainda assim, ele só entra em cena porque os sujeitos se constroem como vulneráveis, como pessoas que praticamente pedem para ter seus corpos dominados pelo "espírito do vício". A categorização do uso de substâncias pelo programa enquanto um problema espiritual redireciona discussões acerca do tema da esfera de saúde pública para âmbitos religiosos — nesse jogo, discursos neoliberais emaranham-se ao programa Vício Tem Cura e aos testemunhos que dele emergem, colocando o sair do "vício" como um mero "querer". Significados como esses, ao mesmo passo que ampliam vulnerabilidades,

²³ Grupo que se popularizou no Facebook criando um espaço virtual de troca de informações sobre o consumo, cultivo, compra e venda de maconha.

diminuem o debate público sobre políticas de saúde que tangenciam o uso de substâncias. Assim, templos e igrejas são transformados em centros ambulatoriais, pastores e bispos em médicos e usuários de substâncias em fiéis.

Coda — justificativa de pesquisa e reflexões sobre o processo de escrita e variáveis da pesquisa acadêmica

Retomo aqui o texto, pós sua escrita e defesa, para elaborar algumas considerações sobre como se deu o início, desenvolvimento e conclusão da minha pesquisa. A ideia é acrescentar uma justificativa sobre a escolha de meu tema e tecer alguns comentários acerca dos desdobramentos dessa escolha para meus amigos de pós-graduação.

Iniciei o mestrado em 2020, logo após a conclusão da graduação em 2019. Foi um momento de extrema alegria, pois estava realizando um sonho que vinha sendo semeado há um certo tempo em função dos trabalhos que desenvolvi enquanto bolsista do Programa de Ensino Tutorial do Departamento de Letras da PUC-Rio entre os anos de 2017 e 2019. No entanto, na segunda semana de aulas da pós-graduação, ocorreu algo inesperado: uma pandemia. Com isso, as aulas no campus foram suspensas, os laços com meus amigos e professores se limitaram a conexões banda larga instáveis e o que era o início de um sonho se desfez em tristeza. Como fazer um mestrado à distância? Como desenvolver uma pesquisa que depende do contato com seres humanos em meio a um cenário pandêmico?

Ingressei no mestrado com a ideia de estudar sobre neoliberalismo e práticas de trabalho a partir de entrevistas com vendedores ambulantes que trabalham no interior dos vagões dos trens da Supervia, no Rio de Janeiro. Porém, com o *lockdown*, só era permitido acessar as estações de trem com comprovação em carteira de trabalho, o que afetou diretamente o desenvolvimento da minha dissertação. Quando o acesso às estações foi liberado em meados de 2020, o aumento do número de contágios e mortes por COVID-19 era maior a cada dia que passava, o que me fez insistir em esperar pelo momento adequado para dar início à parte prática da pesquisa; porém, a espera foi em vão. O Brasil batia recordes de óbitos, e eu não queria colocar meus familiares em risco. Em 2021 decidi que deveria mudar de tema e pincelei algumas ideias sobre transição capilar, uma vez que eu havia assumido o crescimento do meu cabelo cacheado. Mas, foi difícil elaborar um objetivo em meio a tantas abordagens que eu poderia dar cabo. Então, o que fazer?

Certo dia, entre o intervalo de uma aula e outra, no quarto de casa, a televisão estava ligada em um canal aleatório, que transmitia um programa religioso neopentecostal que prometia o que eles chamavam de "cura definitiva para os vícios". Recordo que fiquei muito impressionado com a cena que vi: um pastor, inteiramente vestido de branco, trajado com um jaleco, como um médico, expurgando do corpo de um fiel um denominado "espírito do vício". A cena, que o programa divulgava como um *tratamento*, se baseava no que entendemos vulgarmente por exorcismo. Fiquei intrigadíssimo com o que vi e pensei: como é possível deslocarem uma questão de ordem social para uma esfera espiritual? Quais são os ganhos e as perdas disso? Segui com esses questionamentos em mente por um longo período, até que, em conversa com minha orientadora, decidi fazer daquele programa meu objeto de pesquisa. Assim, o programa Vício Tem Cura se tornou o lócus de observação do meu trabalho, ao final do primeiro semestre de 2021.

Escrevi ao longo do mês julho de 2021, um período de férias, a base do que seria minha nova dissertação. Como não era possível reaproveitar muito do que eu havia escrito e lido, pois os temas que eu precisei abandonar tinham pouco ou quase nada em comum, tive que correr atrás de novas bibliografias, reler incessantemente meus dados e ter várias conversas com minha orientadora e o grupo de pesquisa para formular meus objetivos e perguntas de pesquisa para então encaminhar as análises para uma direção específica. Foram tempos difíceis, de extremo estresse, mas, aos poucos, as coisas foram tomando forma e a saúde mental se recompondo. Chegar ao texto que apresento aqui foi um trabalho de incontáveis idas e vindas, escritas e apagamentos. A lição mais importante que tomo do meu mestrado é a seguinte: não podemos ter receio ou medo de jogar coisas fora, tampouco de começar de novo. Como diz um grande professor que tenho, alguns naufrágios são inevitáveis, por isso, abandonar o barco é imprescindível para não afundar junto com ele. E eu pulei do barco duas vezes.

Apesar de formularmos algumas hipóteses, nunca sabemos de fato o que esperar de uma pesquisa. Assim como um entrevistado pode desistir de conceder uma entrevista ou desembocar em falar de assuntos que não eram o esperado, um gravador pode descarregar no momento mais inoportuno possível de um relato, um arquivo corromper, uma página do diário de pesquisa se perder, ou uma pandemia entrar no meio do caminho. Em ambos os casos, uma atitude responsiva será

requerida: repensar o caminho da pesquisa. Muitas vezes, ficamos muito presos às nossas ideias iniciais, como se tivéssemos medo do inesperado. E, sendo sincero, não temos que temer o inesperado, pois é nele que se encontra a dúvida, o motor central do fazer científico.

9

Referências

ALBUQUERQUE, Natalia Cucinelo. **Mulheres na fila de visitaço**: a construção discursiva da inocência de parentes presos em narrativas vicárias. Dissertação de mestrado (mestrado em Estudos da Linguagem) — Programa de Pós-graduação em Estudos da Linguagem, Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro. Rio de Janeiro, 2017.

ARAUJO, Etyelle Pinheiro de. **Cada luto, uma luta**: narrativas e resistência de mães contra a violência policial. Tese de doutorado (doutorado em Estudos da Linguagem) — Programa de Pós-graduação em Estudos da Linguagem, Rio de Janeiro: Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, 2021.

ARAUJO, Etyelle Pinheiro de; BASTOS, Liliana Cabral; BIAR, Liana. "A galera encostada na parede com a mão pro alto e os caras aplicando bala de borracha" — a tentativa de resistência à repressão policial e as construções identitárias de uma manifestante. In: **LINGUAGEM EM FOCO**, v. 7, p. 11-22, 2015.

AUSTIN, John. **Quando dizer é fazer**. Trad. Danilo Marcondes de Souza Filho. Porto Alegre: Artes Médicas, 1990.

BAKHTIN, Mikhail. **Estética da criação verbal**. 4 ed. São Paulo, Martins Fontes, 1997.

BAMBERG, Michael. Stories: Big or small: Why do we care?. Narrative — **State of the Art**, v. 16, n. 1, 2006.

BAMBERG, Michael; GEORGAKOPOULOU, Alexandra. Small Stories as a new perspective in narrative and identity analysis. In: **Text & Talk**, v. 28, n. 3, 2008.

BASTOS, Liliana Cabral. Estórias de mulheres e homens: narrativa, sexo e construção de identidade. **The Especialist**, São Paulo, v. 20, n.1, p. 17-29, 1999.

_____. Fala treinada, tecnologia e identidade de gênero em atendimentos telefônicos. **Crop**, v. 9, p. 31-53, 2003.

_____. Narrativa e vida cotidiana. **Scripta**, v. 7, n. 14, p. 118-127, 2004

BASTOS, Liliana Cabral; BIAR, Liana. Análise de narrativa e práticas de entendimento da vida social. **DELTA**, v. 31, 2015.

BATISTA, Ygor Almeida; COSTA, Maurício de Freitas. Facções criminosas e os mecanismos de combate ao crime organizado no Brasil. In: **Recifaqui**, v. 3, n. 11, 2021.

BAUMAN, Zygmunt. **Modernidade líquida**. Trad. Plínio Dentzien. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2001.

BECKER, Howard. **Uma teoria da ação coletiva**. Trad. Márcia Bandeira de Mello Leite Nunes. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1977.

BETIM, Felipe. UPPs, mais uma história de esperança e fracasso na segurança pública do Rio. In: **El País**. Rio de Janeiro, mar. 2018. Disponível em: <https://brasil.elpais.com/brasil/2018/03/11/politica/1520769227_645322.html>. Acesso em 06 abr. 2022 às 20h21.

BIAR, Liana. **"Realmente as autoridades veio a me transformar nisso":** narrativas de adesão ao tráfico e a construção discursiva do desvio. Tese de doutorado (doutorado em Estudos da Linguagem) — Programa de Pós-graduação em Estudos da Linguagem, Rio de Janeiro: Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, 2012.

BIAR, Liana; ORTON, Naomi; BASTOS, Liliana Cabral. A pesquisa brasileira em Análise de Narrativa em tempos de "pós-verdade". In **LemD**, v. 21, n. 2, p. 231-251, maio/ago. 2021.

BÍBLIA. Português. **Bíblia sagrada**. Tradução de Padre Antônio Pereira de Figueredo. Rio de Janeiro: Encyclopaedia Britannica, 1980. Edição Ecumênica.

BONFANTE, Gleiton Matheus. (H)Erética: sobre ereções e ética. In: **LemD**, v. 21, n. 2, p. 211-230, maio/ago. 2021.

BRASIL. Câmara dos Deputados. Lei 10.216, de 6 de abril de 2001. Dispõe sobre a proteção e os direitos das pessoas portadoras de transtornos mentais e redireciona o modelo assistencial em saúde mental. 2001. Disponível em: <https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/leis_2001/110216.htm>. Acesso em 15 jul. 2021 às 19h55.

BRASIL. Ministério da Saúde. Gabinete do Ministro. Portaria nº 3.659, de 14 de novembro de 2018. Suspende o repasse do recurso financeiro destinado ao incentivo de custeio mensal de Centros de Atenção Psicossocial (CAPS), Serviços Residenciais Terapêuticos (SRT), Unidades de Acolhimento (UA) e de Leitos de Saúde Mental em Hospital Geral, integrantes da Rede de Atenção Psicossocial (RAPS), por ausência de registros de procedimentos nos sistemas de informação do SUS. 2018a. Disponível em: <https://www.in.gov.br/materia/-/asset_publisher/Kujrw0TZC2Mb/content/id/50486628/do1-2018-11-16-portaria-n-3-659-de-14-de-n>. Acesso em 15 jul. 2021 às 20h02.

BRASIL. Ministério da Saúde. Comissão Intergestores Tripartite. Resolução nº 35, de 25 de janeiro de 2018. **Diário Oficial da União**: seção 1, Brasília, DF, n. 26. p. 58-59. 6 fev. 2018b. Disponível em: <https://bvsms.saude.gov.br/bvs/saudelegis/cit/2018/res0035_06_02_2018.html>. Acesso em 15 jul. 2021 às 20h16.

BRASIL. Ministério da Saúde. Comissão Intergestores Tripartite. Resolução nº 36, de 25 de janeiro de 2018. **Diário Oficial da União**: seção 1 Brasília, DF, n. 26. p. 59. 6 fev. 2018c. Disponível em: <https://bvsms.saude.gov.br/bvs/saudelegis/cit/2018/res0036_06_02_2018.html>. Acesso em 15 jul. 2021 às 20h17.

BRASIL. Ministério da Saúde. Conselho Nacional de Saúde. Resolução nº 466, de 12 de dezembro de 2012. Disponível em: <<https://conselho.saude.gov.br/resolucoes/2012/Reso466.pdf>>. Acesso em 27 fev. 2022 às 12h13.

BRASIL. Ministério da Saúde. Conselho Nacional de Saúde. Resolução nº 510 de 07 de abril de 2016. Disponível em: <https://bvsms.saude.gov.br/bvs/saudelegis/cns/2016/res0510_07_04_2016.html>. Acesso em 27 fev. 2022 às 12h13.

BRASIL. Presidência da República. Secretaria-Geral. Subchefia para Assuntos Jurídicos. Decreto presidencial 9.761, de 11 de abril de 2019. Aprova a política nacional sobre drogas. 2019. Disponível em: <<https://www.in.gov.br/web/dou/-/decreto-n-9-761-de-11-de-abril-de-2019-71137316>> Acesso em 15 jul. 2021 às 19h57.

BRUNER, Jerome. **Atos de significação**. Trad. Sandra Costa. Porto Alegre: Artes Médicas, 1997.

BUCHER Richard. **Drogas e Sociedade nos Tempos de Aids**. Brasília: Editora UnB, 1996.

BUCHER, Richard; LUCCHINNI, Riccardo. À procura de uma abordagem interdisciplinar da toxicomania: In: **Drogas e Drogadição no Brasil**. Org. Richard Bucher. Porto Alegre: Artes Médicas, p. 181-204, 1992.

BUCHER, RICHARD.; OLIVEIRA, Sandra. O discurso do "combate às drogas" e suas ideologias. In: **Rev. Saúde Pública**, v. 28, n. 2, p. 137-145, 1994.

BUTLER, Judith. **Problemas de gênero**: feminismo e subversão da identidade. São Paulo: Editora José Olympio, 2018.

CARDOSO, Carlos Mota. "Droga", um problema de saúde pública. In: **Saúde Mental**, v. 3, n. 4, p. 9-17, jul./ago. 2001.

CAMARINI et. al. Farmacodependência e drogas de abuso. In: Paulo Caleb Júnior de Lima Santos. **Livro-texto farmacologia**. 1. ed., Rio de Janeiro: Atheneu, 2021.

CESEC. Comunidades terapêuticas no Rio de Janeiro: mapeamento e crítica. jul. 2020 a mai. 2021. Disponível em: <<https://cesecseguranca.com.br/projeto/comunidades-terapeuticas-no-rio-de-janeiro-mapeamento-e-critica/>>. Acesso em 23 jul. 2021 às 15h39.

COSTA, Janelise Bergamaschi Paziani; VALERIO, Nelson Iguimar. Transtorno de personalidade anti-social e transtornos por uso de substâncias: caracterização, comorbidades e desafios ao tratamento. In: **Temas em Psicologia**, v. 16, n. 1, jun. 2008, p. 107-119. Sociedade Brasileira de Psicologia Ribeirão Preto, Brasil

COSTA, Juvenal Soares Dias da; VICTORA, Cesar G. "O que é um problema de saúde pública"? In: Debate — **Rev. bras. epidemiol.**, v. 9, n. 1, mar. 2006. INCA. Dados e números da prevalência do tabagismo. Disponível em: <<https://www.inca.gov.br/observatorio-da-politica-nacional-de-controle-do-tabaco/dados-e-numeros-prevalencia-tabagismo>>. Acesso em 07 jul. 2021 às 15h02.

CRUZ, Cláudia Almada Galvina da; BASTOS, Liliana Cabral. Histórias de uma obesa: a teoria dos posicionamentos e a (re)construção discursiva das identidades. In: **LemD**, v. 15, p. 367-384, 2015.

CRUZ, Nelson F. O.; GONÇALVES, Renata W.; DELGADO, Pedro G. G. Retrocesso da Reforma Psiquiátrica: o desmonte da política nacional de saúde mental brasileira de 2016 a 2019. In: **Trabalho, Educação e Saúde**, v. 18, n. 3, 2020. Disponível em: <<https://www.scielo.br/j/tes/a/j6rLVysBzMQYyFxZ6hgQqBH/?lang=pt&format=pdf>>. Acesso em 15 jul. 2021 às 19h43.

CORTEZ, Yasmin Barros. Educação e ascensão social: performances narrativas de alunos da rede pública federal na Baixada Fluminense. In: **Revista Indisciplina em Linguística Aplicada**, v. 1, n. 1, 2020.

CUNHA, Tania.; ALVES, Ana. Elizabeth. Educação e violência nas relações de gênero: reflexos na família, no casamento e na mulher. In: **Em aberto**, v. 27, n. 92, p. 69-88, Brasília, jul./dez. 2014.

DE FINA, Anna. Narratives in interview — the case of accounts. For an interactional approach to narrative genres. In: **Narrative Inquiry**, v. 19, n. 2, p. 233-258, 2009.

DE FINA, Anna; GEORGAKOPOULOU, Alexandra. Introduction: narrative analysis in the shift from texts to practices. In: **Text & Talk**, v. 28, n. 3, p. 275-281, 2008.

DENZIN, Norman; LINCOLN, Yvonna. Introdução: a disciplina e a prática da pesquisa qualitativa. In: Denzin, N.; Lincoln, Y. **O planejamento da pesquisa qualitativa: teorias e abordagens**. Porto Alegre: Artmed, 2006.

FINE, Michelle et al. Para quem? Pesquisa qualitativa, representações e responsabilidades sociais. In: Denzin, N.; Lincoln, Y. **O planejamento da pesquisa qualitativa: teorias e abordagens**. Porto Alegre: Artmed, 2006.

FABRÍCIO, Branca Falabella. Linguística aplicada como espaço de "desaprendizagem" redescobertas em curso. In: **Por uma linguística aplicada**

indisciplinar. Org. Luiz Paula da Moita Lopes. São Paulo: Parábola Editorial, 2006.

_____. **Sociolinguística Interacional:** perspectivas inspiradoras e desdobramentos contemporâneos. Mórula Editorial, 2020.

FOUCAULT, Michel. **A ordem do discurso:** aula inaugural no Collège de France, pronunciada em 2 de dezembro de 1970. Trad. Laura Fraga de Almeida Sampaio. 24. ed., São Paulo: Edições Loyola, 2014 [1970].

_____. **A arqueologia do saber.** Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1997.

_____. **Os anormais:** curso no Collège de France (1974-1975). Trad. Eduardo Brandão. São Paulo: Martins Fontes, 2001.

_____. **História da sexualidade 1:** a vontade de saber. Rio de Janeiro: Paz & Terra, 2018.

_____. **História da sexualidade 4:** as confissões da carne. Ed. Frédéric Gros. Trad. Heliana de Barros Condes Rodrigues; Vera Portocarrero. 1. ed., São Paulo: Paz & Terra, 2020.

GASPARI, Elio. **A ditadura derrotada.** Rio de Janeiro: Editora Intrínseca, 2014.

GEE, James Paul. **An introduction to discourse analysis:** theory and method. London: Routledge, 1999.

GEORGAKOPOULOU, Alexandra. Thinking big with small stories in narrative and identity analysis. In: **Narrative Inquiry**, v. 16, n. 1, p. 122-130, 2006.

GOFFMAN, Erving. **A representação do eu na vida cotidiana.** Petrópolis: Vozes, 1995.

_____. **Estigma:** notas sobre a manipulação da identidade deteriorada. Trad. Márcia Bandeira de Mello Leite Nunes. 4. ed., Rio de Janeiro: LTC, 2008.

GRUND, Jean-Paul. **Drug use as a social ritual-functionality, symbolism and determinants of self-regulation.** Rotterdam: Erasmus Universiteit, 1993.

GUSMÃO, Eduardo Henrique Araújo de. **Ritual, cura e experiência na Igreja Universal do Reino de Deus.** Dissertação de mestrado (mestrado em Antropologia) — Programa de Pós-graduação em Antropologia, Universidade Federal de Pernambuco. Recife, 2005.

HALL, Stuart. **A identidade cultural na pós-modernidade.** Trad. Tomaz Tadeu da Silva; Guaracira Lopes Louro. 11. ed., Rio de Janeiro: DP&A, 2006.

HARI, Johann. **Na fissura**: uma história do fracasso no combate às drogas. Trad. Hermano de Freitas. 1 ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2018.

INFOPEL. Levantamento Nacional de Informações Penitenciárias — período de julho a dezembro de 2019. Disponível em:
<<https://app.powerbi.com/view?r=eyJrIjoiMmU4ODAwNTAtY2IyMS00OWJiLWE3ZTgtZGNjY2ZhNTYzZDliIiwidCI6ImViMDkwNDIwLTQ0NGMtNDNmNy05MWYyLTRiOGRhNmJmZThlMSJ9.>> Acesso em 24 dez. 2021 às 11h47.

JAMES, William. (2007). **The principles of psychology, v. I**. Nova York: Cosimo Classics, 2007 [1890].

LABOV, William; WALETZKY, Joshua. Narrative Analysis: oral versions of personal experience. In: June Helm (Org.). **Essays on the verbal and visual arts**. Seattle: University of Washington Press, 1967.

LABOV, William. **Language in the inner city**: studies in the black english vernacular. Philadelphia: University of Philadelphia Press, 1972.

LINDE, Charlotte. **Life stories**: the creation of coherence. Oxford: Oxford University Press, 1993.

LOBO, Maria Haddock. **A comunicabilidade do caso Carlos Eduardo de Albuquerque Maranhão**: caminhos e descaminhos de um discurso de resistência na Cracolândia paulista. Dissertação de mestrado (mestrado em Estudos da Linguagem) — Programa de Pós-graduação em Estudos da Linguagem, Rio de Janeiro: Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, 2021.

MACRAE, Edward. **Antropologia**: aspectos sociais, culturais e ritualísticos. In: Dependência de drogas. Org. S. D. Seibel; A. Toscano Jr. São Paulo: Editora Atheneu, p. 25-34, 2001.

MARQUES, Débora; BASTOS, Lilianna Cabral. A construção do self e do outro nas narrativas de um suspeito em um interrogatório policial da delegacia da mulher. In: **Revista Virtual de Estudos da Linguagem**, v. 12, p. 7-27, 2014.

MBEMBE, Achille. **Necropolítica**. São Paulo: N-1 edições, 2018.

MISHLER, Elliot. "Narrativa e identidade: a mão dupla do tempo". In: MOITA LOPES, L. P. e BASTOS, L. C. (Orgs.) **Identities**: recortes multi e interdisciplinares. Campinas, SP: Mercado de Letras, 2002.

MOITA LOPES, Luiz Paulo da. Práticas narrativas como espaço de construção das identidades sociais: uma abordagem socioconstrucionista. In: **Narrativa, Identidade e Clínica**. Edições IPUB: Rio de Janeiro, 2001.

_____. **Identities fragmentadas**: a construção discursiva de raça, gênero e sexualidade em sala de aula. Mercado de Letras, 2002.

_____. *Linguística aplicada e vida contemporânea — problematização dos construtos que têm orientado a pesquisa*. In: **Por uma linguística aplicada indisciplinar**. Org. Luiz Paula da Moita Lopes. São Paulo: Parábola Editorial, 2006.

NOGUEIRA JÚNIOR, Gilberto. **Mercado de drogas repressão**: efeitos da intervenção governamental sobre a violência gerada pelo mercado de drogas numa rede verticalmente relacionada. Dissertação de mestrado (mestrado em Economia) — Programa de Pós-graduação em Ciências Econômicas, Recife: Universidade Federal de Pernambuco Recife, 2019.

NORRICK, Neal. Narratives of vicarious experience in conversation. In: **Language in Society**. Cambridge University Press, vol. 42, n. 4, 2013.

ORGANIZAÇÃO MUNDIAL DA SAÚDE. **Neurociência do uso e da dependência de substâncias psicoativas**. Trad. Fábio Corregiari. São Paulo: Roca, 2006.

ORTON, Naomi. "Myths, "truths" and the role of applied linguistics in contemporary society. In: **Trabalhos em Linguística Aplicada**, v. 60, n. 2, 2021.

PAVIN, Nádia Souza et al. Medicalização em psiquiatria. In: **Saúde & Conhecimento** — Jornal de Medicina Univag, v. 2, 2018.

RAJAGOPALAN, Kanavillil. **Por uma linguística crítica**: linguagem identidade e a questão ética. São Paulo: Parábola Editorial, 2003.

RAMPTON, Ben. Continuidade e mudança nas visões de sociedade em linguística aplicada. In: **Por uma linguística aplicada indisciplinar**. (Org. Luiz Paula da Moita Lopes). São Paulo: Parábola Editorial, 2006.

ROCHA, Camilo. A ascensão e influência das igrejas neopentecostais no Brasil. In: **NEXO**. 19 abr. 2020. Disponível em: <<https://www.nexojournal.com.br/explicado/2020/04/19/A-ascens%C3%A3o-e-influ%C3%Aancia-das-igrejas-neopentecostais-no-Brasil>>. Acesso em 05 abr. 2022 às 20h31.

RONZANI, Telmo Mota; NOTO, Ana Regina; SILVEIRA, Pollyanna Santos da. **Reduzindo o estigma entre usuários de drogas**: guia para profissionais e gestores. Ana Luísa Marlière Casela [et al.] (Colab.) — Juiz de Fora: Editora UFJF, 2014

ROSA, Márcia. O perigo da infância: uma armadilha para pegar adultos? In: **Psicologia em Revista**, Belo Horizonte, v. 24, n. 1, p. 318-329, abr. 2018.

ROUSSEAU, Jean-Jacques. **O contrato social**: princípios do direito político. 3.ed. São Paulo: Martins Fontes, 1996.

SACKS, Harvey; SCHEGLOFF, Emanuel; JEFFERSON, Gail. Sistemática elementar para a organização da tomada de turnos para a conversa. In: **Veredas**, v. 7, n. 1 e 2, 2003. Traduzido de: A Simplest Systematics for the Organization of Turn Taking for Conversation. *Language*, v. 50, n. 4, p. 696-735, 1974.

SANTOS, Alexandre Florencio dos. "**Eu era empregado, agora sou patrão**": análise narrativa de testemunhos alinhados à Teologia da Prosperidade. Dissertação de mestrado (mestrado em Estudos da Linguagem) — Programa de Pós-graduação em Estudos da Linguagem, Rio de Janeiro: Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, 2016.

SANTOS, Alexandre Florencio dos, Liana Biar. Do capitalismo produtivo ao capitalismo financeiro: construção da coerência em testemunhos neopentecostais de prosperidade. In: **Domínios de Lingu@gem**, v. 12, p. 92-120, 2018.

SANTOS, Maria Paula Gomes dos. Políticas de cuidado a pessoas com transtornos decorrentes do uso de drogas: controvérsias em torno das Comunidades Terapêuticas Populares. In: **Anais 41º Encontro Anual da ANPOCS**, out. 2017. Disponível em:

<www.anpocs.com/index.php/encontros/papers/41-encontro-anual-da-anpocs/spg-4/spg11-4/10967-politicas-de-cuidado-a-pessoas-com-transtornos-decorrentes-do-uso-de-drogas-controversias-em-torno-das-comunidades-terapeuticas?path=41-encontro-anual-da-anpocs/spg-4/spg11-4>. Acesso em 25 jul. 2021 às 17h52.

SILVA, Bárbara da. **Importância da biossegurança em laboratórios de análises clínicas**. TCC (graduação em Biomedicina) — Escola Superior em Meio Ambiente, Fundação Educacional Vale do São Francisco. Minas Gerais, 2018. Disponível em: <<http://repositorio.fevASF.edu.br/handle/FEVASF/12>>. Acesso em 23 jul. 2021 às 16h00.

SILVERSTEIN, Michael. Indexical order and the dialectics of sociolinguistic life. In: **Language & communication**, v. 23, n. 3-4, p. 193-229, 2003.

SCHWANDT, Thomas. Três posturas epistemológicas para a investigação qualitativa. In: Denzin, N.; Lincoln, Y. **O planejamento da pesquisa qualitativa: teorias e abordagens**. Porto Alegre: Artmed, 2006.

SCHWANCK, Aldo Pagliani. A evolução da legislação antidrogas no Brasil sob a ótica da problemática do usuário. In: **Revista Multidebates**, v.2, n.2, set. 2018.

TAVEIRA, Dayse Maria Oliveira dos Santos. "**Coé, chegaí**": pesquisando a dinâmica da formação de grupos de adolescentes em narrativas de inclusão e exclusão. Tese de doutorado (doutorado em Estudos da Linguagem) — programa de Pós-Graduação em Letras da PUC-Rio, Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro. Rio de Janeiro, 2012. Disponível em:

<<https://www.maxwell.vrac.puc-rio.br/colecao.php?strSecao=resultado&nrSeq=21051@1>>. Acesso em 30 jul. 2021 às 20h29.

UNODC. Relatório Mundial sobre Drogas 2019: 35 milhões de pessoas em todo o mundo sofrem de transtornos por uso de drogas, enquanto apenas uma em cada sete pessoas recebe tratamento. Disponível em:

<

VELHO, Gilberto. Duas categorias de acusação na cultura brasileira contemporânea. In: **Individualismo e cultura**. Rio de Janeiro: Zahar, p. 55-64, 1981.

ZINBERG, Norman. The social setting as a control mechanism. In: D. J., Lettieri; M. Mayers; H. W. Pearson. **Theories on drug abuse**. NIDA Research Monograph, 1980.

10

Anexo: convenções de transcrição

[colchetes]	fala sobreposta.
=	contiguidade entre falas.
.	descida de entonação.
?	subida de entonação.
,	entonação contínua.
:	alongamento de som.
-	autointerrupção.
<u>sublinhado</u>	acento ou ênfase de volume.
MAIÚSCULA	ênfase acentuada.
°	fala mais baixa imediatamente após o sinal.
°palavras°	trecho falado mais baixo.
↑	subida acentuada na entonação.
↓	descida acentuada na entonação.
>palavras<	fala comprimida ou acelerada.
<palavras>	desaceleração da fala.
<palavras	início acelerado.
hhh	aspirações audíveis.
(())	comentários do analista.
(palavras)	transcrição duvidosa.
()	transcrição impossível.
“aspas”	fala reportada.